

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN
NÍVEL DOUTORADO

DIÔNIFER ALAN DA SILVEIRA

metAMORfose:
uma proposta de revolução pelo amor na educação da vida através do design
estratégico

Porto Alegre
2025

DIÔNIFER ALAN DA SILVEIRA

**metAMORfose:
uma proposta de revolução pelo amor na educação da vida através do design
estratégico**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
Design pelo Programa de Pós-Graduação
em Design da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Dra. Ione Maria Ghislene Bentz

Porto Alegre
2025

S587m Silveira, Diônifer Alan da.
 metAMORfose : uma proposta de revolução pelo amor na
 educação da vida através do design estratégico / Diônifer Alan
 da Silveira. – 2025.
 118 f. : il. ; 30 cm.

 Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
 Programa de Pós-Graduação em Design, 2025.

 “Orientadora: Profa. Dra. Ione Maria Ghislene Bentz”

 1. Amor. 2. Complexidade. 3. Design estratégico. 4. Educação
 da vida. 5. metAMORfose. 6. Primeira infância I. Título.

CDU 7.05

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

DIÔNIFER ALAN DA SILVEIRA

**metAMORfose:
uma proposta de revolução pelo amor na educação da vida através do design
estratégico**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
Design pelo Programa de Pós-Graduação
em Design da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.

Aprovada em 22 de setembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Ione Maria Ghislene Bentz - UNISINOS (Orientadora)

Prof.^a Dra. Karine de Mello Freire - PUC-RIO

Prof.^a Dra. Ana Paula da Silveira dos Santos - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Prof. Dr. Paulo Henrique da Rocha Bittencourt - UNISINOS

Prof. Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer - UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Para Adelira e João e Gabriel e Amores da Vida.

AGRADECIMENTOS

Após experienciar um novo patamar da manifestação da vida, parece injusto selecionar nomes que contribuíram com esta trajetória doutoral. Agradeço a nossa origem como partículas, como elementos, como códigos da vida, como frutos ancestrais e como ascendentes de vidas e manifestações circulares e dançantes deste espaço-tempo.

Grato a milhões de pessoas nascidas e mortas que contribuíram de alguma forma para estarmos aqui-agora.

Grato a milhões de familiares identificáveis pelo código genético espalhados por todo o planeta. Grato aos cosmos, à Mãe-Natureza, ao sol e ao planeta.

Grato às pessoas com quem convivi e convivo mais de perto (na família, nas amizades, nos trabalhos, nas universidades, nas relações e nas interações cotidianas) para ter tido o privilégio de manifestar “oiiii”, “obrigado”, “tchau-tchau”, beijos, abraços e “eu te amo”.

RESUMO

A pesquisa do design estratégico dialogada com a complexidade tem permitido expandir o conhecimento teórico-prático em novos e desafiantes contextos. A partir de conceitos complexos interligados, como desordem-interação-ordem-organização, princípios de recursividade, hologramático e dialógico e autoecorreorganização, a tese desenhou-se por experimentar agipensentir (sentir-pensar-agir) a vida em sete possíveis níveis: 1º Energizar-Sincronizar-Emitir; 2º Experienciar-Refletir-Agir; 3º Sentir-Pensar-Fazer; 4º Diagnosticar-Planejar-Executar; 5º Compartilhar-Projetar-Cooperar; 6º Conectar-Pactuar-Cocriar; 7º Energizar-Sincronizar-Emitir. Os níveis integrados e circulares se apresentam como metAMORfoses, definidas como processos de *amar cada parte aqui-agora até perceber-se o todo e o nada*. A experimentação na vida junto a uma das fases humanas classificadas como primeira infância teve de ser ressignificada de uma coleta de evidências por práticas para uma análise de um *corpus* de materiais institucionais, informacionais e artísticos. Desde a secular Declaração Universal dos Direitos das Crianças até as políticas públicas nacionais, estaduais e municipais, passando pela Caderneta das Crianças - Passaporte da Cidadania, documentários, congressos e a arte audiovisual do Mundo Bit, foram abordados 18 materiais em uma metáfora respiratória (AERO) de análise como *Auto-Eco-Re-Organizações*. O método como um caminho decolonial, apresentou a vida por voltas e revoltas dos circuitos espiralares da metAMORfose dos corpos/*corpus* (autoecorreorganizações) que respiram (inspiração-expansão e expiração-retração). A proposta apresenta-se no agipensentir cada uma e todas as dimensões inseparáveis dos microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos que somos.

Palavras-chave: amor; educação da vida; primeira infância; metAMORfose; complexidade; design estratégico.

ABSTRACT

Strategic design research in dialogue with complexity has enabled the expansion of theoretical and practical knowledge in new and challenging contexts. Based on interconnected complex concepts such as disorder–interaction–order–organization, and principles of recursivity, hologrammatic and dialogical thinking, and autoecorreorganization, this thesis was shaped through the experience of *agipensentir* (feeling-thinking-acting) life across seven possible levels: (1) Energize–Synchronize–Emit; (2) Experience–Reflect–Act; (3) Feel–Think–Do; (4) Diagnose–Plan–Execute; (5) Share–Design–Cooperate; (6) Connect–Agree–Co-create; (7) Energize–Synchronize–Emit. These integrated and circular levels are presented as metAMORphoses, understood as processes of loving each part in the here and now until the whole and the void are perceived. The life-based experimentation alongside early childhood—a fundamental human phase—was redefined from evidence collection through practice to the analysis of a corpus of institutional, informational, and artistic materials. From the longstanding Universal Declaration of the Rights of the Child to national, state, and municipal public policies—including the Child’s Booklet – Passport of Citizenship, documentaries, conferences, and the audiovisual art of Mundo Bitá—18 materials were examined through a respiratory metaphor (AERO) as Auto-Eco-Re-Organizations. The method, as a decolonial path, presented life through the twists and turns of spiral circuits of metAMORphosis of bodies/*corpus* (autoecorreorganizations) that breathe (inspiration–expansion and expiration–retraction). This proposal invites us to *agipensentir* each and all inseparable dimensions of the microcosm–individual–society–species–life–macrocosm that we are.

Keywords: love; education of life; early childhood; metAMORphosis; complexity; strategic design

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Circuito tetralógico	36
Figura 2 - Analogia dos princípios da complexidade no símbolo de Yin-Yang	37
Figura 3 - O incompressível paradigma	39
Figura 4 - Níveis de conhecimento	41
Figura 5 - Anel locomotor: desenvolvimento animalizante	43
Figura 6 - Totais de artigos e citações sobre o conceito de Amor, por ano	47
Figura 7 - Temas proeminentes sobre a amor por período destacado	48
Figura 8 - Níveis de intensidade do agipensentir em metAMORfoses	51
Figura 9 - Sete níveis de vibração da metAMORfose e vazios centrais	53
Figura 10 - Método de viver: agipensentir (sentir-pensar-fazer)	61
Figura 11 - metAMORfoses e intensidades conscientes de viver a vida	63
Figura 12 - Gráfico da população gaúcha estimada de crianças de 0 a 6 anos, nascidas vivas de 2017 a 2023	65
Figura 13 - Níveis de conhecimento da tese	69
Figura 14 - Resumo visual dos artigos da Convenção sobre os Direitos das Crianças	76
Figura 15 - Primeira Infância e os ODS	79
Figura 16 - Componentes dos Cuidados Nutritivos para a Primeira Infância	81
Figura 17 - Painel de indicadores da Primeira Infância RS	88
Figura 18 - Diálogo de reconhecimento Catarina-Flor	94
Figura 19 - Imagem do clipe da música Meu Pequeno Coração	98
Figura 20 - Resumo dos níveis vibracionais percebidos do <i>corpus</i> de análise	100
Figura 21 - O silêncio das palavras ilegíveis de 3 excertos do corpus (Declaração, Caderneta e Letras de músicas do Mundo Bitá)	101
Figura 22 - Os 10 princípios da Declaração dos Direitos das Crianças apontados pela representação dos dedos das mãos	103

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	11
PRÓLOGO (o eu-nós complexo na vida).....	12
1 INTRODU[CA]ÇÃO	17
2 PRIMEIROS PASSOS EM UMA BRINCADEIRA DOUTORAL	17
3 A VIDA À LUZ DE UM DESIGN ESTRATÉGICO COMPLEXO	34
3.1 Amor	44
3.2 metAMORfose	49
3.3 Educação da vida.....	54
4 INTERAÇÕES VIVENCIAIS DE metAMORfoses.....	59
4.1 Começar pelo começo: primeira infância humana.....	64
4.2 Brincar em práticas de vida	68
4.3 A arte do <i>corpus</i> para análise	70
4.3.1 Declaração Universal dos Direitos da Criança	74
4.3.2 Convenção sobre os Direitos da Criança	75
4.3.3 Um mundo para as crianças	77
4.3.4 Agenda 2030 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	78
4.3.5 Nurturing Care Framework for early childhood development	80
4.3.6 Constituição Federal do Brasil	82
4.3.7 Estatuto da Criança e do Adolescente	83
4.3.8 Marco Legal da Primeira Infância	84
4.3.9 Plano Nacional pela Primeira Infância - PNPI	85
4.3.10 Plano Estadual da Primeira Infância RS	86
4.3.11 Primeira Infância RS - Portal de Indicadores	87
4.3.12 Guia de elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância	89
4.3.14 Caderneta da Criança - Menina/Menino (Passaporte da Cidadania)	90
4.3.15 Primeira Infância Indígena - Documentário	91
4.3.16. O Começo da Vida - Documentário	93
4.3.16 Congresso Internacional da Consciência do Amor.....	95
4.3.17 Congresso Popular de Educação para a Cidadania.....	96
4.3.18 Mundo Bitá - produções audiovisuais	97
4.4 Composição acadêmica-artística (criação metAMÓRfica).....	100
5 CONSIDERAÇÕES RESPIRATÓRIAS: a roda da vida, além da vida	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111

PRÓLOGO (o eu-nós complexo na vida)

Ter encontrado a complexidade como paradigma foi quase como encontrar uma nova religião que não se fecha em si mesma como dona da verdade. Desde a infância, tive o espírito questionador que não conseguia achar que o conteúdo visto na escola, ou o que a televisão passava de informações, documentários ou filmes eram a verdade sobre a vida. Criado em família católica, mas de não praticantes, por volta dos 10 anos, lembro de estar mais próximo de ideias expostas pelo Espiritismo, de Allan Kardec. Um centro espírita e não uma igreja era frequentado pelos meus pais “católicos”.

Durante algumas das sessões em que as pessoas recebiam “passes de luz” dos mentores, havia palestras sobre temas abordados à luz da perspectiva espiritualista. Das palestras, lembro de ouvir sobre uma trilogia de ações que as pessoas deveriam buscar aplicar em suas vidas, as quais eram: autoanálise, autocontrole e vontade de melhorar. A trilogia fez sentido para mim, pois lembro de tentar aplicá-la ao estabelecer objetivos na minha vida, como era o caso do sonho de ser jogador de futebol.

Durante a adolescência, comecei a ler mais livros e buscar algumas respostas para a nossa existência. Mas acabei, muitas vezes, por ler um livrinho simples, que devia ser aberto diariamente, intitulado “Minuto de Sabedoria”. Tentei me aprofundar na leitura da Bíblia, da qual a linguagem rebuscada e excessivamente metafórica pareceu-me sempre pouco acessível para a maioria da população com pouca leitura, que imaginava ser o público a ser alcançado por tal escritura, e como era o meu caso na adolescência.

A dificuldade com a Bíblia levou-me a tentar ler “O Livro dos Espíritos”, do próprio Kardec. Já destaco que tentei porque, ao fazer uma busca por uma explicação sobre a necessidade de todas as pessoas já terem tido “vidas passadas”, também não consegui encontrar explicação convincente. Como eu sabia que a humanidade estava em um dos momentos com maior número de seres humanos vivos e que, na minha leitura, não haveria condições de um “estoque” tão grande de espíritos voltarem à vida, achei que precisaria haver espíritos “virgens”, que tivessem sua primeira experiência “humana”.

Durante o ensino médio, após ter desistido de tentar ser jogador de futebol e ter decidido focar nos estudos, busquei fontes alternativas de visões de mundo. Lembro de ter encontrado um livro com um termo que me instigou bastante: epistemologia. Foi empolgante ver algo que estudava e gerava conhecimento sobre o próprio

conhecimento. Livros e práticas orientais também passaram a me instigar, o que me levou a iniciar com a meditação por volta dos 14 anos de idade.

Apesar de filmes não poderem representar "a verdade" sobre a vida, dois clássicos (curiosamente ambos estrelados pelo ator Robin Williams) foram e ainda são influentes na minha forma de levar a vida: "Patch Adams: o amor é contagioso" e "Sociedade dos poetas mortos". O primeiro trouxe uma mensagem sobre conseguir resolver grandes questões com leveza, mesmo brincando, levando a vida e o amor pelos outros a sério. Enquanto o segundo trouxe uma expressão que lembro e tento aplicar a todo momento: *Carpe Diem* (do latim, "aproveite o dia").

Mais para o final da adolescência, ao sair de Santa Cruz do Sul e vir para Porto Alegre para estudar, ficou mais intenso meu espírito crítico, especialmente questionando, e até enfrentando, o conceito de Deus. Cheguei a tornar-me ateu. Ao longo dos anos, entendi melhor que o conceito de Deus era deturpado pelas religiões. Por elas, que deveriam ser mais respeitosas e inclusivas, conceberam-se figuras intimidadoras e opressoras como a de um "homem superior" que tudo sabe, tudo julga e tudo faz em nossas vidas.

Quando aceitei o conceito de que *Deus é Tudo* (como o Cosmos), reconheci que somos, cada um de nós, também Deus. Então, reclassifiquei-me como agnóstico. Ou seja, não consigo confirmar a existência de Deus, assim como não consigo rejeitá-la. Desde então, passei a ler livros sobre religiões e filosofias mais abertas e distintas de toda aquela cultura em que fui criado.

Mesmo um dos livros mais marcantes de minha vida adulta, o "Tao te Ching", tem várias traduções e costumo acessá-las sem ter certezas de que a versão é a melhor e/ou a mais verdadeira. Juntamente com o princípio da *não-dualidade*, representado especialmente pela figura do *Yin-Yang* (talvez uma das únicas imagens que me motivaria a fazer uma tatuagem), a prática da *não-ação* é outro ponto que me instiga do taoísmo. Por muitos anos, a *não-ação* parecia não fazer sentido, embora ela provocasse muitas dúvidas, mas também aproximações a partir da racionalidade.

Durante o mestrado (de 2008 a 2010), conheci algumas obras do autor Fritjof Capra, que tenta ligar a ciência com pensamentos considerados mais místicos, como em seu livro "O Tao da Física". Após algumas leituras interessantes de Capra, encontrei o autor Edgar Morin, que tratava de *uma tal complexidade*.

Tornei-me pai do Gabriel em 2014 e a vida e suas transversalidades não pararam de se ressignificar a partir de novas formas de viver entregue de coração. Desde as primeiras leituras de Morin, senti ter encontrado alguém que também se aventurava em tentar dialogar com múltiplas áreas sem se achar incapaz de tratar de temas diversos àqueles de sua área de formação formal, acadêmica ou de pesquisa.

A primeira leitura do livro "O Método" foi um momento especial, pois eu havia encontrado alguém que foi a fundo no conhecimento humano e trouxe perspectivas de aceitação das diferentes linhas de pensamento e de práticas humanas. Morin propõe algo novo, apesar de ser um aprendiz, mesmo com seus 104 anos. Distinto das religiões, ele reconhece não ser *o dono da verdade* e admite os potenciais equívocos sobre vários aspectos em suas escritas e ideias.

Costumo fazer leituras em paralelo e foi assim que comecei a ler "O Método: a natureza da natureza". A obra foi encantando-me, pois havia profundidade e fazia sentindo com o que eu acreditava. Então, durante um período de férias do trabalho como servidor público do Estado do Rio Grande do Sul, decidi ler somente aquela obra, sem leituras simultâneas. Não consegui acabar durante as férias. Na verdade, a primeira leitura exclusiva do livro durou seis meses.

Pois bem, o pensamento complexo mostrou-se acolhedor para tratar o divergente e contraditório, como nunca havia visto em nenhuma outra prática humana, fosse religiosa, filosófica ou de qualquer outra categoria. Tal abertura gerou em mim a necessidade de virar muitas chaves, quebrar estruturas mentais e culturais para poder dialogar com toda a visão de mundo que construí até meus pouco mais de 30 anos, na época. Um pensamento que transformou e transforma minha vida.

Por mais de cinco anos, tentei encontrar algum programa de doutoramento que aceitasse minha proposta inicial de tratar de Cidadania, Política Pública, Educação, Inovação e Tecnologia. Porém, a especialização das disciplinas nos currículos formais segue dificultando a transdisciplinaridade. O primeiro retorno positivo que obtive de um Programa de Pós-graduação foi justamente da então coordenadora do PPG Design da UNISINOS, em abril de 2018, Karine Freire (que se tornaria minha primeira orientadora no doutorado).

Mas, entre 2018 e 2021, muita coisa aconteceu. Em 2020, fiz minha primeira tentativa, mas fiquei em segundo lugar na seleção. Não ingressei, pois havia apenas uma bolsa para pagamento das mensalidades. Além das profundas mudanças que a

Covid trouxe para nossas vidas, na virada do ano, separei-me da mãe do meu filho, com quem vivi por 16 anos.

Em 2021, fiz a segunda tentativa e fiquei em 3º lugar, tendo 2 bolsas disponíveis. Porém, dessa vez consegui a bolsa de modalidade II, da CAPES, que repassa os valores da mensalidade à UNISINOS. Disso, sou mais uma vez grato aos meus maiores patrocinadores: a cidadã e o cidadão do Brasil, investidores compulsórios do Estado brasileiro.

Para entrar no PPG, meu anteprojeto tentava aproveitar o impacto da Covid como uma oportunidade de reaprendermos e nos desenvolvermos individual e coletivamente na vida. Ingenuamente, achava que o design era focado em gerar produtos e, por isso, propus a elaboração de um grande esquema, com a ideia resumida em seu título: "Framework de aprendizado e desenvolvimento (individual e coletivo): ressignificando a "co-vida" na perspectiva do design".

Essa intenção inicial foi sendo modificada, tanto no objeto de pesquisa, quanto na perspectiva de design. Em consequência, fui reconhecendo que a complexidade respondia não apenas à minha visão de mundo, à minha ontologia, mas se tornava, também, o meu indiscutível embasamento teórico.

A característica reflexiva sempre foi forte e natural em mim, mas ela fez-me constantemente tentar compensá-la em ações na vida cotidiana. Lutei para não ser alguém que só conhecesse, mas não soubesse aplicar o conhecimento. E isso acaba por acentuar, até hoje, a tentativa de ser prático, como resposta ao subconsciente que diz termos de ser "pragmáticos" (termo do senso comum e não o utilizado na ciência).

Minha alegria de ter estado em um momento em que projetos de mestrado e doutorado no PPG já haviam se aventurado pela complexidade, foi reforçada pela possibilidade de mergulhar em um sentir-pensar-fazer na trajetória doutoral. As teses do Paulo Bittencourt e da Roberta Mandelli apresentaram-se como grandes bases para eu poder explorar mais a fundo elementos e relações que têm emergido no meu processo, além de serem um fundamental estímulo. E isso fez-me entender que estávamos em um mesmo fluxo coletivo, que somos um grande organismo construindo esse *agipensentir* (sentir-pensar-fazer), neologismo criado por Roberta (referenciada na Tese).

Esse percurso de busca e descobertas fez-me chegar, preliminarmente, a alguns temas para o projeto. Posso destacar as relações de amor, de metamorfose e de

informação como pulsantes em meus reconhecidos processos abduativos. Deixei intuições rodarem em torno de mim até o momento em que descobertas geravam novas relações e que, aos poucos, foram estabelecidas e fortalecidas, guiando a construção do projeto de tese.

Em maio de 2023, fui diagnosticado pela primeira vez para Covid. Claro que, após o conhecimento humano de já ter testadas e aplicadas as vacinas em larga escala, a situação tornou-se muito diferente, menos grave. Porém, isso reforça meu reconhecimento de que sou co-vidado (conceito que propus inicialmente ao referir a necessidade da vida pela vida de outros).

Vivo porque sou/somos mais do que um indivíduo. Preciso reconhecer em mim o que somos como sociedade, como espécie, como micro e macrocosmos. Dessa forma, sou animal, sou genocida, sou torturador, sou canibal, sou estuprador, ao mesmo tempo em que sou hidrogênio e carbono, sou composição química da água do mar e do solo adubado e sou trilhões de bactérias. Sou também o mais puro amor, a sublime consciência e a mais perfeita e eterna interconexão com tudo e nada.

Sinto que a escrita da tese pode ser toda desfeita ou recontada a cada novo sentir-pensar-fazer, agipensentir - meu e/ou do(a) leitor(a). Decidir matar muitas coisas, conceitos, pensamentos, sentimentos, fazeres (como a escrita) e, especialmente, o ego (indivíduo isolado), foi fundamental para que a metAMORfose continuasse fluindo no mergulho que me/nos propus(/emos) a fazer e defender (ou quem sabe, atacar).

A desordem, o caos, o conflito e a destruição são ingredientes fundamentais da criação. O agipensentir é um convite para sermos mais “triativos” (sentir mais, pensar mais, fazer mais) em nossas vidas, ampliando nossas identidades como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos e gerando transformações em nós e no espaço-tempo.

1 INTRODU[CA]ÇÃO

♪*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante...*♪¹

Estamos em um momento histórico em que a sociedade discute e reconhece as possibilidades de extinção da própria espécie no planeta. Apesar de poder conhecer e se conectar às mais diversas culturas, uma ideia hegemônica criou um estilo de vida que parece nunca sentir satisfação, o que acaba por perceber a necessidade de consumir tudo material ao seu redor, sem respeitar e perceber-se no outro, no todo e no nada.

A espécie humana ao questionar a existência, questiona sobre o fim de tudo, até para estabelecer os seus limites. Diante da grandiosidade dos cosmos e dos mistérios inomináveis e indizíveis da origem da existência, de tudo o que conhecemos e do tanto que não conhecemos e nem poderemos conhecer, será mesmo que uma espécie tão bebê (comparado ao tempo reconhecido da origem da vida no planeta) tem tanto poder de gerar a própria destruição, apesar da sabedoria da Mãe-Terra?

Em contraponto e contribuição ao debate catastrófico, mostram-se fundamentais as percepções e as concepções sobre o que é a vida, o tempo, os cosmos, o amor, o tudo e o nada para continuarmos com a capacidade de projetar melhores experiências desta existência. A introdução que faço aqui é de um estudo que tenta guiar a leitora e o leitor a mais que pensar, permitir-se sentir e fazer transformações para experienciar outros mundos, outras cosmovisões, ou como há muito vivido pelas nossas culturas indígenas, outros pluriversos (WERÁ, 2024, KRENAK, 2022 e WERÁ JECUPÉ, 2001).

Como texto acadêmico, alerto que a tese não será tão simples de ser lida, apesar da intenção de que ela pudesse comunicar com simplicidade os aprendizados da pesquisa, pois pretendia o diálogo e a criação até mesmo com bebês. Porém, o nível sutil e profundo do tema e do método podem provocar reflexões e reflexos de difícil processamento a quem interagir com a tese e com sua própria criança.

Talvez não seja o todo, mas ao menos algumas partes desta composição que possam sensibilizar os múltiplos leitores a sentirem diferentes níveis de suas vidas. Uma leitura (ou escuta se for transmitida por áudio) de uma história que talvez guie suas ações e interações para fora, para seus espaços de vida além do raciocínio do texto e

¹ Estrofe da música *Metamorfose Ambulante*, composição de 1973, de Raul Seixas.

da linguagem: no seu simples e complexo *aqui e agora* (as dimensões interligadas de espaço-tempo).

Falaremos de complexidade, sim, e isso costuma assustar. Mas calma, pois a vida é pura complexidade vivida simplesmente por você, que vive aqui-agora. Reforço que como produção acadêmica, justificar as ideias, conceitos e visões com citações e fontes de diversos autores se faz necessário nesta história. E usar a minha fala ora como *eu-pesquisador* e ora como *nós-pesquisadores* será uma liberdade que peço licença e compreensão à leitora e ao leitor mais formal para fazer.

Começaremos com alguns primeiros conceitos, como as palavras *introdução* e *educação*. Essas palavras têm forte relação entre si quanto à origem (etimologia) e quanto ao tema da tese. Em *introdução*, o prefixo *intro* [*intro-*] significa *dentro/no interior* e o radical *dução* [*-ducere*] significa *guiar/conduzir*. De forma similar, em *educação*, o prefixo *e* [*e-*] significa *para fora*, enquanto o radical *ducação* também vem de *-ducere*.

Portanto, a partir da etimologia, *educação* seria *guiar ou conduzir para fora*. Para conduzir para fora, algo ou alguém deve reconhecer-se como organização e perceber o lado de dentro que interage com o de fora. Logo, se a educação refere-se a conduzir ou guiar para fora, é porque há algo que já está contido dentro (o tudo e/ou o nada), que pode e deve ser até único dessa organização e deverá ou poderá sair para o ambiente.

Esperamos conseguir demonstrar indícios desse reconhecimento ao longo da tese e que ele possa ser feito a partir de uma abertura ou *intro[du]cação* para explorar internamente o todo e o nada em cada um de nós (pesquisador e leitores). A *introdu[ca]ção* convida você a entrar na história, a respirar fundo e dialogar com seu interior, para reconhecer-se e deixar sair algo novo nesta interação.

Para a *introdu[ca]ção* ocorrer, algo ou alguém do lado de fora (nesse caso, o eu-autor e a narrativa da tese) inicia ou induz a interação com algo ou alguém que se reconhece como um sistema (a leitora e/ou leitor) e que calculará em vários níveis os riscos e as oportunidades dessa entrada da informação e consequente transformação por dentro. De forma complementar e até contraditória, pela Complexidade fundamentada em Edgar Morin (2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2013 e 2017), essa interação poderá minimizar a percepção de externo e interno, fazendo com que a leitora e o leitor desta tese também sejam constituintes da relação sistêmica da própria leitura

e da construção de interpretações e ressignificações a respeito das novas composições resultantes da interação com a composição.

Após as leituras, o processamento “interno” das informações da pesquisa provocará alguns níveis de reflexões, seja por reações inconscientes ou ações mais conscientes, internas-externas, na mente, no corpo e na alma. Ou até mesmo se não houver reflexão ou reação, isso já é um tipo de energia que influencia o seu sistema vital.

Ao longo dessa trajetória doutoral, estive com o sentimento de que essa influência é amor. Mesmo que incorreta ou inconsistente, como pesquisa acadêmica, precisei adotar uma definição de **amor** como: *a energia que nos influencia e influenciemos nos cosmos*. Mas para avançar, além das palavras e conceitos utilizados até aqui, dialogarei com a arte para ampliar as interações com a tese, pois admito que o amor não é capaz de ser definido em absoluto, ou seja, expresso em linguagem escrita ou até visual a ponto de ser plenamente compreendido pelo(a) receptor(a) da mensagem. O amor simplesmente é. Universal e individual, defini-lo delimita e limita, mas é uma necessidade para a pesquisa.

Com uma definição ampla em meio às incertezas que são bem-vindas na complexidade, serão permitidas as interações de conceitos de amor, como os que normalmente vemos em um senso comum e reforçados em filmes, livros e novelas. Mas ao contrário e complementarmente, reconhecemos a potência de transformá-lo, projetá-lo para além do comum, em novos níveis que influenciam a vida como um todo por ser parte de uma organização sistêmica.

Se o amor é a energia, dentre tantas formas de energia, nos aproximaremos de seu potencial de ser uma espécie de *holoformação* (*o todo sem forma gerador de todas as formas*), pois assim pode ser percebido tanto como fonte de toda *informação* quanto potência de *transformação*. Na cosmovisão indígena guarani, há a expressão *Ñamandu*, que seria “o Imanifestado tecido de vazio e silêncio, a expressão máxima do Grande Mistério Criados das Coisas Vivas” (WERÁ JECUPÉ, 2001).

Ao interagir com um sistema, como a energia do ar que respiramos, a energia se transforma em *informação*, pois é o que entra (indicado pelo prefixo *in-*), processa novas interações, gera reorganizações e transformações (metamorfoses) internamente ao sistema. Na sequência do movimento pelo espaço-tempo, há um processo de saída, de

esvaziamento e de externalização, de ser conduzido para fora, que nos remete à visão aqui proposta de *educação (e-ducação) da vida*.

Com os estudos no design estratégico, os verbos *sentir*, *pensar* e *fazer* se tornaram mais intensos e integrados, até ser proposto na área o termo *agipensentir* (MANDELLI, 2023). Reconhecer o fazer como inseparável em um agipensentir trouxe transformações conceituais e comportamentais da vida que se estabeleceram a partir desse agipensentir complexo e que me fizeram reconhecer as metamorfoses provocadas por estar nesse ecossistema acadêmico.

Como na canção de Raul Seixas, prefiro ser essa *metamorfose*. Aliás, com um toque da arte, encontrei de forma poética a palavra *amor* no meio de *metAMORfose*, expressão que será parte da base metodológica. E essas brincadeiras com as palavras fazem parte das possibilidades de viver a vida acadêmica em sua maior intensidade de não só fazer e refletir, mas também sentir o processo projetual de doutoramento com tons de arte e com coração de um eterno aprendiz em sua “primeira infância”.

Observar uma parte como representante do todo é o caráter hologramático que a *primeira infância* como o começo da vida trouxe para podermos reconhecer o todo do espaço-tempo da vida humana. O agipensentir a primeira infância ganhou potência criadora de vida aos materiais analisados, capaz de fazer emergir a definição por meio do *corpus* (conjunto de materiais de estudo) organizado em substituição às interações diretas com crianças de 0 a 6 anos. Daqui surgiu a definição de *metAMORfose* como um processo de *amar cada parte aqui-agora até perceber-se o todo e o nada*.

Em muitas línguas de origem indo-europeias, os prefixos *co/com/con* (que vêm do latim, *cum*) remetem a *junto*, *com*, *em parceria com o outro*. A partir disso, reconhecemos que *colaborar é laborar junto*, *cooperar é operar junto*, *congresso é o caminhar junto*, *comunicar é algo como usar em comum, partilhar*.

O termo *complexo* é considerado por sua origem do latim *complexus* como o *que é tecido junto*, fazendo a leitura metafórica de como se costura um tapete. Vou arriscar questionar a costura ou o tecer como uma ação que se faz junto. Não necessariamente quem faz o fio é a mesma pessoa que tece, mas vejo o tecer como uma atividade executada primordialmente de forma individual. Por isso, proponho o ajuste para que o *complexo* seja vinculado a *compor junto*.

Os materiais que compuseram o *corpus* não foram criados por mim, autor da tese. Terei de considerar que as criações são nossas como humanidade e que a

composição que faço para a pesquisa é um reconhecimento do papel do que já foi produzido anteriormente na constituição de cada um de nós como indivíduo na sociedade. Como será detalhado mais a frente, reconhecemos o hologramático do inseparável indivíduo-sociedade-espécie (MORIN, 2013) para experimentar que assim também pode ser feita uma cocriação.

Buscaremos compor junto estratégias de amor para a transformação da vida a partir de um reconhecimento da sabedoria ancestral do bem-viver – bem-sentir, bem-pensar e bem-fazer (WERÁ, 2024). Cocriamos a partir da composição de uma obra dialogada com múltiplos autores, políticas públicas, pessoas em comunidades (congressos) e artes (como o reconhecimento de nosso corpo como corpo-tela (MARTINS, 2021), com a música e com o audiovisual) e da tentativa de sintonizar com a ontologia do pensamento complexo e a epistemologia do design estratégico.

O corpo-tela é também o corpo-imagem, que são imagens que se apresentam e nos convidam a ser percebidos pelos “nossos olhares e escutas (...) e de toda nossa capacidade perceptiva” (MARTINS, 2021, p. 77). A criação da sintonia como uma organização se dará por uma *introdu[ca]ção* aos ouvintes/leitores desses conceitos elementares relacionados e ressignificados de *amor*, de *metAMORfose* e de *educação da vida* que trarão influências em suas novas formas de agipensentir os conceitos em suas vidas.

Pela complexidade, “a vida apresenta-se sob aspectos tão diversos que nenhuma definição consegue abarcá-los e articulá-los em conjunto” (MORIN, 2011a, p. 391). A vida pelo paradigma da complexidade apresenta-se em níveis mais profundos de organização, chamado de autoecorreorganização. O autor Edgar Morin (2013 e 2011a) teve de discorrer em pelo menos 800 páginas os conceitos fundamentais até chegar à proposição do incompressível paradigma da autoecorreorganização (um pouco mais explicado no Capítulo 3), que precisarei aproximar com menos profundidade que mereceria, mas que inviabilizaria a completude da pesquisa no tempo do doutoramento.

A vida de um indivíduo é indissociada de sua relação recursiva com a sociedade e espécie da qual pertence, é gerada e geradora. Ou seja, como indivíduo, compomos a sociedade e compomos a espécie da qual somos compostos. O indissociável indivíduo-sociedade-espécie, aqui também se aprofundará pelos cada vez mais reconhecidos microcosmos e se expandirá pelos ainda pouco a pouco descobertos

macrocosmos. A partir daqui, surge o indissociável microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos que buscaremos demonstrar sermos.

Como trazido por Morin (2013), a organização “transforma, produz, religa e mantém” e isso se faz na interação com a desordem e sua inter-relação com os ambientes interno e externo. Portanto, a organização pode ser considerada tanto o ser vivo ou até mesmo as grandes organizações sociais ou até universais (como planetas, estrelas e galáxias). Trazemos a compreensão transformadora de que somos uma organização viva complexa reconhecida como autoecorreorganização.

Pensemos no espermatozoide e no óvulo que se desconstituem ao se encontrarem e fertilizarem. Eles se transformam em uma única nova célula, capaz de se autogerar, contendo o todo capaz de gerar todos órgãos e características de um ser humano. Essa única célula, chamada de zigoto, compõe e é compositora da vida, dos microcosmos (átomos, elementos químicos, proteínas, hormônios, células, etc) e dos macrocosmos (elementos químicos e físicos constituídos e transformados desde o início do cosmos: o *big bang*), assim como da espécie humana, do pai e da mãe, compondo um novo indivíduo.

Mesmo que estejamos tratando de amor, sabemos que as interações geram energias que devem influenciar tanto criações quanto destruições no processo de projeção. Como organizações complexas, absorvemos energias, percebemos, avaliamos e contribuimos com nossas reações e ações para transformações sistêmicas, em constantes evoluções, involuções e revoluções. As palavras evolução e revolução e as variações como involução ou devolução remetem a dar voltas, rodar, girar. Nesses movimentos, a proposta de revolução complexa destrói e reconstrói de forma espiralar uma e-ducação do que podemos considerar vida.

As cosmovisões originárias, como dos povos das Américas, da Oceania, da África e da Ásia (WERÁ, 2024, KRENAK, 2022, MARTINS, 2021, NOGUERA, 2020 e WERÁ JECUPE, 2001) não experienciavam o tempo somente como cronológico (que é um valor coletivo ocidental e até colonial, um paradigma), mas também algo como crono-cairos (BITTENCOURT, 2021) e o tempo complexo (MORIN, 2013, pp. 113-114), que tal como as rodas e os círculos da vida, se constituem e constituem o movimento espiralar e paradoxal: se repete, mas não é o mesmo, é o mesmo, mas nunca se repete. Como o dia e a noite, a vida e a morte.

Movimentos implicam deslocamento no espaço. Mas como hoje sabemos que o espaço está ligado ao tempo, conhecido como espaço-tempo, tal deslocamento é integral e será feito de forma espiralar, sem início nem fim, mas em constantes novos inícios e novos fins, como a inspiração da “espiral morfometodológica” proposta por Bittencourt (2021, p. 18). Um espaço-tempo que nos provocará a agipensentir e recompor o passado, o presente e o futuro, aqui e lá no infinito e cada finito, agora, antes, depois e eternamente.

Ao conhecer, reconhecer e explorar as interações de visões já existentes, ampliamos nossas capacidades imaginativas, criativas e inventivas. Como descrito pelo indígena Krenak (condecorado em 2023 *Imortal* pela Academia Brasileira de Letras), as influências que nos transformam podem ser tanto de outras vidas ou até de outras coisas, como exemplificado no trecho a seguir:

(...) fui experimentar a dança das alianças afetivas, que envolve a mim e uma constelação de pessoas e seres na qual eu desapareço: não preciso mais ser uma entidade política, posso ser só uma pessoa dentro de um fluxo capaz de produzir afetos e sentidos. Só assim é possível conjugar o mundizar, esse verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões e consegue imaginar pluriversos. (KRENAK, 2022)

Como forma de experienciar e brincar esses movimentos espiralares para comunicá-los como estratégias, será delimitado o período da *vida humana* que chamamos de *primeira infância* (fase pré-natal e de 0 a 6 anos). No projeto de qualificação da tese apresentado, haviam sido previstas práticas para serem aplicadas com crianças em espaços-tempo do aqui (em Porto Alegre, RS, Brasil) - agora (2022 a 2025).

Além de iniciativas pensadas para o Congresso Popular de Educação para a Cidadania (que acompanhei por 3 anos), foi planejado algum acompanhamento de crianças em alguma(s) escola(s) de educação infantil e até Casas Lar (espaços de acolhimento de crianças). Porém, as crises locais de 2024 exigiram nos reorganizarmos, pois além do Estado ter quase parado por um mês (maio de 2024), lidar com traumas poderia gerar mais problemas que o estudo não teria como apoiar a lidar. Foi então que propusemos a realização de análise de materiais a respeito da primeira infância, que foram introduzidos e ressignificados à luz da complexidade como organizações e composições artísticas na tese e na minha vida.

Como um holograma, cada material será considerado minimamente representativo para explorarmos o todo, que se faz único pela composição do *corpus*

(conjunto de materiais) analisado para a pesquisa. Em uma metáfora musical, a *primeira infância* será a base harmônica que permitirá a composição melódica da tese pelas notas do *Amor*, da *metAMORfose* e da *Educação da Vida*, que devem garantir a fundamentação teórico/prática desta produção científica possível no design estratégico.

Portanto, além da ***Introdu[ca]ção***, que é o convite para a dança, os capítulos (ou estrofes) desta obra estão compostos por: ***Primeiros passos em uma brincadeira doutoral***; ***A vida à luz de um design estratégico complexo***; ***Interações vivenciais de metAMORfoses***; e ***Considerações respiratórias: a roda da vida, para além da vida***.

Na estrofe (capítulo) *Primeiros passos em uma brincadeira doutoral*, o processo de composição da justificativa, da delimitação do tema, do problema de pesquisa e de seus objetivos são apresentados. Os temas basilares da tese, como o amor, metAMORfose e educação da vida, bem como o tempo-espiral, as brincadeiras e a primeira infância também vão se desenhando a partir dessa interação organizacional dessa obra acadêmica.

Na estrofe *A vida à luz de um design estratégico complexo*, faço reconhecer os saberes teóricos sobre a complexidade e o design estratégico percebidos nesses anos de doutoramento. A sintonia dos fundamentos da complexidade de Morin (como circuito tetralógico, autoecorreorganização, princípios recursivo, hologramático e dialógico) com o desenvolvimento da epistemologia e metodologia do design estratégico dão o ritmo da obra. Os elementos do Amor, da metAMORfose e da Educação da Vida, voltam repetidos em outras palavras, como refrões.

O refrão que se permitirá repetir em ciclos respiratórios, *Interações vivenciais de metAMORfoses*, teve como proposta inicial experiências projetadas a ocorrer em contato direto com crianças de 0 a 6 anos. Mas como as mudanças estratégicas tiveram de ocorrer, a exploração mais intelectual ficará sistematizada em um amplo *corpus de 18* (dezoito) materiais sobre a primeira infância para a análise de documentos oficiais de organizações governamentais e não governamentais. Dentre eles, temos a Declaração dos Direitos das Crianças e a Caderneta da Cidadania (da Menina e do Menino), as produções sociais como o *Congresso Popular de Educação para a Cidadania* e o *Congresso Internacional da Consciência do Amor* (CÁTEDRA DO AMOR, 2024), os documentários *a Primeira Infância Indígena*, e *O Começo da Vida* (2016) e, em especial, as produções audiovisuais, musicais e artísticas, do *Mundo Bitá*.

Em uma linha de posicionamento em que o pesquisador influencia os contextos em que se insere, o dialógico e recursivo agipensentir do pesquisador em design é uma parte indissociável do todo, mesmo que não represente todos os fenômenos. Porém, o método pelo design se apresenta como “campo articulador” e criador, em uma pesquisa que ensaia a experiência no espaço-tempo de uma “plataforma abdutiva” (criadora de hipóteses e explicações a partir dos elementos parciais, mas experienciais), como inovação provocada por Bentz (2021) para a área de design:

(a) arte e técnica, ou inspiração e trabalho; (b) espaço para criar nas dimensões ontológicas, estéticas, culturais e éticas; e (c) pesquisa não como análise ou descrição, mas como ‘plataforma’ abdutiva capaz de responder ao que se quer fazer e ainda não se fez, ou a imaginar aquilo que nem sequer se pensou como possível. (BENTZ, 2021)

Em um ciclo temporário que precisa se fechar, a última parte intitulada de *Considerações respiratórias: a roda da vida, para além da vida* é como um *espaço-casual* de encerramento de um ciclo que inevitavelmente se abrirá para novas criações. Retrocessos, dificuldades e possibilidades são reapresentados junto às estratégias para fazer o amor revolucionar por metAMORfoses a educação da vida em cada ser, como posso afirmar ter ocorrido com o ser que aqui escreve e reconhece as novas infâncias redescobertas e experienciadas.

2 PRIMEIROS PASSOS EM UMA BRINCADEIRA DOUTORAL

O doutoramento acaba sendo um processo significativo na vida de uma pessoa. Sinto-me mais ignorante que antes ao saber que sei muito pouco sobre tantos assuntos e cosmovisões e estou a falhar ao escrever e tentar descrever o que não pode ser dito. Ao mesmo tempo, o expressivo esforço entregará uma limitada classificação social por ter completado o mais alto nível educacional. Como um recém-nascido-renascido, sinto-me feliz por ser um aprendiz que decidiu brincar e se aventurar na pesquisa e acabou por se encantar pelos mistérios, incertezas, dores e belezas da vida.

Claro que a escolha por fazer um curso do nível de doutorado não é pura brincadeira. A realização da pesquisa tem o compromisso de contribuir para o **conhecimento** humano e para a **ciência** (com consciência) na busca por descrever, conhecer, reconhecer e tentar conseguir prever **o que é e como funcionam as realidades, a natureza e a vida**. Mas também não afirmamos que brincadeira é algo que não deva ser levada a sério. Sabemos que há ciência a respeito do brincar e por isso queremos nos preparar para a escolha de viver a vida com a leveza e a curiosidade das crianças junto da análise minuciosa necessária para sermos cientistas.

A experiência também de viver um momento histórico e, sobre vários aspectos traumático, como a pandemia da COVID-19 e uma espécie de dilúvio, não é de fácil percepção e capacidade de lidar e reagir (ou agir) sobre a situação imposta. Por isso, a ideia de capacitar ou despertar as pessoas, aqui também compreendidas como organizações, a executarem processos e projetos que permitam lidar com a realidade e a aproveitarem o momento presente para ressignificar seus processos de aprendizado e desenvolvimento, foi um dos primeiros motes desta pesquisa.

Como pesquisador e cidadão global, a busca por conectar as múltiplas disciplinas, matérias, temas, culturas, religiões e ideias sempre mobilizou minha trajetória nos caminhos que considerava da realidade profissional e pessoal. As abordagens sistêmicas e complexas de Maturana e Varela (1972), Maturana e Verden-Zöller (2008), Capra (2007), e especialmente Morin (2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2013 e 2017), foram feixes de luz que, aos poucos, revelaram o potencial de haver métodos científicos mais abertos e orgânicos condizentes com as realidades não explicadas pela visão mais cartesiana e objetiva de uma única realidade.

Na última década, passei a me entregar e sentir com maior intensidade “o amor como a resposta” para muitas perguntas. Na Complexidade, como crianças, abraçamos, dançamos e brincamos com as incertezas, não somente com as certezas. O movimento pelas perguntas talvez tenha sido o motor gravitacional que interliga a reflexão sobre a vida com a prática acadêmica, em uma trajetória que me trouxe ao doutorado. Da mesma forma, o amor pode também ser simplesmente o caminho, sem destino específico, tal como o biólogo e filósofo chileno Maturana e a psicóloga alemã Verden-Zöller (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2008) nomearam seus estudos de Biologia do Amar e Biologia do Tao, sendo o Tao, reconhecido do pensamento oriental como *o caminho*.

Em meu caminho, já foi trilhada mais de uma década e meia de experiências no setor público. Espaço-tempo que exigiu aplicação de práticas com coloniais técnicas e tecnologias do mundo digital, e que geraram em mim a capacidade de lidar com a parte da práxis da vida e as pressões “pós-modernas” de transformações solicitadas, apresentadas e aceleradas pela sociedade globalizada. A partir do pensamento sistêmico, a complexidade permitiu aprofundar meu pensar e meu agir, ao reconhecer que *servir* gera impacto na vida de milhões de pessoas (aproximadamente 11 milhões de cidadãos no Rio Grande do Sul) e de ecossistemas e é parte direta pela vida no planeta. Tudo passa por planejamento, formulação e execução de políticas públicas das quais sou beneficiário como cidadão e influenciador como servidor público na esfera estadual do Estado brasileiro.

Reconheço e valorizo as mudanças que determinados mecanismos e dispositivos trazem à vida de bilhões de pessoas nos curto e médio prazos, como a disseminação da internet e diversos equipamentos, que mesmo complexos pela combinação de tecnologias embarcadas, são de simples e intuitivo uso, como os *smartphones* e as novas gerações da Inteligência Artificial (IA). Ao considerar tanto minha curiosidade e busca constantes pela inovação, quanto pelos estudos e práticas que geram valor público e buscam transformações, o presente estudo intenta servir como um manifesto para conviver de forma mais harmônica com tantas técnicas e tecnologias disponibilizadas e propagadas, ao nos permitir ressignificar a complexidade de viver e aplicar técnicas e tecnologias (libertadoras) tão poderosas e naturais constituintes das nossas próprias vidas como a poderosa respiração.

No paradigma emergente desde o final do século passado, Santos (1988) apontou que a ciência pós-moderna teria uma característica que é de que “todo o conhecimento científico é autoconhecimento”, sendo a ciência também considerada autobiográfica. O indicativo do novo paradigma no campo científico tem permitido avançarmos na composição complexa de temas relevantes no dia a dia das pessoas (como espiritualidade, religiosidade, sentimentos e amor), mas que não eram considerados válidos, inclusive deveriam ser desconsiderados para um, digamos, melhor fazer científico.

Na área do design, eventos e produções têm avançado nessa linha, ao apresentar e fomentar novas visões e projetos de vida na perspectiva da decolonialidade, que resgatam a sabedoria milenar dos povos originários, do campo, das montanhas, das florestas e das águas. Termos como *cosmovisões* e *pluriversos* têm ganhado relevância como um movimento ético e político do fazer no design (KRENAK, 2022; KOTHARI, et al, 2021).

Novos termos como *corazonar* (ALBARÁN GONZÁLEZ, 2022) e *sentipensar*, utilizado no design estratégico por Kaplan (2022) e por Freire e Del Gaudio (2021), juntam-se a temas como a espiritualidade (BITTENCOURT e FREIRE, 2022). No design estratégico, o complexo, mas profundo e verdadeiro *agipensentir* (MANDELLI, 2023) faz tensionar a abertura e a inovação do indissociável sentir-pensar-fazer científico e não mais o simples “fazer científico”.

O agipensentir advindo do design estratégico com a complexidade rompe barreiras culturais ao nos permitir ampliar as formas de ao mesmo tempo *sentir* como pesquisadores/seres mais integrais, *pensar* de modo mais profundo e, de maneira até mais leve, *fazer* a ciência e a vida acontecerem. Seja brincando, pintando, musicando, dançando e/ou encenando em complexidade, esta pesquisa visa contribuir com as composições (religação dos saberes) de teorias científicas de múltiplas áreas, como o design, a educação, as políticas públicas e as artes, com o risco e o esforço de tentar demonstrar a composição e a experiência revolucionária da transdisciplinaridade.

Educar pode ser o constante movimento de agipensentir em inflexões e reflexões para que as ações internas, integrais e integradas com o mundo externo possam ser realizadas. E em minha trajetória de vida, senti essa potência no amor, um tema delicado para ser tratado cientificamente, mas aberto para ser agipensentido nas novas correntes acadêmicas.

O reconhecido educador-aprendiz Paulo Freire afirmou que “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1999). É a educação que transforma a vida das pessoas ao capacitá-las a metamorfosear a própria vida e o que se pode considerar vida. Tal educação exige um certo nível de revolução para que não seja apenas reformista, mas que consiga encontrar capacidade de mudanças e transformações profundas na vida das pessoas e do próprio planeta.

A metamorfose se diferencia da transformação ao considerarmos que ela se projeta a partir da “globalidade de um sistema e de um ser” (MORIN, 2013). Aqui ainda destacamos a perspectiva de agipensentir a transformação a partir do amor, incluindo e destacando na centralidade da nova forma (ou na não-forma ou amorfa) na palavra *metAMORfose*.

Em Morin (2012b), a constante construção da humanidade, de suas metamorfoses, potenciais destruições e criações são lembradas:

(...) as sociedades históricas ocidentais começaram lentamente a metamorfosear-se a partir do século XVIII, fazendo desaparecer o campesinato e os artesãos, desenvolvendo cidades enormes, modificando valores, ideias, assim como a vida cotidiana de suas populações. A era planetária é, desde o começo, um processo que anuncia a possibilidade de uma grande metamorfose. (MORIN, 2012b, p. 256)

Metamorfoses são reconhecidas como revoluções porque questionam e transformam a ação programada e se apresentam como estratégias para viver a partir da emergência do novo. A educação precisa e merece fechar o ciclo do programa que vivemos no atual período da humanidade em que ela se distanciou e nos distanciou das naturezas, gerando crises pouco gerenciáveis, gerando desordem. Pela complexidade, a revolução é alimento para novas interações, ordem e organizações.

Entendi e defendi que, como uma proposta de cocriação metodológica, a definição de *metAMORfose* não poderia ser por mim determinada com antecedência no paradigma da complexidade sem a interação com crianças na faixa de idade da primeira infância. Mas o processo foi sendo gerado e regenerado ao avançarmos em cada passo com interações que nos defrontaram com incertezas e imprevisibilidades.

No processo de criação, a destruição também é parte constituinte. A presente tese foi muitas vezes ressignificada por processos ecossistêmicos de transformações, passando por epidemia da COVID-19, chatGPT (revolução gerada pela Inteligência

Artificial generativa), novas guerras, queimadas e uma enchente histórica ocorrida em 2024 no Rio Grande do Sul. Tais processos geraram desordens na pesquisa, na tese e na minha vida, mas que permitiram novas interações e cocriações guiadas pelo amor que estabeleceram uma força indutora de metafóricas metamorfoses em meu entendimento do que é ou pode ser a vida dialogada com a ideia de finitude, de limites e de morte que viabilizam um espaço-tempo vazio gerador do novo.

Como pesquisador no design, busquei fazer uso e dar vida a vozes já ditas, escritas, relatadas e cantadas do *corpus* de materiais, para orquestrar uma composição de uma sinfonia. Dessa forma, cocriar o projeto de doutorado significou reconhecer o papel do outro em mim, Diônifer, pesquisador que sou resultado e ação de interações sistêmicas do coletivo. As propostas não são criações exclusivas minhas. Tenho responsabilidade pelas ideias que proponho e pelo texto que conseguirei apresentar, mas tudo o que escrevo é dependente e em grande parte delimitado pelo momento sociocultural que vivemos.

O que penso e o que expresso em palavras precisa dialogar com a estrutura social em que estamos inseridos. Mesmo que eu traga inovações utópicas ou até prototópicas (criadoras de novas utopias), elas precisam ser referenciadas, comparadas e confrontadas com os consensos atuais, alguns valores compartilhados no espaço-tempo. No tempo cronológico, a cocriação da tese se apresentou a partir da influência dos autores até aqui estudados, bem como o próprio corpo de discentes e docentes do Programa de Design da UNISINOS. Na busca por caminhos possíveis de práticas, iniciamos a aproximação com as técnicas e tecnologias sociais a partir do momento de cocriação do Congresso Popular de Educação para a Cidadania², do qual participei nas edições de 2022 e 2023.

Como cidadão engajado na cidadania, fui participante da concepção e da organização (sem instituições formalmente registradas, apenas coletivos de pessoas) do Congresso, que se tornou processo ao longo do ano de 2022. Experimentei as chamadas rodas de conversa, que foram a base para que as pessoas pudessem discutir cidadania como oportunidade de mudança individual e coletiva. Nessas rodas, foram debatidas questões da rotina das pessoas e suas relações sociais e ambientais a partir das diversas comunidades de Porto Alegre. As pessoas expressavam suas opiniões

² <https://www.congressopopulareducacao.com.br/>

sobre a situação da cidade, como sonham viver nela e como cada um e todos podem fazer a mudança acontecer.

O Congresso trouxe gritos de socorro pela vida das pessoas participantes e das que não puderam participar. A morte, de modo contraditório, mas também complementar, influenciou o 3º dia do 2º Congresso, ocorrido no dia 24 de setembro de 2023. O local previsto teve de ser redefinido, pois na escola pública de uma das comunidades de Porto Alegre não havia garantia da integridade dos participantes, em função de tiroteios e mortes ocorridos ao longo da semana, em consequência das guerras entre facções na região.

A referida situação incitou a possibilidade de projetarmos revoluções pelo amor em situações reais de morte, como da quase invisibilizada guerra urbana brasileira, que dizima negros e pobres diariamente - 598.399 homicídios registrados entre 2013 e 2023 (IPEA, 2025). Em meio a tanta violência, urge um espaço-tempo para projetar estratégias para novos processos de educação da vida pelo amor que possam trazer um bem-viver a cada e todo indivíduo-sociedade-espécie.

Essas interações iniciais serviram para eu agipensentir os temas educacionais acontecendo no mundo, para além da educação formal e para validar o problema de pesquisa e os objetivos da tese. Isso é, apesar de não ter havido aplicação da metodologia nas práticas e contextos de forma direta, há melhor entendimento de como poderemos pensar e fazer juntos mudanças em múltiplos contextos relacionados à educação da vida e a primeira infância pela análise de um *corpus*.

Na canção composta por frequências sonoras, poéticas e musicais, a *musa inspiradora* (expressão que costuma ser vinculada à origem da palavra *música*) é o **problema de pesquisa**, que nos faz trilhar o caminho da tese. Com as incertezas e a necessidade de estabelecer fechamentos temporários, inicialmente o problema se apresentou desta forma: **como pode a sintonia da complexidade com o design estratégico instrumentalizar (processos projetuais de aprendizagem e desenvolvimento) pelo amor uma proposta de revolução na educação da vida?**

Aqui a sintonia é a busca de uma construção harmônica do tema do amor a partir dos princípios da complexidade com as estratégias do design para a vida e nossos processos de aprendizado e desenvolvimento, para ser apresentada de forma consistente como uma composição acadêmica. Buscaremos, portanto, encontrar formas de se fazer revoluções pelo amor que permitam a destruição e a criação de

novos significados e transformações no aprender e no desenvolver (educação) os caminhos da vida.

Como forma para trilhar este caminho, os objetivos geral e específicos da pesquisa são os balizadores das possíveis respostas da nossa trajetória circular e espiralar ao redor do problema de pesquisa. Desde o período de qualificação, o **Objetivo Geral** ficou o de **cocriar uma proposta metodológica baseada no amor para revolução (metAMORfose) do aprendizado e desenvolvimento de autoecorreorganizações na educação da vida**. Como veio de maneira intuitiva, esperamos ao longo do processo poder refiná-lo ou ressignificá-lo. E para o alcance desse objetivo maior, três objetivos específicos deverão ser agipensentidos para validar o caminhar.

O primeiro objetivo específico é o de **exercitar o agipensentir na vida de autoecorreorganizações (pessoas e/ou coletivos) com as lentes do pensamento complexo**. Inicialmente, a proposta era de nos aproximarmos de situações reais (como crianças na primeira infância e no Congresso Popular de Educação para a Cidadania) e tentar fazer transformações no pensamento, no sentimento e na ação relacionada ao processo de diálogo com as Comunidades de Porto Alegre.

O segundo objetivo é o de **reconhecer e ressignificar (metAMORfosear) técnicas e tecnologias para a educação do agipensentir em autoecorreorganizações**. Dito de outro modo, é buscar para trazer as técnicas e tecnologias de ação transdisciplinares de interação com a vida, intermediadas pelo design estratégico, que permitam o aprendizado e desenvolvimento com ampliação da experiência da vida.

Por fim, o terceiro objetivo específico é proposto com uso de outras linguagens (como a musical, a visual, a corporal ou artística em geral), sendo descrito como **orquestrar produções artísticas metAMÓRficas (cocriadas) provocadoras do agipensentir em autoecorreorganizações**. Isso é, as expressões e produções resultantes das experiências e influências do agipensentir serão relatadas e consideradas como obras artísticas compositoras da tese.

Portanto, ao longo dos meses até o prazo final de agosto de 2025, nossos passos buscaram (re)aplicar e referenciar teoricamente a cocriação das estratégias (apoiadas pela complexidade e o design estratégico) de amor, de metAMORfose e de educação da vida (à luz do paradigma da complexidade).

Como seres humanos que somos e que amam, também chamada de espécie *homo sapiens-amans amans* (MATURANA, H.; YÁÑEZ, X., 2009 e MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G., 2008), mesmo que pareça ser muito difícil, já dispomos de múltiplos mecanismos para lidar com as mudanças, transformações e metamorfoses. Reconhecer com amor nossos valores e mecanismos naturais (no movimento de introdu[ca]ção), como autoecorreorganizações que somos e que respiram, pode ser um princípio de revolução, de autoamor, de amor incondicional, incompressível e incompreensível, de nossa educação (movimento de expansão e maior interação interna-externa) que nos deixa capazes de melhor agipensentir toda a complexidade e potência da vida. Uma simples, em sopro sonoro e silencioso, mas potente *revolução amada*.

3 A VIDA À LUZ DE UM DESIGN ESTRATÉGICO COMPLEXO

O pensamento complexo, que se iniciou como base do pré-projeto de tese, agora desenha-se como uma forma de perceber e experienciar a vida. Gerar conhecimento para a comunidade acadêmica e para a humanidade, ao mesmo tempo que busco, como pesquisador da complexidade, brincar, cantar, tocar, desenhar e dançar. Como ser complexo, o processo gera lutas, erros, sofrimentos e choros ao desfazer minhas identidades e certezas no caminho de desenvolver minhas capacidades de criar ciência e consciência.

O acolhimento da tese na área transdisciplinar e criativa de *design* e sua qualificação *estratégica* (Programa de Pós-Graduação em Design Estratégico), deu-se no momento em que novas abordagens e pesquisas são produzidas em um paradigmático pensamento complexo - provocado pelo artigo de Bentz e Franzato (2016), e amadurecido com as inspiradoras teses de Bittencourt (2021) e de Mandelli (2023). A origem da palavra *estratégia* costuma ser vinculada à arte de comandar um exército, em especial de um general que avalia e define as ações em guerra. Ou seja, ações que buscam a vitória por meio de atos de violência, de destruição e de morte.

De forma oposta e complementar para a humanidade, o campo de estudo do design estratégico (BITTENCOURT, 2021; FREIRE, 2021; KAPLAN, 2022 e MANDELLI, 2023), dialogado com a complexidade (MORIN, 2013 e MORIN, 2011a), pode contribuir de forma metodológica para a cocriação de estratégias na luta pelo amor à vida de organizações complexas. Exploraremos estratégias que visem ampliar a percepção das realidades e dar condições de atuar e influenciar nas escolhas de nossas vidas. Escolhas direcionadas por valores que se estabelecem nas relações com o que bell hooks define como “ética amorosa [que] pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente” (hooks, 2021).

A complexidade, aqui destacada e aprofundada a partir da obra basilar composta por seis volumes e intitulada *O Método* (MORIN, 2013, 2011a, 2012a, 2011b, 2012b e 2017), também trata de estratégia. Porém, até chegar lá, precisamos apresentar outros conceitos fundamentais na tese, como o *circuito tetralógico*, os *princípios* da complexidade (*recursividade*, *hologramático* e *dialógico*) e a *autoecorreorganização*.

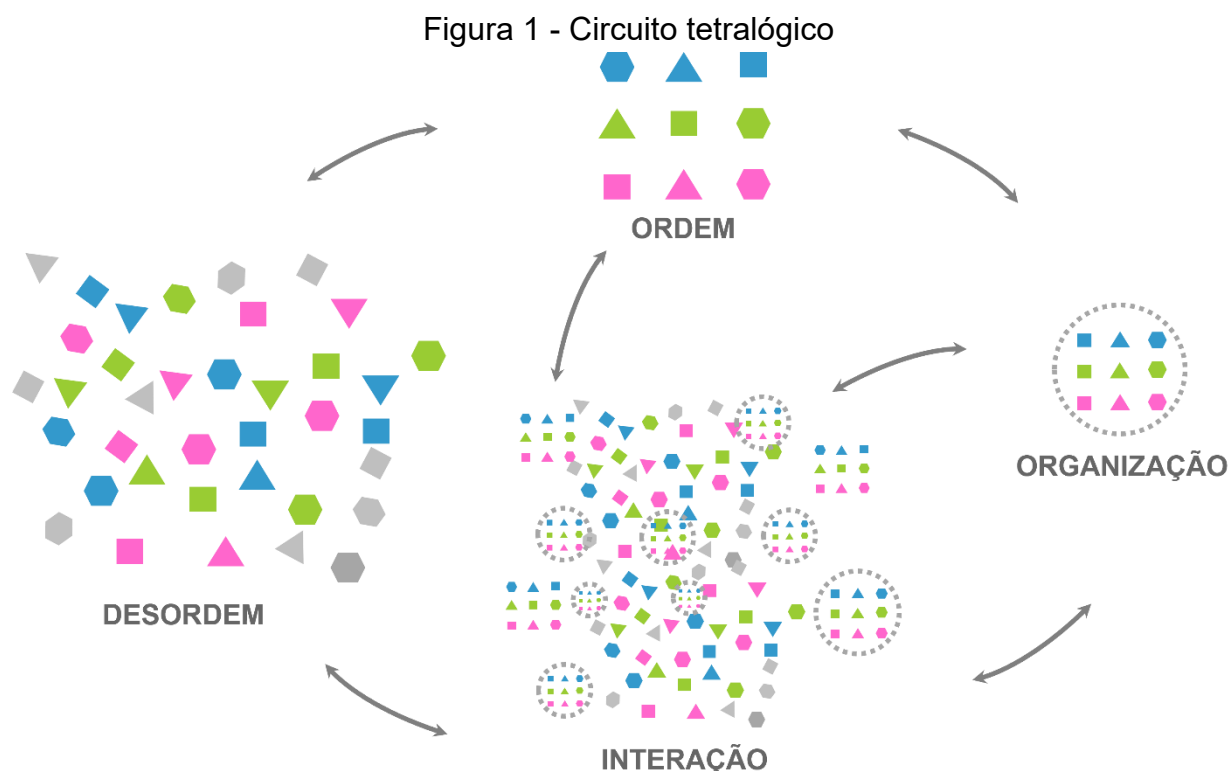
Cabe esclarecer ainda que a etimologia de *método* (do grego *metá* + *hodós*) remete a seguir um caminho, sendo que *metá* significa *depois*, *por meio de* ou *através*

de e *hodós* significa o *caminho*. Na obra *O Método*, os volumes exploram o caminho a partir dos princípios da *natureza*, que traz a *vida*, autorrefletida e analisada pelo *conhecimento*, gerador de *ideias*, construtoras de nossa *humanidade*, capaz de estabelecer nossas escolhas com *ética*.

Portanto, o caminho inicia-se na natureza cósmica do *circuito tetralógico*. Em meados da década de 2020, a ciência ainda aceita a teoria do *Big Bang* como a melhor explicação para a possível origem do universo. Dessa grande explosão vinda do nada (ainda não possível de ser explicado e comprovado), a tendência primeira de desordem (na linguagem da física, a tendência da entropia) é um dos movimentos criadores que dá origem a diversas interações entre os múltiplos elementos.

Das primeiras interações, novos elementos vão surgindo e repetidas interações continuam a ocorrer. Nas repetições, relações vão se estabelecendo. Das interações fortalecidas em relações, alguma ordem vai se desenhando. Da ordem e sua interação com o ecossistema, a organização estabelece-se.

Na Figura 1, abaixo, busco representar graficamente de forma simplificada como seria o circuito tetralógico desordem-ordem-organização-interação (MORIN, 2013). Vale lembrar que não podemos inferir o que vem primeiro: se é da desordem que a ordem acontece ou vice-versa. Assim como a desordem e a interação estão contidas na ordem e na organização. Nem podemos afirmar uma única sequência em que tudo vem de uma organização que interage internamente até movimentar-se e interagir com o externo e gerar desordem e que da interação a desordem se faz até iniciar uma ordem que volta a se tornar uma organização.



Fonte: Elaborada pelo autor, adaptada de Morin, 2013.

Mesmo quando a organização se estabelece, como em um sistema aberto, ela continua fazendo parte da desordem e sofre efeito das interações com o ambiente. Em um suposto nível maior de complexidade, reconhecemos organização como “o encadeamento de relações entre componentes ou indivíduos que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas quanto aos componentes ou indivíduos” (MORIN, 2013, p. 134).

Tal como a teoria do *Big Bang*, que não consegue documentar e comprovar o que havia antes da grande explosão, os princípios da complexidade consideram válida nossa ignorância quanto à origem das coisas e ainda aproveitam para que a fonte do conhecimento venha dessa própria capacidade de duvidar e questionar, para evoluirmos como ciência. A ciência, como disciplina do conhecimento humano, foi proposta pela luz da Complexidade, dotada dos princípios interligados de *recursividade*, *hologramático* e *dialógico*.

A *recursividade* - que em O Método 3 foi apresentado como princípio autogerativo (MORIN, 2012a, p.110) - apresenta a característica circular de causa-efeito-causa, isto é, aquilo que causa, que é produtor, é também produto e sofre efeito

daquilo que gerou. A *recursividade* é a interação constante do fim com o início e vice-versa, destruição e geração do novo por si e na relação.

O princípio *hologramático* reconhece que o todo depende das partes para se constituir como todo, assim como as partes são constituídas e intrínsecas desse todo. Pelo viés *hologramático*, reconhecemos em tudo a constituição de cada parte que compõe o todo e que é composto de cada parte.

O princípio *dialógico* é a indissociável relação e constituição do oposto e do contraditório na unidade. A dialogia considera que o oposto ou contraditório é na verdade parte complementar daquele a que se opõe, ou seja, o polo positivo e/ou o polo negativo são constituintes de algo como um ímã, opostos relacionados indispensáveis em suas características.

Em uma analogia dos princípios da complexidade e o símbolo do Yin-Yang, do pensamento milenar oriental, propomos a leitura de que o recursivo é a absorção que só se constitui a partir da luz, da noite que se segue ao fim do dia. O hologramático, em cada parte contém muito do todo e está contido no todo. E o dialógico é a visão do terceiro elemento incluído na relação contraditória, mas complementar entre os dois elementos.

Figura 2 - Analogia dos princípios da complexidade no símbolo de Yin-Yang



Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir de movimentos e interações no circuito tetralógico, os ciclos estabelecem-se como consequência da continuidade das relações, destruindo parcialmente algumas e mantendo outras ordens constituintes de organizações cada vez mais complexas. Da desordem, as interações geraram a ordem, repassada e estabelecida em um padrão de organização, ao ponto de novas interações fazerem emergir a vida.

As relações que se estabelecem no ambiente são a base para a formação de algo novo. Ou seja, o ecossistema é constituinte da vida, mas não resume cada vida que o constitui. Assim como o ecossistema determina algumas condições da organização, há características únicas da organização que são determinantes para sua constituição e vida. Aquilo que consideramos como vida, na complexidade, apresenta-se como uma *autoecorreorganização* (MORIN, 2011).

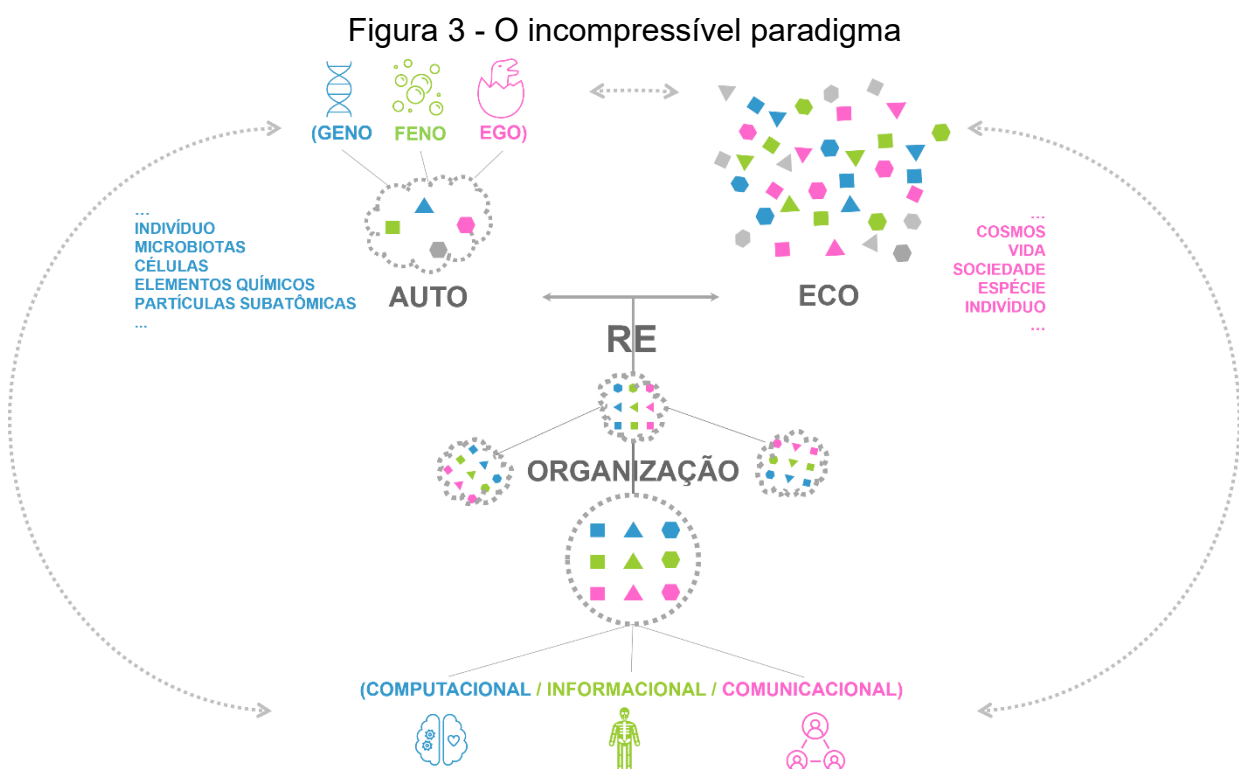
Vivemos de forma interdependente com o ambiente (o eco), mas contamos com certa autonomia (auto). Ao interagirmos, somos influenciados pelo externo que nos afeta, exigindo processos de cálculo (*computacionais*), compartilhamento de informações (*informacionais*) e realizamos ações que voltam ao externo (entendidas aqui como *comunicacionais*). Todo esse processo ocorre através dos mecanismos chamados de *anel locomotor*, que nos faz sentir, pensar e fazer as interações capazes de garantir a reorganização, a manutenção e a continuidade (geração e regeneração) de novas vidas.

Dito de outra forma, ao nos estabelecermos temporariamente como organização (ou uma autoecorreorganização caracterizada como indivíduo-sociedade-espécie), realizamos ações de processamento interno computacionais (ao verificar quantidade e qualidade dos elementos em interação), informacionais (utilizando nosso repertório interno para perceber e processar os novos elementos) e comunicacionais (transformando os novos elementos em ações internas e/ou externas). Isso ocorre a partir da interação externa (com o eco) e é baseada em nossos próprios referenciais (auto - geno, feno e ego), para então induzir-nos a nos reorganizarmos no ambiente.

A autonomia (o auto) é o fechamento e a abertura do sistema, que pode trazer ameaças, mas também oportunidades à organização. Ao mesmo tempo que abre, a autonomia é condicionada: pelo *geno* (do grego *genos* que se refere a *origem* e *nascimento*) - pela herança como ser vivo e como descendente; pelo *feno* (do grego *fenon* que se refere a *aparecer*, que surgem a partir das interações) - pelas situações

que o contexto em que se vive fazem-nos únicos; e pelo *ego* - características e competências únicas do sujeito.

Essa autonomia é criadora e influencia o próprio corpo, o ambiente, a casa, o *eco* para nos reorganizarmos na vida, estabelecendo o que Morin nomeou como “o incompressível paradigma”. O incompressível seria porque ele não poderia ser separada nem resumido como autoecorreorganização, pois deveria ser auto(geno-feno-ego)ecoreorganização(computacional-informacional-comunicacional), visualmente exercitado na Figura 3, abaixo:



Fonte: Elaborada pelo autor, adaptada de Morin, 2011a, p. 393.

Para seguirmos na compreensão, mesmo que limitante e contraditória com a teoria, ainda falaremos em *autoecorreorganização* e até em *AERO* (capítulo 4). Como um tipo de vida, a autonomia humana trouxe a capacidade da autoecorreorganização de ampliar a visão sobre si e sua interação com o ambiente, estabelecendo algo para além daquilo que suas restrições pareciam indicar que já estava programado. Aqui a complexidade distingue e opõe *programa* de *estratégia* ao conceituar que o programa é “realizar aquilo que está inscrito previamente (...) para alcançar certo resultado”, enquanto a estratégia “baseia-se em decisões sucessivas, tomadas em função da

evolução da situação” (MORIN, 2011a, p. 250). Apesar da distinção, ambas combinam-se e complementam-se para continuarmos nos reorganizando. Para podermos viver o novo, único e eterno momento do agora (estratégia), precisamos realizar milhões de funções de nossos microcosmos (programa) que garantem nosso viver.

A área mais tradicional do design, vinculado à indústria, traz técnicas e métodos já estabelecidos (programas) para que a repetição e a eficiência possam ocorrer no sistema. O caráter estratégico no design trouxe novas possibilidades de uso do design para além dos produtos e resultados gerados. Trouxe a perspectiva de processos que permitem questionar e ressignificar até mesmo o desenho da própria vida, complexa e repleta de incertezas das realidades da vida.

O aumento da complexidade da autoecorreorganização traz-nos a cultura e o antropossocial para o ecossistema. Nesse contexto, o conhecimento, as ideias e a ética apresentam-se como níveis circulares em espirais do ciclo de aprendizado e desenvolvimento, involução e revolução da existência.

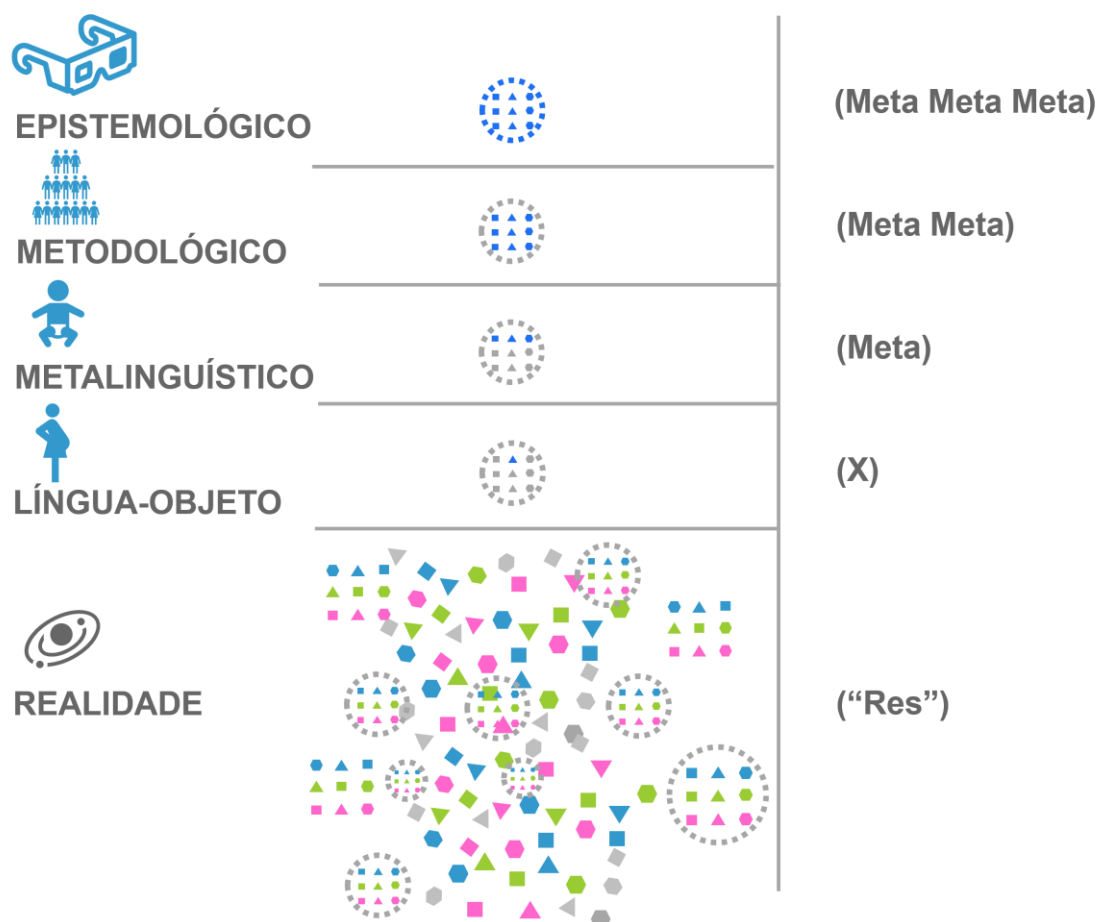
O indivíduo, na perspectiva da complexidade, é indissociado de sua interrelação como indivíduo-sociedade-espécie (MORIN, 2013, p.163). Tais repetições cíclicas em espirais ampliam a complexidade da autoecorreorganização. Propomos ampliar ao propomos a introdu[ca]ção da vida e dos cosmos nessa constituição. Antes de experienciarmos o indivíduo, somos microcosmos (microbiota, células, elementos químicos, partículas atômicas e subatômicas). De forma interligada, somos vida e somos resultados e resultantes dos macrocosmos (compostos de elementos materiais e imateriais de explosões estelares e das energias cósmicas). Ou seja, somos uma organização complexa inseparável como *microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos*.

Tais competências remetem-nos à proposta de *metadesign* ou *metaprojeto*, que se viabiliza pelo *deslocamento de nível do conhecimento científico*. O deslocamento de nível, no design estratégico (BENTZ & FRANZATO, 2016), é o processo de compreensão de um determinado espectro da realidade, descrito através da linguagem, no nível “língua-objeto” e que, na linguagem científica, deve buscar a coerência conforme os níveis superiores estabelecidos, como o metodológico e o epistemológico.

A realidade em si não é totalmente compreendida pela racionalidade (que a categoriza e separa para tentar entender e aprender), ela simplesmente é. Neste caso, ela é nomeada como “res” (*realidade* em latim). Tanto a complexidade que busca religar

os saberes, quanto o design que articula as pessoas para sentir, pensar e fazer juntos, têm o potencial de articular para ampliar a capacidade de percepção e reflexão sobre a realidade ou até as realidades (como na perspectiva da decolonialidade dos anteriormente referidos *pluriversos* e *cosmovisões*). Como esforço de explicitar visualmente, na Figura 4, abaixo, exercitaremos a percepção de deslocamento de níveis a partir de uma experiência de uma pessoa grávida.

Figura 4 - Níveis de conhecimento



Fonte: Elaborada pelo autor, adaptada de BENTZ & FRANZATO, 2016.

Ao dedicarmos esforço a observarmos um fenômeno específico, como a gravidez, é estabelecido algo no nível *língua-objeto*. A partir do espaço-tempo na realidade, um microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos está vivendo a realidade em si (a fecundação, as mudanças hormonais e físicas no corpo, a geração de um outro ser dentro de si, entre tantas outras situações culturais, comportamentais e sentimentais). Ao irmos além da gravidez, vislumbramos o

nascimento e a vida de um novo ser humano, o que se estabelece no nível *metalinguístico - Meta*. O nascimento de uma criança, em determinadas culturas, é celebrado como um renascimento da sociedade, e isso estaria percebido e refletido no nível *metodológico - Meta-Meta*. Essa abordagem metodológica faz-se a partir da lente das *ciências sociais*, que se estabelece no nível *epistemológico - Meta-Meta-Meta*.

O que podemos reconhecer é a necessidade de coerência a partir da visão epistemológica adotada e sua influência na compreensão/percepção de cada sujeito/objeto da realidade, em suas *meta-transformações*. Podemos observar o mesmo objeto por múltiplas lentes, seja como fenômeno energético, natural, biológico ou social. Temos limitações de absorção racional da realidade. O pensamento complexo, no nível ontológico, faz um convite para que possamos compor, com múltiplas lentes, visões mais coloridas da realidade (representadas pelas outras cores que os níveis da Realidade nos convidam a agipensentir na Figura 4, anteriormente apresentada).

Perceber o deslocamento de níveis como um instrumento contribui para reconhecermos a possibilidade de ampliação das capacidades autônomas de *agipensentir*. Essa autonomia criadora influencia o próprio corpo, o ambiente, a casa (o *eco*) para nos reorganizarmos na vida. Tais deslocamentos são propostos aqui como metAMORfoses, gerando novas formas e capacidades de experienciar a existência como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos que somos.

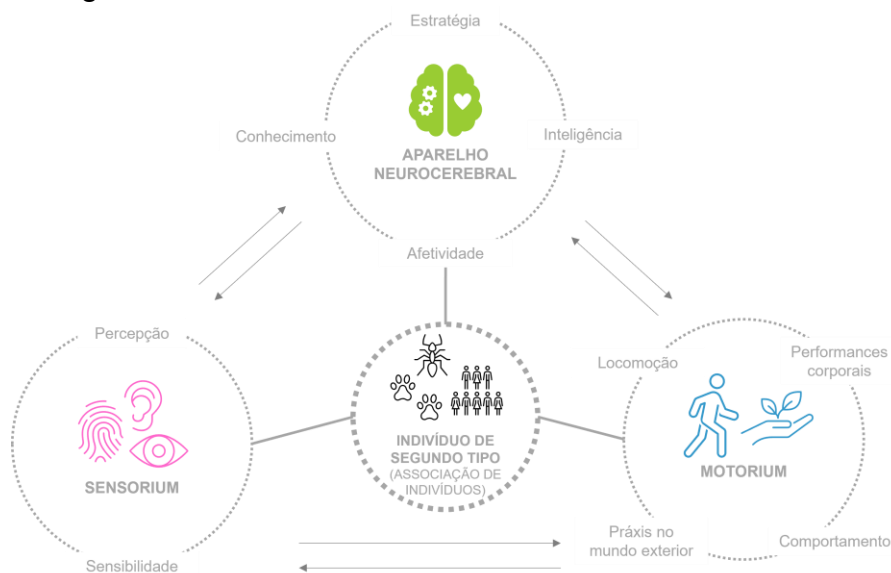
Viver é um processo que exige ação dos outros (interação) para acontecer, bem como para manter-se e regenerar-se. A organização (e suas interações) pode ter múltiplas identidades (ego), conforme o nível que se escolhe dedicar atenção e gerar parcial conhecimento: microrganismo, indivíduo, família, coletivo, empresa, governo, sociedade, natureza ou outra categoria. Lembramos que as identidades são constituintes a partir de suas interações. Tais interações podem trazer uma nova desordem, estabelecendo os ciclos que parece termos entendido do cosmos, como uma “co-produção da ordem e da desordem” (MORIN, 2013, p. 104), vinculados aos princípios recursivo, hologramático e dialógico.

Da dança da ordem com a desordem geram-se os ciclos que trazem movimento e repetem-se na vida de animais e plantas, nas conceituações físicas, químicas e biológicas, apresentam-se em padrões espiralares. Morin (2011a, pp. 234-235) conceitua tal ciclo de *anel locomotor* e seu *desenvolvimento animalizante*, isto é, o que nos move e nos instiga como seres a nos desenvolvermos, a vivermos. No corpo, a

energia transforma-se e o ciclo movimenta-se, desenvolve-se (a partir de nossas necessidades naturais) pelos sistemas: a. *sensorial*, b. *neurocerebral* e c. *motor*, onde se processam sequencial e simultaneamente a. *percepção e sensibilidade*, b. *afetividade, conhecimento e inteligência*, e c. *locomoção e práxis do mundo exterior*.

Na Figura 5, abaixo, o anel locomotor é representado como um complexo de interações dos aparelhos (arranjo original que, em uma organização comunicacional, liga o tratamento da informação às ações e operações) chamados *animalizantes*, que fazem o desenvolvimento de um indivíduo de segundo tipo, que já é um nível mais complexo da associação de indivíduos de primeiro tipo (MORIN, 2011a). Ou seja, sem haver determinação do que inicia o processo, no princípio recursivo da complexidade (o produtor que gera o produto que o gera ou o regenera), podemos considerar que a práxis no mundo traz a informação para os aparelhos sensoriais, como a percepção a partir da sensibilidade. O processamento da informação pelo aparelho neurocerebral alimenta o sistema motor a se locomover, gerar ações e comportamentos no mundo exterior, tornando comum a outros, como comunicacional. O que gera transformações nos processos micro/macro da vida.

Figura 5 - Anel locomotor: desenvolvimento animalizante



Fonte: Elaborada pelo autor, adaptada de MORIN, 2011a.

Somos seres que, ao mesmo tempo, criam e são criados pelo contexto (evolutivo, natural, histórico, social, cultural e espiritual). Somos atores que podem contribuir e incidir, mesmo que parcialmente (dados os muitos limites do conhecimento,

da razão, da emoção, da percepção e da visão humana), no processo de construção de novas realidades, novos relacionamentos, novas economias, novos valores e novas energias.

Essas novidades, gêneses ou emergências de um sistema, que é “a inter-relação de elementos constituindo uma entidade ou uma unidade global” (MORIN, 2011a, p.132), são cocriadas por meio das conexões já estabelecidas, detectadas e conhecidas pela humanidade (programas). Mas há também uma infinidade de interações ainda não percebidas por nossos instrumentos receptores naturais ou artificiais, que se apresentam como um potencial a ser desenvolvido por séculos à frente (estratégias). Provocação que poderemos considerar a partir do questionamento de Morin de que se no nosso desenvolvimento seremos “meta-humanidade ou super-humanidade” (MORIN, 2012b, p.248).

3.1 Amor

Em uma educação (que faz agipensentir dentro até perceber a capacidade de autonomia fora e reorganizar-se na interação) para esta meta-humanidade reconhecida como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-macrocosmos, o tema do amor é um dos mais necessários para ser aprofundado pela ciência. Se não puder ser feito de forma científica, a arte é o movimento complementar para esta nova educação do presente (aqui-agora)

Antes de encontrar referenciais acadêmicos, iniciei a reflexão a respeito da definição de amor a partir de um trecho literário e poético do escritor Erico Verissimo. Na trilogia de *O tempo e o vento*, o personagem Floriano conclui que “o oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença” (VERISSIMO, 2004).

Ora, se a indiferença é o oposto do amor, ela está mais próxima do vazio, da não influência, da não-ação, de não haver emoção. Já o ódio, mesmo muitas vezes considerado como sentimento oposto, apresenta-se como um espectro do amor. Ao considerarmos que *o outro* tem valor (baseado em um julgamento computacional) em *minha vida*, ou seja, se eu odeio alguém ou algo (informacional), eu invisto minhas competências sentimentais (computacional) pela pessoa, acontecimento ou coisa, que influencia (comunicacional) minha vida, tendo algum valor no meu sentir (informacional), no meu pensar (computacional) e no meu fazer (comunicacional).

Ainda, se o oposto do amor é a indiferença ou a não-influência, todas as energias que me influenciam ou que influencio no mundo poderiam ser consideradas como

amor? O julgamento (ação humana computacional) que fazemos das influências como *positivas/negativas* ou *boas/ruins* é sempre subjetivo e relativo, pois não temos a capacidade de calcular todos os efeitos de que uma destruição, de que as mortes, as crises e os desastres trazem para nossas próprias vidas ou até mesmo para o cosmos, como um todo.

Para fins de avanço na pesquisa, consideraremos o *amor* como *energias que nos influenciam e que influenciamos no cosmos*. Os múltiplos níveis e tipos de energia abrem uma margem grande de interpretações, mas que esperamos detalhar com a análise do *corpus* (item 4.3 da tese). A categorização das percepções e de como as energias são julgadas como negativas/positivas em suas múltiplas e inexplicáveis realidades, são elementos importantes na composição de novas percepções de amor, à luz da complexidade.

Poderíamos considerar um assassinato, um estupro ou um genocídio como um ato de amor? Podemos não ter uma resposta simples ou verdadeira para uma pergunta que afronta o valor à vida, mas as perguntas não deverão parar de serem feitas. Pode parecer não fazer sentido no paradigma ocidental das especialidades, da dualidade, da separação entre as coisas e o indivíduo, mas precisamos compor em novas perspectivas, acolhendo as nossas naturezas e nossos atos. Como humanidade, incluindo as culturas não hegemônicas como africanas, indígenas e orientais, temos alternativas para além do que estamos acostumados e delimitados a agipsentir. Podemos afirmar que há influências nas nossas vidas tanto das energias “negativas”, quanto das “positivas”, mesmo que sejam energias pouco ou quase nada percebidas pela humanidade, como é o caso das energias cósmicas (como a energia e a matéria escuras que representam 95% do cosmos, mas que na atualidade ainda não conseguimos reconhecer) e das ancestralidades da vida no planeta Terra.

Como afirmado por Morin (1998) no livro *Amor, Poesia, Sabedoria*, o amor “é o ápice da união entre loucura e sabedoria”. Na complexidade, o *sapiens* (sábio) estabelece relação complementar e antagônica com o *demens* (louco), logo, seríamos uma espécie *Homo-sapiens-demens*. E o amor seria o ápice da vida do *Homo sapiens-demens*.

Dessa forma, alguma potência do amor passa pelo processo de reconhecimento da influência das múltiplas energias em movimentos cíclicos e espiralares (que abrem-se e fecham-se, destroem-se, geram-se e reconstroem-se) a partir do afeto, com a

capacidade de escolha da intenção e da intensidade de retroalimentação dessas energias em nossas vidas. Como afirmou ainda Morin:

[...] inocentes exprimem a mais rica complexidade comunicacional que a vida pôde fazer surgir, a do amor. Contrariamente ao pensamento abstrato imbecil que desqualifica o amor: o amor é complexidade emergente e vivida, e a computação mais vertiginosa é menos complexa do que o mínimo afeto... [...] (MORIN, 2013, p. 465)

O que podemos considerar como relevante é a capacidade de decisão do que queremos estabelecer maior influência por meio de nossos aparelhos animalizantes (com intenção e intensidade), isto é, ampliar a frequência de interações, estabelecendo relações autoecorreorganizacionais. Portanto, a partir do cálculo individual da relevância ou do valor gerado por determinada energia em nossa vida, reconhecemos que queremos manter tal relacionamento para nos alimentar nos níveis corporal, mental e energético.

Em *A vida da vida*, Morin traz também relevante problemática do amor ao considerar que: “o mundo vai rebentar não só pela ausência de amor quando faz falta, mas por excesso, nas degradações e desvios do amor” (MORIN, 2011a, p. 489). Ele complementa, alertando que “permanece, no âmago do amor como de todas as coisas vivas e físicas, um princípio de degradação e de negatividade que nenhum pensamento pode doravante ocultar e que nenhum pensamento complexo pode ocultar. Falo de nova emergência do amor e não de solução geral pelo amor” (MORIN, 2011, p. 489).

Ao considerar válida a provocação de Morin, na presente pesquisa propomos nos mantermos alertas, percebendo e gerindo os riscos. Ao mesmo tempo, nos lembrando do verbo utilizado por Paulo Freire, *esperançando* que a proposta de amor afete algumas pessoas (corpo, mente e alma). Não é necessário que haja um consenso (como ocorre com todas as teorias que tentam contribuir para nossa compreensão das realidades), lembrando que os sistemas mantêm suas perdas, seus ruídos em sua relação com a desordem, a dispersão de energias em suas aberturas (MORIN, 2013).

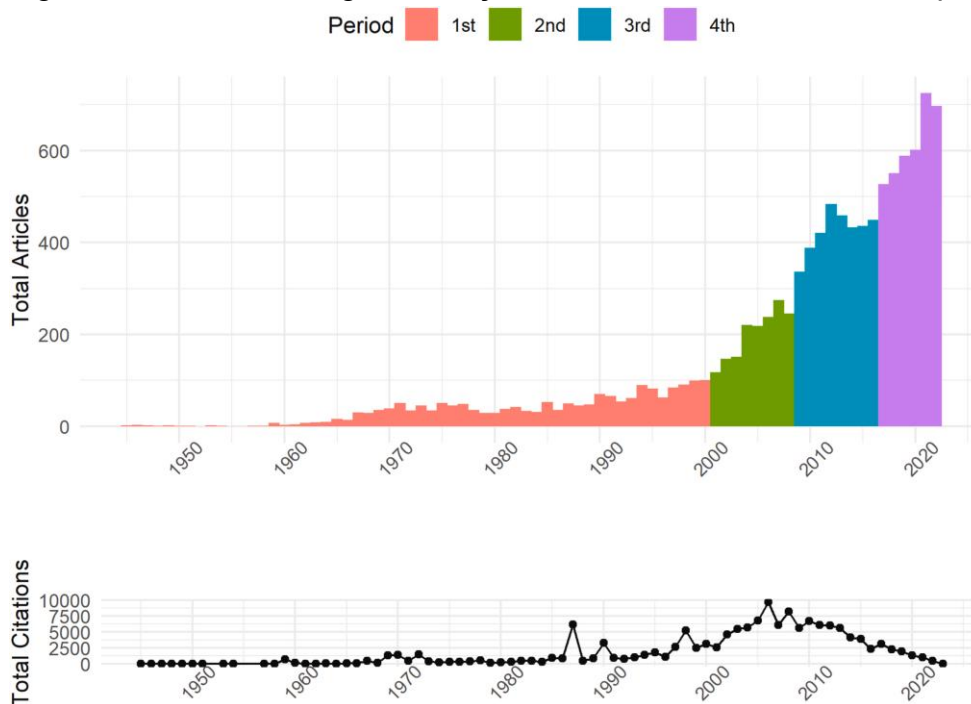
Noguera (2020), ao trazer as visões históricas e mitológicas sobre o amor, também afirma que não há um conceito definitivo. O amor já é, existiu e continuará existindo mesmo sem conceitos, assim como ele também está em constante processo de resignificação. Ele ainda pontua a necessidade de estabelecimento de acordos constantes entre as pessoas, como no trecho a seguir:

O fazer político da arte de amar está justamente em negociar constantemente, fazer e refazer pactos. Uma pessoa não pode dizer “sim” uma só vez. A magia de um relacionamento não está no começo com o amor apaixonado, mas na

capacidade de se manter junto, caminhando em meio às tramas mais difíceis que as circunstâncias apresentam. (NOGUERA, 2020)

Em estudo que aplicou uma revisão bibliométrica sobre o amor como conceito na pesquisa acadêmica, Cebral-Loureda *et al.* (2024) analisaram mais de 70 mil artigos, que foram refinados até serem destacados 10 mil produções de artigos desde 1940 até 2024. O artigo pontua que as poucas produções iniciais (de 1940 ao começo dos anos 2000) tratavam mais de amor na perspectiva da sexualidade e das relações românticas. Abaixo, o gráfico demonstra o volume e os movimentos ao longo de quase oito décadas de produção acadêmica.

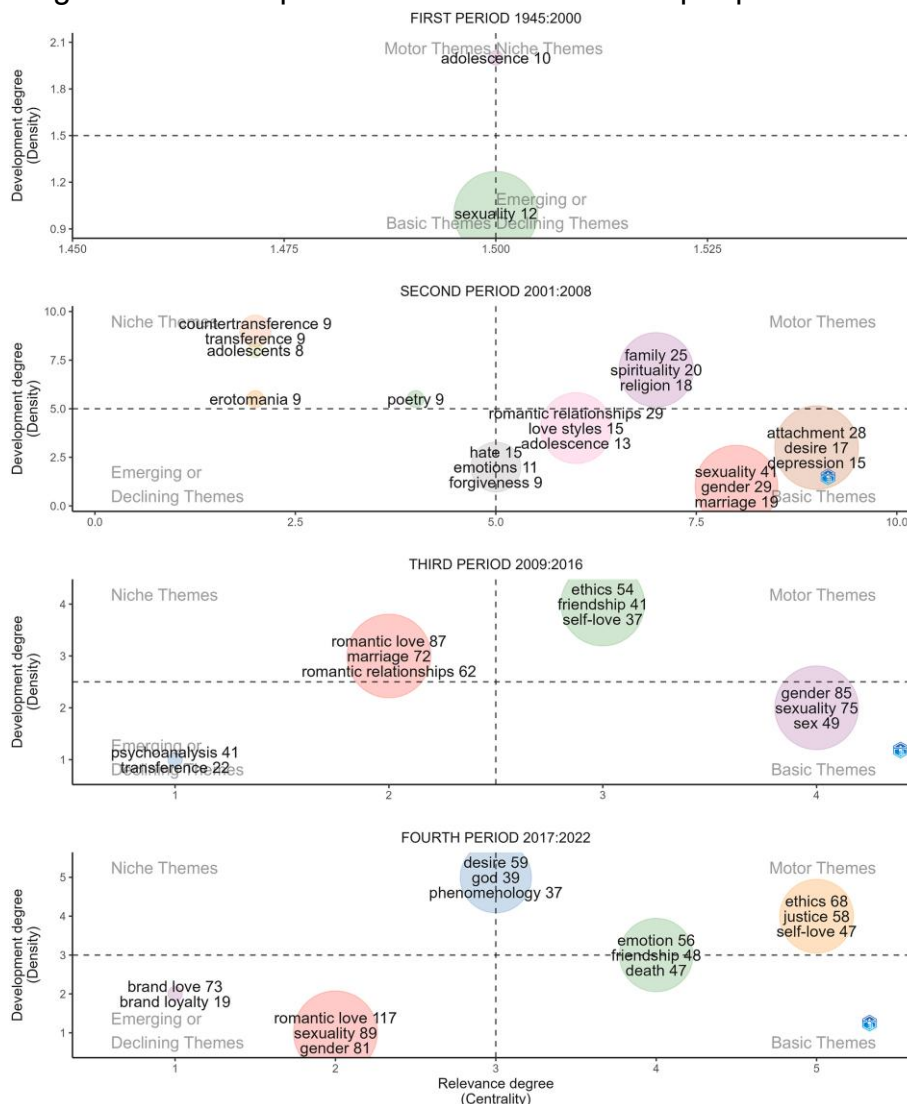
Figura 6 - Totais de artigos e citações sobre o conceito de Amor, por ano



Fonte: CEBRAL-LOUREDA et al, 2024.

O artigo também destaca que a amplitude de abordagens sobre o amor não permite estabelecer considerações tão consistentes, inclusive com a potência mais recente da produção. Nos últimos 20 anos, como apresentado na Figura 7, abaixo, além da psicologia e da neurociência, o amor tem sido tratado como uma problemática de justiça e ética (referenciando bell hooks como uma das principais fontes), além da temática na psicologia a respeito de gênero e de auto-amor (*self-love*).

Figura 7 - Temas proeminentes sobre a amor por período destacado



Fonte: CEBRAL-LOUREDA et al, 2024.

O movimento acadêmico sobre o amor, conforme parece representar no estudo de Cebal-Loureda et al (2024), parecem indicar a relevância de experienciarmos, neste presente estudo, mais uma reabertura e ampliação dos significados e do agipensentirmos o tema. Mesmo que isso possa ser iniciado e gerado de forma individual, a interação com o coletivo e a ampliação para além dos parâmetros tradicionais, pode trazer reflexões e reflexos no mundo todo.

A Declaração Universal dos Direitos das Crianças (UNICEF, 1959), um dos materiais constituintes do *corpus* de análise desta tese, trouxe, ainda em 1924, em seu princípio sexto, a palavra amor. Na busca do compromisso de todos, a redação afirma: “Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão”.

A redação da Declaração foi motivada pelo tratamento dado às crianças no período após a Primeira Guerra Mundial. E o exemplo das guerras declaradas entre nações em pleno ano de 2025 (como Rússia e Ucrânia, Iraque e Irã, Israel e Palestina), demonstra a quebra desses acordos que geram grandes destruições e que clamam por novas declarações.

As guerras e seus estrondos e estragos materiais parecem contrastar aqui com o amor. O amor parece atuar de forma imaterial (amorfa) e silenciosa na sociedade. A conexão do indivíduo consigo mesmo e sua ampliação para se perceber hiperconectado com a sociedade, com a espécie e com os cosmos, tem uma promessa de “revolução amada” que a humanidade tem o potencial de experienciar através da arte (como na música *Imagine*, de John Lennon e Yoko Ono). Vale a provocação aqui de refletirmos a respeito e começarmos a agir pequeno ([in]ação, [re]ação, ação, canção e respiração) e não somente reagirmos ao vulgo “sistema global” regido e dominado por poucas pessoas.

3.2 metAMORfose

Apresentei-me nesta pesquisa como singular e plural, simultaneamente. Precisei desfazer-me da simplicidade como indivíduo e refazer-me como complexo microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos. Precisei avaliar minha/nossa vida em seu contexto de passado/presente/futuro, ao mesmo tempo. Como pesquisador (conceito estabelecido pela sociedade) no design estratégico, utilizo o próprio design para ressignificar e projetar o design, no processo de levar o design para além, o *metadesign*.

Uma das características da metamorfose é sua necessidade de tratar da desorganização de uma organização, que leva à sua destruição e/ou morte, base do princípio dialógico da complexidade. *Metamorfose*, durante um momento da pesquisa, apresentou-se como *o ato de perceber-se afetado por trocas (agipensentir) e projetar a própria transformação*.

Com o avanço da composição dos estudos, a palavra e o método ganharam o destaque do amor como *metAMORfose*, desdobrada em níveis e que permitiram transformações complexas profundas em mim e na pesquisa. O design estratégico com a complexidade ampliou o debate sobre o espaço-tempo, como a proposta do novo “*ethos* projetual” de Bittencourt (2021), além das discussões de decolonialidade e da

abertura para as novas cosmovisões (WERÁ, 2024; KRENAK, 2022; KAPLAN, 2022 MARTINS, 2021; FREIRE, 2021; NOGUERA, 2020 e WERÁ JECUPE, 2001).

Na dimensão da sociedade, Morin (2012b) comenta que, diferentemente das ciências exatas, que buscam estabelecer leis gerais, não existem leis históricas da humanidade. Porém:

A única lei é que todo desenvolvimento comporta desorganização e degradação do que lhe era anterior. De qualquer maneira, não há evolução que não seja desorganizadora no seu processo de transformação ou de metamorfose. (MORIN, 2012b, p. 221)

A aplicação de metamorfoses se daria em níveis como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos, reconhecendo as influências e transformando-se a partir de cada criação, buscando experienciar a vida de maneira mais plena. Diante de tais reflexões, ensaiamos experienciar o amor como fonte possível do que Morin (2011a, p. 489) chamou de “princípio gravitacional da hipercomplexidade”, partindo dos níveis individuais aos coletivos e cada vez mais complexos.

O prefixo *meta* acompanhou-me por todo o caminho doutoral, inclusive cursei a atividade acadêmica (disciplina do mestrado) de Metaprojeto (ou Metadesign). Já no título provisório da tese, veio o jogo de palavras de meta, amor e morfose até chegarmos na poética metAMORfose. Meta pode remeter a *ir além*, estar em *uma posição superior* ou ainda um processo de transformação.

Entendemos a aproximação, nesse caso, dos sentidos de *meta* com o de *educação*, pois ambos remetem à ideia de avançar, de evoluir, de desenvolver algo, uma organização, uma desordem, uma interação, uma autoecorreorganização. Para Morin, “se encontrarmos os nossos atores desordem/organização/ordem, um novo jogo começa, onde intervêm novos atores. Precisaremos então de uma metateoria, de uma metafísica, não no sentido extrafísico que este termo é concebido, mas no sentido do *meta* que significa simultaneamente ultrapassagem e integração” (MORIN, 2013, p. 451).

Na Complexidade, o amor não pode ser simplesmente aceito como “a resposta”, pois muitas das ações humanas mais catastróficas são justificadas pelo amor, o que leva aos fanatismos e extremismos. Reconhecer certo equilíbrio das intenções e intensidades ao projetar as transformações que queremos como autoecorreorganizações é o exercício que a sintonia proposta do design estratégico com a complexidade pretende experienciar.

Muitas vezes, a não-ação (termo de profunda significação no pensamento oriental, especialmente no taoísmo), pode ser um caminho de profunda transformação. Considerando que ao fundo estamos tratando de energias ou até de *holoformação* (a totalidade que dá origem da informação que conseguimos processar e cada informação que acabamos por encadear com nossas vidas), vamos explorar as possibilidades de metAMORfoses da vida à luz da complexidade.

Foi então que o aqui-agora ganhou novo significado. Diante dos retrocessos e revoluções ocorridos com a pesquisa, inclusive a não-ação após as enchentes de 2024, o conceito de *metAMORfose* apresenta-se agora como uma estratégia/programa de *amar cada parte aqui-agora até perceber-se o todo e o nada*.

Como exercício inicial de operação de metAMORfoses, propomos que as energias que acionam nosso *desenvolvimento animalizante* (MORIN, 2011a) e nos fazem lidar com o programa artístico experienciado em nossa arte mais nobre, nosso corpo-tela (MARTINS, 2021) podem ser classificadas em sete níveis de intensidades. Os níveis são estabilizados através dos três mecanismos do anel locomotor, adaptado ao método de viver em três momentos integrados sentir-pensar-fazer, o *agipensentir* (MANDELLI, 2023).

Figura 8 - Níveis de intensidade do agipensentir em metAMORfoses



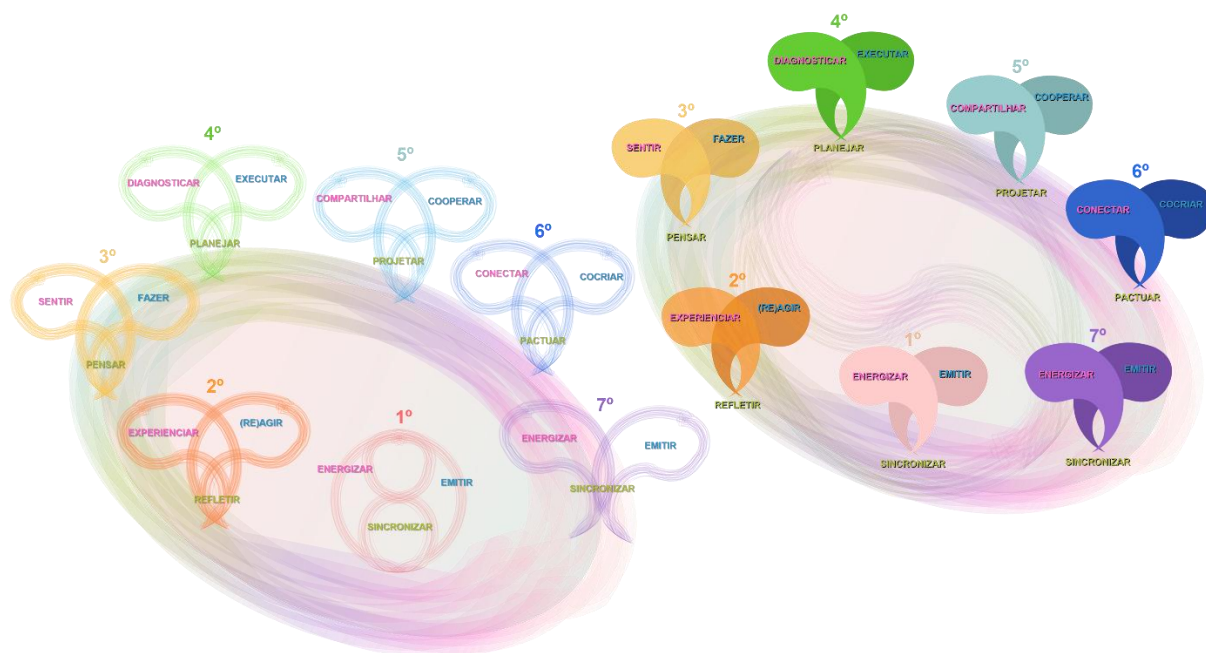
Fonte: Elaborada pelo autor.

As propostas de níveis de metAMORfoses do agipensentir, na Figura 8, acima, apresentam sete níveis os quais tentam representar os níveis de complexidade que as energias ou informações que uma autoecorreorganização pode transformar como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos. Ou seja, as possíveis intensidades que chamaremos de metAMORfose são variações vividas do agipensentir (o terceiro nível de sentir-pensar-fazer).

Diante dos ciclos percebidos tanto dos microcosmos quanto dos “mesocosmos” (como a sociedade em seus ciclos de gestão de projetos ou de políticas públicas) até os macrocosmos, propomos os verbos que aqui representam o esforço energético de cada autoecorreorganização. Os níveis são meros espectros das formas (computacional-informacional-comunicacional) de viver, das organizações naturais às organizações coletivas antropossociais: 1º Experienciar-Refletir-Reagir; 2º Experienciar-Refletir-Agir; 3º Sentir-Pensar-Fazer; 4º Diagnosticar-Planejar-Executar; 5º Compartilhar-Projetar-Cooperar; 6º Conectar-Pactuar-Cocriar; 7º Energizar-Sincronizar-Emitir.

Para auxiliar na compreensão, os níveis são representados por cada parte do Yin-Yang, que juntos em desordem e interação, se percebem em ordem que aqui são representados por corações, que biologicamente é um órgão (autoecorreorganização) que recebe um sangue mais oxigenado por uma entrada e menos oxigenado por outra entrada, e redistribui para todos os órgãos e as partes micro e macro do corpo-tela. Os sete níveis de vibração das interações das autoecorreorganizações são reconhecidos como parte-totalizante do microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos, indissociada também de suas contrariedades, complementariedades e antagonismos simbolizados pela espiral com o vazio central, que é geradora de seu próprio movimento de vida e de morte.

Figura 9 - Sete níveis de vibração da metAMORfose e vazios centrais



Fonte: Elaborada pelo autor.

As cores combinadas de cada coração totalizam a cor branca, aqui não destacada ou até não percebida por nenhum dos nossos sentidos. Na metAMORfose percebida a partir do reconhecimento do fluxo do ar, no processo análogo à respiração, nos encontramos com o *vazio*. O espaço-tempo em que encontramos o nada e o todo, o eterno-presente.

O todo e o nada, em cada parte, é percebido no estudo da complexidade e da espiritualidade a cada vez que nos aprofundamos na percepção e reconhecimento específico. Para Morin (2011a, p. 306-307), somos um todo porque somos “uma galáxia de bilhões de inter-retroações atômicas e moleculares (...) e nada porque não passa[mos] de um ponto infinitesimal e fugaz no espaço da biosfera e no tempo da evolução biológica”.

Desse processo de design da(s) vida(s), emergem transformações culturais nas quais o design apresenta-se como transformador do espaço, como ativismo, como ação e até como um instrumento potencializador do novo em direção ao que se quer. Manzini (2017) traz a perspectiva dos cenários em que as pessoas podem escolher e desenhar suas realidades, apesar da necessidade de lutar para conquistá-las e concretizá-las. As referidas “transições não catastróficas para a sustentabilidade” (MANZINI, 2017, p. 223)

sugerem verificarmos que cada um pode ser capaz de escolher e de fazer a escolha certa, atuando, neste contexto, como designers.

Isto é, se quisermos pensar em continuar com a vida em nosso planeta (no tempo cronológico futuro), ao menos é válido que queiramos que a vida humana perdue por mais tempo e seja mais autocrítica, pois parece sermos a principal ameaça de nossa sustentabilidade no planeta. Edgar Morin (2013) destaca o papel do “improvável” e “a perda da certeza”, especialmente na vida. Em suas palavras, “a organização e a ordem resultam num princípio de seleção que diminui as ocorrências possíveis de desordem, aumenta no espaço e no tempo suas possibilidades de sobrevivência e/ou de desenvolvimento” (MORIN, 2013, p. 106).

Portanto, a partir da proposta teórica dos níveis de metAMORfose, os objetivos específicos devem ser exercitados nas interações vivenciais (Capítulo 4) em processos de educação da vida de autoecorreorganizações (como o *corpus* de materiais analisados a partir de desordens apresentadas nas interações do auto-eco do pesquisador aqui-agora). O design estratégico permitiu orquestrar e explorar novas possibilidades de voltar e revoltar o que é e o que pode vir a ser a educação da vida.

3.3 Educação da vida

A educação tem sido declarada como a principal ação de desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades. Nos últimos séculos, ela foi um diferencial para que as pessoas tivessem acesso ao conhecimento já estabelecido e então viabilizassem o usufruto de oportunidades decorrentes de novas competências adquiridas (conhecimentos, habilidades e atitudes). Morin (2013) define *competência* como “a aptidão organizacional para condicionar ou determinar uma certa diversidade de ações/transformações/produções”.

Reconhecemos o papel fundamental da educação como prática e disciplina humana que permite o aprendizado e o desenvolvimento individual e coletivo de nossas identidades e competências humanas. Nas primeiras versões da tese, o termo *educação* manifestou-se como *o reconhecimento de valores (históricos e atuais) de organizações (individuais e coletivas) para cocriar o passado, o presente e o futuro*. No momento, a educação da vida seria *reconhecimento de valores (individuais e coletivos) que capacitam as autoecorreorganizações a cocriar o espaço-tempo*. Tal proposição

exige uma certa ousadia, mas que humilde e temporariamente serve para ser criticada, rejeitada e/ou aprimorada, especialmente no diálogo com o agipensentir acadêmico.

Em geral, os discursos e ações de transformação da educação seguem os moldes tradicionais, ao repensar as bases curriculares. Isso é, está subentendido que é o mapeamento do conteúdo que os estudantes deverão absorver como conhecimento para colocar em prática para viver a vida, especialmente a profissional. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2015) destaca que a educação não é encher um vaso de conteúdo, pois educar é um ato complexo de transformação das pessoas que simultaneamente ensinam e aprendem na interação.

Regente do ensino formal brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), em seu artigo primeiro, não define educação, pois trata dela apenas por sua abrangência:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Incluída mais recentemente, em 2018, a redação da LDB teve texto a respeito da “educação ao longo da vida” referenciado como direito a ser garantido no inciso XIII, Artigo 3º, assim redigido: “garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996). Percebemos, com o exemplo, uma proposta de ampliação da visão sobre a educação, porém sem conseguir desvencilhar-se das amarras e dos padrões seculares estabelecidos pelo tipo de ensino-educação.

Nos desafios enfrentados na alfabetização por Freire (FREIRE, 2015), a relação de sujeito e objeto foi explorada em detalhes pelo autor. Percebemos que Freire expressa seus pensamentos por uma perspectiva complexa. Ao questionar a forma simplista de tratar o ensino, o autor afirma que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (FREIRE, 2015, p. 25).

Ainda em estilo complexo de pensar a *formação* na educação, Freire (2015, p. 25) reforça que: “(...) embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Nessa linha de reflexão e dando destaque à palavra *formação*, dialogada com a proposta de *metAMORfose*, em que “morfose” (que do grego *mórphōsis* significa *formar ou dar forma*) é o mote da transformação que a educação permite à vida.

Nos primeiros desenhos da tese, fui projetando uma educação que não se limitasse à formal, escolar, que é um dos direitos de todos e que deve ser garantido até a maioria (18 anos). Para ser inclusiva, pensei que *educação para toda a vida* pudesse responder à ideia de uma vida que se apresenta como formadora desde os primeiros momentos até os últimos suspiros de vida.

Nosso líder indígena Ailton Krenak (2022), pensando na necessidade de revermos os formatos em que as crianças são "educadas" atualmente, propõe:

Para que a gente possa promover e facilitar uma experiência que inclui menos moldes e mais invenção, precisamos fazer uma revolução do ponto de vista da educação formal nas práticas estabelecidas, e nas escolhas que as famílias fazem. (KRENAK, 2022)

Realizei buscas às bases de teses que remetessem à qualificação da educação que servisse tanto para a “educação básica” ou a “educação formal”, quanto para uma educação que pudesse ser vivida por todos nós microcosmos-indivíduos-sociedade-espécie-vida-macrocosmos. Os termos iniciais foram *aprendizagem/desenvolvimento/educação* relacionados com as expressões “ao longo da vida” ou “para toda a vida”. Porém, tais expressões sugerem carregar fundamentos de colonialismo e, consequente, eterna desigualdade.

Na tese de Rodrigues (2008), a autora faz uma crítica ao conceito de “educação para toda a vida”. Ela destaca que a expressão reproduz a visão colonial (reforçada por organismos internacionais como a ONU - Organização das Nações Unidas) de manter a educação como uma busca constante, vinculada ao mercado de trabalho. A pessoa acaba por nunca encontrar algo e isso leva ao que ela nomeou como uma educação da “eterna obsolescência humana” (RODRIGUES, 2008).

A própria Declaração Universal dos Direitos das Crianças, no seu Princípio sétimo, traz o seguinte:

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário.
Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade. (UNICEF, 1959)

Ou seja, ficou arraigada a ideia de desenvolver responsabilidade moral e social vinculando as pessoas à utilidade social. A crítica de Krenak (2020) no livro *A Vida não é útil*, merece ser apresentada aqui, pois a visão e o sentimento de pertencimento e

utilidade molda profundamente a concepção psicológica ocidental orientada pela produtividade.

O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro pré-definido(...) (KRENAK, 2020)

Os achados críticos do pensamento colonial homogeneizante, levaram-me a explorar obras mais alinhadas à realidade brasileira e do chamado “sul global”. Morin (2015) chega a propor uma obra referencial e de grande qualidade (Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação), mas compreendo que ela carrega ainda matrizes coloniais, pois foi proposta para os paradigmas francês e europeu. Em um escopo de educação para uso prático, porém com pensamento próximo da complexidade, a obra colaborativamente criada de Brotto (2020), a *Pedagogia da Cooperação*, traz uma proposição ousada, leve e potente, alinhada ao jeito brasileiro de lidar com as relações e nossas potenciais cocriações.

No diálogo do design com a educação, o autor Antônio Fontoura (2002) fez relevante contribuição à inclusão das técnicas de design para o aprendizado de crianças e jovens. A tese de Fontoura, mesmo que não construída no paradigma complexo, constitui-se de elementos importantes que podem ser ressignificados, religados e regenerados pela complexidade.

Como destacado por Paulo Freire, “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 2015, p. 133). Portanto, seguimos explorando alternativas de sintonizar o design estratégico com a complexidade e fomos encontrando elementos que podem destruir algumas relações e fazer emergir novas interações e organizações complexas.

Como um achado especial, encontrei-me com a obra-prima de uma mulher negra, Leda Maria Martins, intitulada “Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela” (MARTINS, 2021). A interação com o texto trouxe-me uma nova experiência com a religação de arte, vida, performances e espirais com os princípios complexos e o tempo.

A educação poética a partir das informações do próprio corpo e suas performances trazem uma potência gigantesca para a sabedoria da criança desde o primeiro reconhecimento de sua existência e suas manifestações. Na cosmovisão para

além da colonização, marcada pela escravidão vivida pelos corpos afrodescendentes, Martins (2021, p. 162) apresenta como um manifesto poético a “geopolítica do corpo (...) que personaliza vozes que denunciam e nomeiam o itinerário de violências de nossa rotina cotidiana, mas que, sem tréguas, escavam vias alternativas para uma outra existência, mais plena e cidadã”.

Como guia para o próximo espaço-tempo da pesquisa das interações vivenciais (Capítulo 4, a seguir) e para uma real educação da vida, deve ser celebrado o parágrafo de Leda Maria Martins:

O tempo espiralar resulta de múltiplas imbricações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, no qual se incluem todos os seres e todas as coisas, ou seja, tudo o que existe em suas várias formas e âmbitos de existir e de ser, todos os fenômenos naturais e transcendentais, desde as relações familiares mais íntimas às práticas e expressões sociais e comunitárias mais amplas e mais diversificadas; as materialidades do agora, assim como as epifanias do porvir; e ainda a emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam no movimento e asseguram a sobrevivência de todos os seres e do cosmos, em sua integralidade e totalidade. (MARTINS, 2021, p. 207)

4 INTERAÇÕES VIVENCIAIS DE metAMORfoses

Como trouxemos no início da tese, consideramos que a complexidade é vivida e experienciada no nosso dia a dia, mas é difícil ser logicamente explicada e compartilhada. Ao falarmos do *sentir*, por exemplo, temos um repertório linguístico restrito para tentar expressar em palavras nossos sentimentos. Sabemos da impossibilidade de exatidão para expressarmos determinadas sensações, emoções ou sentimentos vividos. A arte e suas múltiplas expressões (como música, pintura, dança, literatura, escultura, animação, jogos digitais e mais outras) são formas fluidas de tentar representar o *sentir*, pois sua expressão e comunicação influenciam a humanidade de uma maneira quase universal.

Na obra que propõe o corpo-tela, Martins (2021) traz a arte para além das visões limitadas mais clássicas, ao aprofundar a cosmovisão afrobrasileira com o exemplo dos sons e sua relação no espaço-tempo: “Dançar a palavra, cantar o gesto, fazer ressoar em todo movimento um desenho da voz, um prisma de dicções, uma caligrafia rítmica, uma cadência” (MARTINS, 2021). E reconheço em nossa natureza criativa, a partir do corpo e a vida, a mais fundamental arte capaz de transformar tantas coisas. Transformamos desde a duplicação de DNAs para duplicação de trilhões de células, oxigênio em dióxido de carbono e alimentos em energia, até mesmo as linguagens naturais e artificiais e as próprias expressões artísticas.

E é dessa forma que a complexidade da vida apresenta-se, pois cada um de nós humanos é originado e origem da vida (princípio recursivo), completo e inacabado (princípio hologramático), positivo/negativo e bom/ruim (princípio dialógico). Por isso, arte e complexidade são exploradas na tese.

As primeiras células de um embrião humano dão funcionamento ao primeiro órgão - o coração, que começa a bater por volta do 16º dia de gestação. E a respiração de dentro para fora (trazendo para dentro de todo o sistema o oxigênio e mandando para fora no ambiente o dióxido de carbono e outros restos metabólicos) é uma das primeiras ações complexas de nosso aprendizado e desenvolvimento da vida.

Todos esses fenômenos expressam-se por uma inteligência ou consciência que está registrada em nossa constituição, nosso DNA (ácido desoxirribonucleico), tanto como óvulo quanto espermatozoide, para nos dar forma. Há complexidade em cada

uma dessas células. Quanto mais a fundo analisarmos, mais complexidade reconhecemos, como tem sido a evolução da sempre limitada compreensão humana.

Não é fácil abraçar um paradigma diferente daquele que, em boa parte de nossa vida, apresenta-se afirmando que o conhecimento estaria pronto e que o objetivo da vida era seguir correndo atrás de informações para gerar conhecimentos, até aprendermos a aplicá-los de maneira sábia (ou útil). O que o pensamento complexo traz para o conhecimento e reconhecimento dos acontecimentos da vida permite um compartilhar mais profundo nas dimensões das emoções, sentimentos e experiências (até espirituais), mas também “faz sentido” até na hegemônica perspectiva lógica-racional.

Ao experienciarmos as primeiras confirmações complexas como adultos, o simples viver exige um grande esforço para ressignificar absolutamente tudo o que foi transmitido e cristalizado como paradigmas de certo/errado, bom/ruim ou verdade/mentira. Se a vida tem seu antagonismo e simultânea complementaridade em função da morte, a morte em si já não pode mais ser percebida como algo sempre negativo. Até mesmo a leitura de nossa própria vida ganha novas dimensões ao percebermos a grande limitação que temos de viver no espaço-tempo tão restrito, ou quem sabe, abrindo-nos para algo mais amplo, percebendo nossa relação hologramática, do todo nas partes (MORIN, 2013), com a vida e a energia cósmicas, que somos.

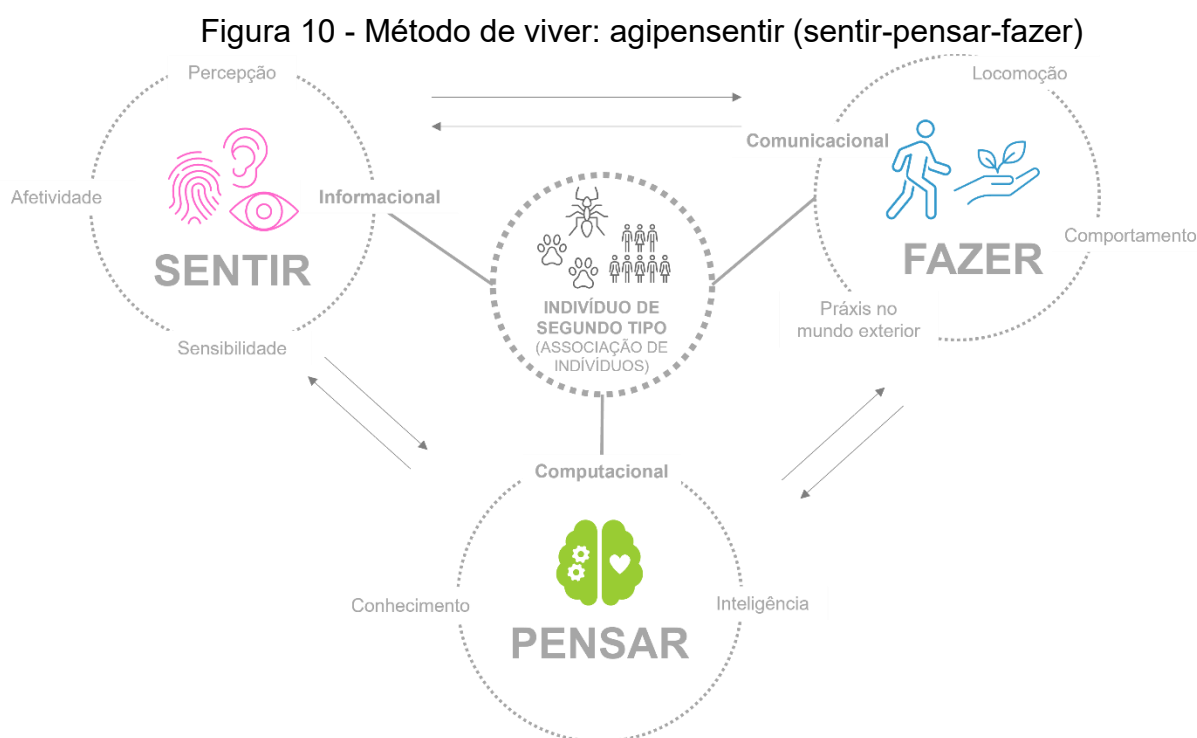
Kastrup (2001) traz a relação da arte com a invenção e o processo de aprender a aprender. Segundo a autora, “a política da invenção consiste numa relação com o saber que não é de acumular e consumir soluções, mas de experimentar e compartilhar problematizações, e a adoção da arte como ponto de vista faz parte desta política” (KASTRUP, 2001).

Retorno, por um breve momento, para o paradigma hegemônico ao trazer a visão de organizações como governos e as empresas/corporações (que também podem ser consideradas como associação de indivíduos que se apresentam como um “indivíduo do terceiro tipo” (MORIN, 2011, pp. 280-281). Para essas organizações, percebemos uma aproximação do conceito de desenvolvimento e sua relação com ciclos, considerado o “desenvolvimento animalizante” (MORIN, 2011, p. 234). Tal relação metonímica da metodologia aplicada e difundida na gestão de empresas, e nas últimas décadas na gestão pública, é a dos chamados *Ciclos de Gestão* ou *Ciclos de*

Planejamento (encadeados em Planejar-Fazer-Avaliar-Agir: PDCA: *Plan-Do-Check-Act*) e *Ciclo de Políticas Públicas* (encadeado em Agenda, Formulação, Execução, Monitoramento e Avaliação).

A similaridade que inicialmente percebo, tanto das organizações vivas quanto das organizações sociais, é a de constantemente alimentarem-se de informações a partir de seus instrumentos sensoriais, refletirem sobre as informações por meio de seus aparelhos neurocerebrais/computacionais e reagirem ou agirem por meio de seus meios de movimentação, de ação. Tal como tem sido explorado no campo de estudos do design estratégico como “sentir, pensar e fazer” (BENTZ, 2021) e até chegarmos ao já destacado *agipensentir* e especialmente com o bem-viver (bem-sentir, bem-pensar e bem-fazer (WERÁ-2024)).

A partir das provocações trazidas até aqui, propomos uma adaptação do anel locomotor de Morin (2011, p. 235) com a ideia de um método de viver em três momentos complexos: *sentir*, *pensar* e *fazer*, como representado na Figura 10, abaixo, e que passaram a ser expressos pelo *agipensentir*, que une e intensifica o sentir-pensar-fazer.



Fonte: Elaborada pelo autor, adaptada de MORIN, 2011a.

Desde o nível micro (das células do nosso corpo ou da vida diária) até o macro (das constelações, galáxias e multiversos), os processos de interação de agipensentir

(sentir-pensar-fazer) como ser vivo vão ocorrendo naturalmente, sem a necessidade de termos consciência de tudo. E é nesse ciclo que é reconhecida a autonomia do ser em suas interações no ecossistema, o prefixo *auto* do conceito de *autoecorreorganização* proposto por Morin (2011a).

Nessa autonomia, a relação com o interno (agipensentir) permite estabelecer a *intenção* e a *intensidade* (individual e/ou coletiva) das criações (também experienciado pelo agipensentir) ao longo dos aprendizados e dos desenvolvimentos (as *reorganizações* que fazemos na casa, no ambiente, no *eco*, em nossa identidade coletiva) da vida (inclusive antes e depois da própria vida). Tais relações e suas intensidades podem ser consideradas como amorosas, de auto-amor, que vão se expandindo em níveis meta, como meta-amor, que se transformam e transformam o ambiente em que se está inserido, o *eco* (do grego *oikos*, referindo-se à casa), nos processos que propomos de metAMORfoses.

Em um paradoxo amplo e restrito, a relação de autonomia com dependência é fator de estabelecimento do grau de liberdade que experienciemos. Quanto mais autonomia queremos, mais dependente somos do sistema, do espaço-tempo, o *eco*. Temos a liberdade de decidir o que levar a sério ou brincar na vida, o que propomos como as *intensidades conscientes de viver*.

A vida, uma organização que só pode ter sido originada de múltiplos níveis de interações da desordem e da ordem com outras organizações, capazes de gerar essa organização complexa autoecorreorganização. A desordem é uma condição geradora de novas possibilidades, pois as energias recursivas pré-vida e pós-vida constituem os ingredientes primordiais nos quais a vida se organiza e se transforma.

Na Figura 11, abaixo, a vida é apresentada como um processo de metAMORfose gerada e geradora da desordem. Em um espectro de escolhas intencionais e intensivas, a vida humana pode ser percebida em classificações energéticas arbitrárias de *sobreviver, viver, evoluir e transcender*.

Figura 11 - metAMORfoses e intensidades conscientes de viver a vida



Fonte: Elaborada pelo autor.

A metAMORfose e suas intensidades, portanto, partem da organização de energias (pré-vida) que dão a forma com que os seres conscientemente vivem (em suas variadas intensidades). Inicialmente, *sobreviver* seria a parte mais instintiva, o que não significa menos inteligente, pois se quisermos pensar em sustentabilidade da vida de uma espécie, as que mais tempo perduram são regidas por seu instinto de sobrevivência, como a hidra³. A intensidade de *viver* é quando começamos a prospectar nossa jornada. Como explicitado mais próximo do fim do século XX por Santos (1988), “no futuro não se tratará tanto de sobreviver como de saber viver”. A humanidade está em sua maioria nesse nível, discutindo inclusive o que seria a qualidade de vida, que exige avaliação, cálculos, pontos referenciais consensuados.

Ao tentar e querer viver com qualidade, a humanidade começa a projetar uma intenção à vida: o bem-viver (WERÁ, 2024). O que se desdobra na busca da *evolução* (*evoluir*) é um propósito que o ser humano pode estabelecer para si e para o coletivo. De forma interligada, a experiência de *transcendência* (*transcender*) também pode ser percebida como uma busca, um chamado propósito. Porém, como nos níveis anteriores citados, à luz da complexidade, nenhum dos níveis deveria ser considerado maior/menor ou melhor/pior, pois independentemente da decisão de como levar a vida, ao fim dela, todos transcendemos, metAMORfoseamos, transformamo-nos em novos tipos de energias que influenciamos no cosmos.

³ Espécie que consegue se regenerar constantemente, com muita inteligência celular, como explicado no vídeo: The undying Hydra: A Freshwater Mini-Monster That Defies Aging | Deep Look - <https://www.youtube.com/watch?v=ITVfXHrfudw>

4.1 Começar pelo começo: primeira infância humana

Para aprofundar o estudo da influência do amor na educação da vida, precisamos delimitar uma parte que possa representar o todo. Nos últimos meses de 2023, consolidou-se em mim um campo de estudos que se apresentou com reais oportunidades práticas e potencial teórico para a presente tese: a chamada *primeira infância*.

Como as práticas do Congresso Popular de Educação para a Cidadania (que fora o principal espaço de experimentação da tese em 2022 e 2023) apresentaram significativas limitações ao tentar estabelecer um diálogo propositivo com as crianças e adolescentes, tentamos especializar em uma das fases da vida. Com oportunidades contextuais, Porto Alegre, como Cidade Educadora, estabeleceu a educação infantil como prioridade (PORTO ALEGRE, 2022).

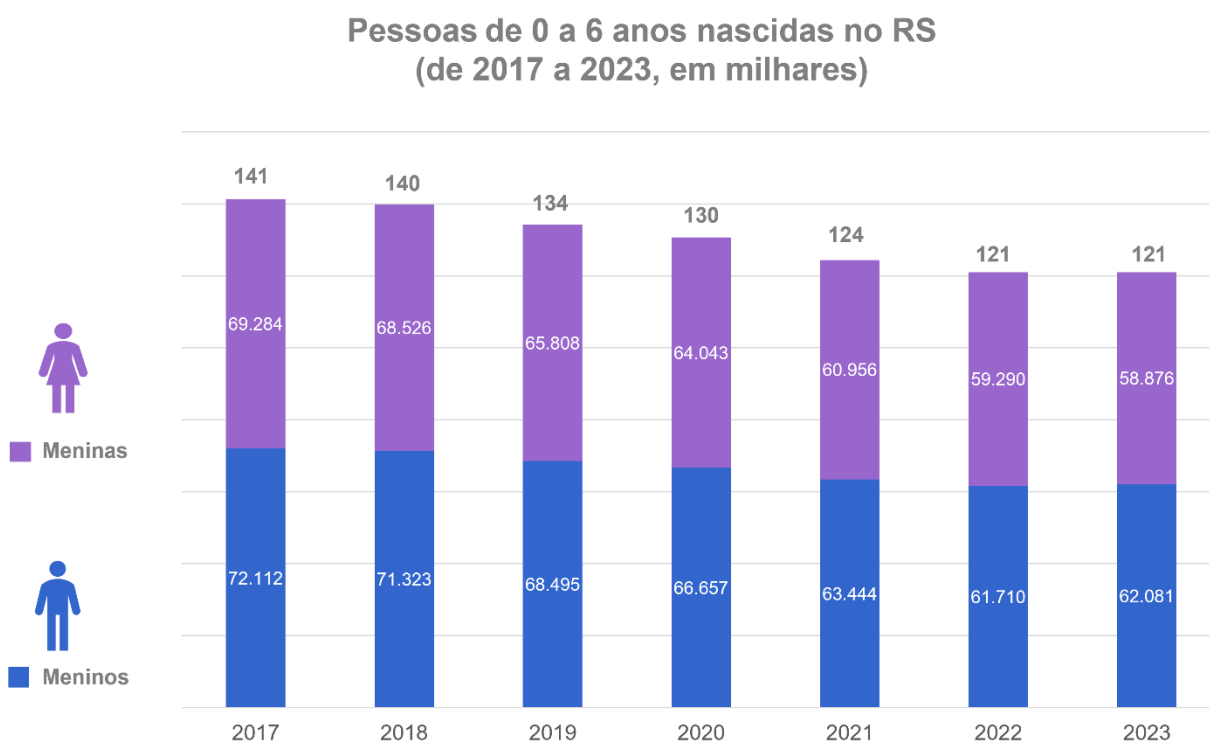
Na esfera estadual de governo, avanços de políticas públicas, para a chamada transformação digital com o uso de tecnologia, têm ocorrido, mas projetos intersetoriais continuam sendo limitados pela capacidade de articulação entre as pessoas. O governo estadual do Rio Grande do Sul (com novo mandato de 2023 a 2026) também estabeleceu a infância como uma de suas prioridades e destacou o gabinete do vice-governador para conduzir a elaboração do Plano Estadual pela Primeira Infância (RIO GRANDE DO SUL, 2024a). No Brasil, a elaboração de políticas públicas setoriais (como Educação, Saúde ou Assistência Social) segue etapas de discussões, publicação do marco regulatório (como Lei ou Lei Complementar), além de planos nacionais de médio a longo prazos, com as diretrizes estabelecidas e metas para execução das prioridades. Desses planos, as demais unidades federativas (Estados, Distrito Federal e municípios) devem elaborar seus próprios planos, conforme desafios e capacidades de execução.

Em 2023, o Brasil contava com o Plano Nacional pela Primeira Infância (REDE, 2020) vigente, já revisado para o período de 2020 a 2030, após primeira vigência de 2010 a 2022. Já o governo do Rio Grande do Sul estava com o plano estadual em fase de elaboração para o período de 2025 a 2035, sob responsabilidade do Conselho Estadual Intersetorial pela Primeira Infância, composto por representantes de órgãos governamentais e da sociedade civil.

Na esfera municipal, a prefeitura de Porto Alegre ainda não havia estabelecido o órgão responsável pela condução dos trabalhos para a elaboração do plano municipal (PORTO ALEGRE, 2022). Já em Pelotas, a prefeitura lançou um programa chamado Pelotas Cidade das Crianças, propondo criar as políticas de forma transversal junto com as crianças, além de incluir movimentos de cidadania, como o Comitê das Crianças, composto pelos pequenos (PELOTAS, 2023).

De acordo com o Censo 2022 (IBGE, 2023), o estado do Rio Grande do Sul (RS) estava com uma população total de 10.882.965 de pessoas. Ao analisarmos os registros de nascidos vivos no território do RS (BRASIL, 2023), temos uma população aproximada de 910 mil crianças de 0 a 6 anos (Figura 12).

Figura 12 - Gráfico da população gaúcha estimada de crianças de 0 a 6 anos, nascidas vivas de 2017 a 2023



Fonte: Elaborada pelo autor, BRASIL (2023).

Mesmo sem o Plano Estadual estabelecido, o governo do RS conta com um programa que completou 22 anos em 2025, chamado Primeira Infância Melhor (PIM). Apesar de ter reconhecimento internacional com premiações, o total de crianças acompanhadas todos os meses é de pouco mais de 27 mil. A meta estabelecida para o

PIM em outubro de 2023 era chegar a atender 29 mil crianças (RIO GRANDE DO SUL, 2023a), isto é, apenas 3% da população total, se houvesse atendimento universal.

Grosso modo, a política pública é o estabelecimento coletivo de acordos entre pessoas. A partir de necessidades consideradas fundamentais a uma vida digna, as organizações sociais (como os governos) comprometem-se a trabalhar para garantir que as necessidades, agora reconhecidas como direitos, sejam entregues por meio de bens ou serviços a cada pessoa que faz parte do público abrangido pela política, como pessoa de direito, parte da sociedade.

Portanto, políticas públicas consistentemente elaboradas estabelecem um mínimo de debate com os seus principais beneficiários, para reconhecer suas reais e profundas necessidades que serão traduzidas em direitos. No âmbito da primeira infância (lembrando que são crianças de 0 a 6 anos), as necessidades dos principais cidadãos beneficiários costumam ser interpretações e proposições feitas por e para adultos (formuladores e executores), geralmente especialistas de alguma área disciplinar, como saúde, educação ou assistência social.

O plano pela primeira infância no nível estadual propôs uma forma de escuta direta com as crianças (RIO GRANDE DO SUL, 2023b). Diante desse contexto, propomos aproveitar as oportunidades de elaboração de políticas públicas no âmbito estadual para analisar metodologias mais aderentes à atenção e à capacidade de intenção e intensidade das crianças. A proposta de estratégias para possíveis metAMORfoses devem ser percebidas e reconhecidas tanto nas organizações sociais envolvidas e suas práticas e políticas, quanto nas próprias organizações complexas, como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos de 0 a 6 anos de idade.

Como um corpo-tela nos nossos microcosmos, as duas únicas células humanas (o espermatozóide e o óvulo) que carregam a metade (23 duplas) dos cromossomos, dentre os mais de 200 tipos diferentes de células, geram uma única célula, o zigoto (ou célula-ovo) - resultado da união das duas células parciais – que carrega toda a informação necessária para 37 trilhões de células vivas de um humano adulto. Poderíamos considerar o amor como a fonte da informação cósmica que garante as múltiplas e complexas expressões da vida no planeta Terra?

Surge, então, a proposta de analisar essa essência mais criativa e criadora em cada um de nós, a partir da primeira infância do ser humano. Como microcosmos-

indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos, podemos tentar reconhecer e representar a proposta de metAMORfose estabelecendo-se em intensas metamorfoses (mais reconhecidas pela biologia) de constituição de toda e cada morfose/amorfose até o parto e os primeiros 6 anos de vida.

Enquanto feto, aquele ser ainda não se percebe dissociado do eco, dentro da placenta. Ao mesmo tempo, a constituição de sua matéria, gerada pela mater (mãe) - natureza e intermediada por sua mãe-geradora-biológica, estabelece as primeiras características únicas daquele ego-indivíduo que, ao ter grande dependência, aprende a desenvolver seus primeiros reflexos de agipensentir em seus múltiplos níveis com autonomia.

Se os adultos precisam passar a vida a se desfazerem das ilusões da mente para conseguir a chamada *iluminação* (assim reconhecido tanto em pensamentos e escritos religiosos e de espiritualidade, quanto da psicologia), os bebês são os humanos que estão já nessa condição de conexão com o divino que recém o cocriou. Diferente da cultura hegemônica ocidental, a perspectiva indígena reconhece a integralidade do ser já na sua concepção. O que causa certa estranheza em uma cultura colonizada, a cultura indígena reconhece que “a criança é vista como um ser de fato portador de um espírito que precisa ser cativado para ficar na terra” (TASSINARI, 2007).

Como encadeamento da tese, a constituição de um *corpus* representativo de marcos da construção do conhecimento humano sobre o tema da primeira infância, a análise e a construção de uma narrativa a partir da complexidade capaz de reconhecer nesta fase/nível da vida (do indissociável microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos) os princípios recursivo, dialógico e hologramático que permitirão propormos estratégias educacionais para nos desenvolvermos e melhor fluirmos nos 7 níveis e 6 espectros de associação complexa. Portanto, a metAMORfose que emerge na tese é a organização de estratégias de vida capazes de estabelecer uma revolução no espectro social (do macrocosmos-indivíduo-SOCIEDADE-espécie-vida-cosmos), capaz de reconectar-nos e equilibrar a nossa contribuição a todos os demais espectros.

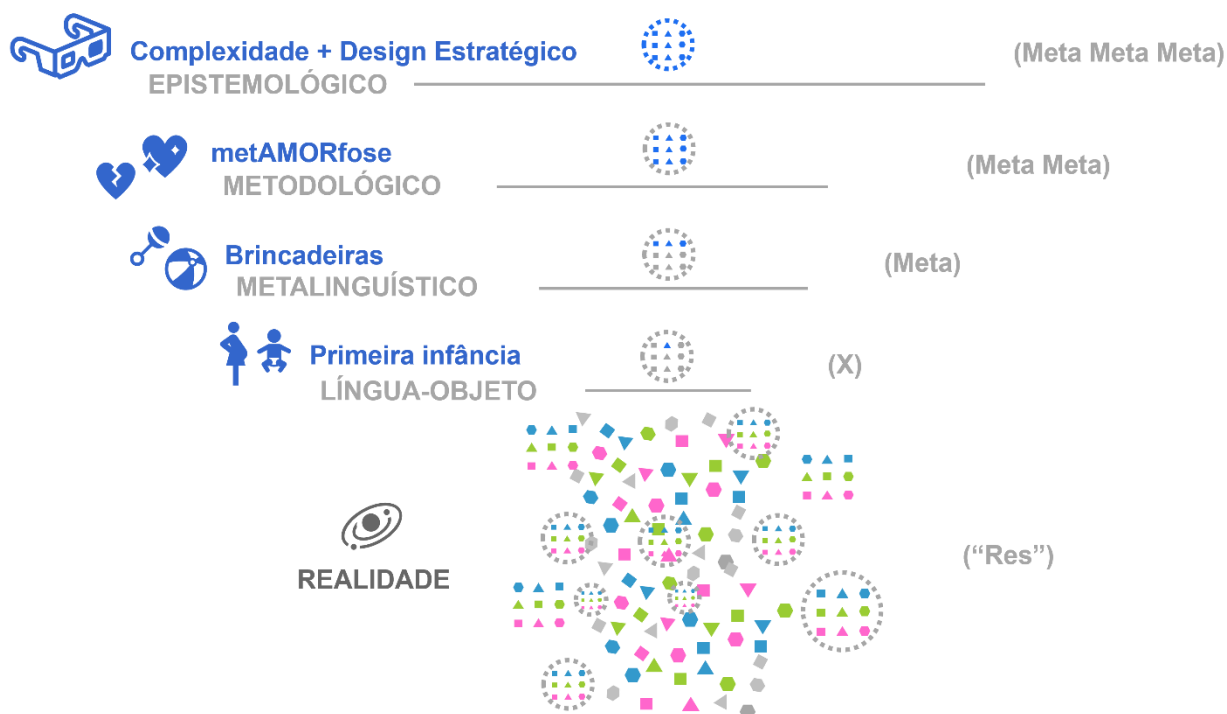
4.2 Brincar em práticas de vida

Após a aproximação inicial da teoria com as práticas da organização do Congresso Popular de Educação para a Cidadania, nos anos de 2022 e 2023, a necessidade de delineamento do campo levou-me a identificar a oportunidade de tratar da *primeira infância*. Começar pelo começo do tempo da vida que tem o potencial de representar melhor futuro e passado no presente - tempo *crono-cairos* (BITTENCOURT, 2021) - na metodologia de metAMORfoses.

A primeira infância apresenta-se como um dos níveis de conhecimento (nível *língua-objeto*) de potencial fértil, como uma parte que reflete o todo, como uma fase que é o início da vida e da autonomia/dependente, além de ser o resultado emergente das dualidades masculina/feminina (pai/mãe). A aplicação do design estratégico com o viés da complexidade se dará ao buscarmos descrever as intenções e as intensidades do agipensentir das pessoas (autoecorreorganizações) envolvidas em contextos (cada parte) dos processos projetuais de aprendizado e desenvolvimento, pela inseparável relação adulta com nossa primeira infância.

Na Figura 13, abaixo, retomamos a leitura dos níveis de conhecimento na coerência teórica ao abordarmos a *Primeira Infância* a partir da *realidade* nas lentes da *Complexidade* com o *Design Estratégico*. A proposta da metAMORfose surge a partir dessa lente, se alimentando dos fundamentos do *amor* e da *educação da vida*.

Figura 13 - Níveis de conhecimento da tese



Fonte: Elaborada pelo autor, adaptada de BENTZ & FRANZATO (2016)

Como uma autoecorreorganização, apresento-me como pesquisador/designer que precisará trabalhar as informações por meio de meu sentir, meu pensar e meu fazer (agipensentir) no ambiente e na interação com outras autoecorreorganizações. As reorganizações que a tese tem passado foram intensificadas por mudanças significativas para a trajetória da pesquisa. Após a defesa de qualificação, enquanto nos preparávamos para fazer algumas das etapas previstas da parte prática da pesquisa, o Rio Grande do Sul passou por uma de suas maiores catástrofes climáticas, no mês de maio de 2024.

Ao considerarmos a história recente, o evento climático com chuvas intensas que registraram a cheia dos rios foi o mais expressivo já registrado no território do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2024). As regiões do Vale do Taquari e Metropolitana de Porto Alegre foram as mais atingidas, porém, dos 497 municípios, 418 tiveram decretos publicados para a situação de calamidade ou de emergência (RIO GRANDE DO SUL, 2024b).

Apesar de ter aberto um espaço de contato com a primeira infância por ações voluntárias com alguns dos mais de 700 abrigos criados (RIO GRANDE DO SUL,

2024a) para acolher as pessoas desabrigadas de suas casas, a delicada e crítica situação trouxe uma condição de dificuldades para experienciar o projeto da tese com quaisquer crianças e famílias que recém haviam passado e devem por toda a vida sentir os efeitos de um processo traumático.

Nesse cenário, houve a necessidade de repensar a prática a ser aplicada para a tese. A metAMORfose fez-me propor que materiais institucionais, documentais e artísticos pudessem ser analisados à luz dos princípios da complexidade, ao mesmo tempo que fortalecessem a interlocução e as transformações harmonizadas pelo design estratégico. Diante disso, propusemos um conjunto de materiais que acreditamos possam fazer-nos aprender sobre as influências da aplicação da própria metAMORfose na construção de estratégias para a revolução pelo amor na educação da vida.

4.3 A arte do *corpus* para análise

Assim como o corpo-tela (MARTINS, 2021) representa uma infinidade de possibilidades de experienciar a arte e a vida, um *corpus* de materiais políticos, legais, visuais e sonoros permitirá interações capazes de regenerar autoecorreorganizações a partir desta tese. O conjunto de materiais selecionados para compor o *corpus* a ser analisado representa materiais institucionais, dialogais e artísticos. De forma um pouco diferenciada dos trabalhos do design estratégico, uma análise crítica pelas lentes da complexidade apresenta-se como uma nova possibilidade de aprofundamento dos estudos da área com dados secundários, mas não menos importantes que as práticas mais tradicionais, como as imersões com as pessoas diretamente relacionadas ao tema, neste caso, as crianças de 0 a 6 anos.

Como estratégia de aproximação e reconhecimento dos materiais, consideraremos cada um deles uma autoecorreorganização, o que permite percebermos as interações complexas para além de sua classificação tradicional, como seres vivos. Desta forma, entendemos que os materiais ganham vida, a partir da proposta de abordagem sistemática e metodológica. Como forma de reconhecermos o poder em nossas vidas destes materiais, serão descritas, de forma sucinta, algumas características propostas e analisadas aqui a partir das seguintes lentes (que podem ser consideradas contraditórias, antagônicas e complementares):

- a. Origem: localização mais significativa de onde foi concebido ou publicado o material, apesar das interações e contribuições de pessoas e materiais de muitos lugares do mundo;
- b. Ano: principal data de publicação;
- c. A - AUTOecorreorganização: características próprias que se distinguem do ambiente de criação e interação do material, ao mesmo tempo que apresenta sua breve história de concepção e sua parcial independência;
- d. E - autoECORreorganização: características do ambiente que influencia e é influenciado pelo material, mantendo uma relação de dependência solidária mútua, isso é, o *eco* não se reconhece sem o *auto* e vice-versa;
- e. R - autoecorREorganização: desdobramentos do material principal que caracterizam sua necessidade de adaptar-se aos novos contextos apresentados pelas interações do fluxo *auto-eco*, tornando-se regenerativo;
- f. O - autoecorreORGANIZAÇÃO: características mais estruturais e funcionais do material, considerando também a condição computacional-informacional-comunicacional de cada autoecorreorganização, que garante a parte ser mais e menos que o todo;
- g. Nível: classificação parcial de qual dos 7 níveis de vibração da metAMORfose cada material aparenta ter predominância;
- h. metAMORfose: síntese de um exercício de amar cada parte aqui-agora até perceber-se no todo e no nada, ou seja, a proposta de revolução pelo design estratégico complexo capaz de cocriar o material e o imaterial em cada autoecorreorganização.

A desordem apresenta-se nesta tese ao forçar o paradigma incompressível (o auto(geno-feno-ego)ecorreorganização(comunicacional-informacional-computacional) a se comprimir pelo acrônimo AERO. Esse AERO dialoga e ganha vida com a metáfora do ar que respiramos, em movimentos dos quais somos dependentes de inspiração-expansão e expiração-retração.

O verbo *respirar* vem do latim *respirare* (prefixo *re-*, mais o radical *spirare*). O prefixo *re-* representa o fluxo contínuo de *spirare*, que vem de *spirus*, que é igual a *sopro* ou *vento* e é a mesma fonte da palavra *espírito*. Vento ou sopro que é um padrão vibracional do ar em movimento, assim como o som, logo, as palavras.

A fim de avançarmos juntos, é válido retomarmos a proposta de que os níveis da metAMORfose são meros espectros das formas de interagir das organizações naturais, das organizações coletivas antropossociais e, neste caso, do *corpus* de análise. Portanto, os níveis são lentes que esperamos poder auxiliar no exercício de identificação e oxigenação (*spirare*) do *ser* como *autoecorreorganização* (AERO). Como proposto, eles seguem nestes fluxos de intensidade: 1º Energizar-Sincronizar-Emitir; 2º Experienciar-Refletir-Agir; 3º Sentir-Pensar-Fazer; 4º Diagnosticar-Planejar-Executar; 5º Compartilhar-Projetar-Cooperar; 6º Conectar-Pactuar-Cocriar; 7º Energizar-Sincronizar-Emitir.

Toda autoecorreorganização clama para o movimento de inspiração (de inspirar, inalar o ar), da expansão do peito e da barriga e a simultânea alimentação pelo eco, do ar, até chegarmos e retornarmos ao vazio de ar nos pulmões. A necessidade de troca dá o gatilho para a expiração começar, ao comprimir o peito e a barriga, alimentar o eco com o ar do corpo, agora rico em elementos quentes recém expelidos do metabolismo (microcosmos), até o *ser* autoecorreorganização chegar ao novo vazio, que clama por novo ar, re-oxigenado. Tudo isso ocorre ao longo das batidas do motor responsável pela circulação dos elementos essenciais aos rejeitos: o coração.

Em fluxos de retração, repouso e expansão, o *ser* autoecorreorganização flui por ser AERO, vibrando pelos distintos, mas inseparáveis níveis de metAMORfose, ao mesmo tempo que fortalece seu reconhecimento como sistema microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos. Portanto, a análise sobre o fluir na metAMORfose fará esse exercício frente a cada material como uma autoecorreorganização de um *corpus autoecorreorganização*.

Na tentativa de substituir as práticas com as crianças que trariam novos dados a serem analisados, foi feita uma busca por documentos que também pudessem representar a primeira infância. A fim de ter um amplo espectro de materiais, dos mais formais aos práticos e artísticos

O *corpus* será inicialmente descrito por uma perspectiva territorial do mais global ao local, mas com transição e interlocução dialógica até compor-se à universalização da arte. Os primeiros documentos são de abrangência global, isso é, foram propostos e aprovados junto a organizações internacionais (especialmente relacionados à ONU), ao passo que influenciaram elaborações e aprovações nas esferas nacional, estadual e municipal, até chegarem às famílias. Os últimos cinco materiais são menos

institucionalizados, mas trabalham uma comunicação ampla que também permitem a abertura de diálogos, como o convite inspiracional do material artístico. Dessa forma, os materiais⁴ apresentam-se nesta ordem:

1. Declaração Universal dos Direitos da Criança;
2. Convenção dos Direitos da Criança;
3. Um mundo para as Crianças;
4. Agenda 2030 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável;
5. *Nurturing Care Framework*;
6. Constituição Brasileira (1988);
7. Estatuto da Criança e do Adolescente;
8. Marco Legal da Primeira Infância;
9. Plano Nacional pela Primeira Infância;
10. Plano Estadual da Primeira Infância - RS;
11. Primeira Infância RS;
12. Guia para elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância;
13. Caderneta da Criança Menina / Menino;
14. Primeira Infância Indígena;
15. O Começo da Vida;
16. Congresso Internacional da Consciência do Amor;
17. Congresso Popular de Educação para a Cidadania;
18. Mundo Bitá.

A seguir, iniciaremos a análise resumida dos 18 materiais interagindo como *corpus* de análise. As análises são fechamentos necessários para novas aberturas. Há incompletude nelas, ao mesmo tempo que há completude em cada resumo. Também há inconsistências e incoerências, que o texto integral da tese pretende minimizar para entregar e apresentar-se também como uma nova autoecorreorganização que comunica, computa e informa.

⁴ Documento com endereços dos materiais utilizados para o *corpus* disponível em: https://docs.google.com/document/d/1punsZvaSs1oktAezjXh2EsCITQ1ECn_yIEM-1RV4Huo/edit?usp=drive_link.

Na sequência (seção 4.4), comporemos a partir de elementos de três dos materiais para que permitamos a emergência de uma nova composição acadêmica e artística.

4.3.1 Declaração Universal dos Direitos da Criança

Origem: Genebra, Suíça, Liga das Nações (UNICEF, 1959)

Ano: 1924 e 1959

A - AUTOOcorreorganização: a Declaração dos Direitos da Criança é um documento elaborado a partir de um rascunho redigido por uma mulher, Eglantyne Jebb (1876-1928), que se indignou com a fome pela qual estavam passando as crianças nos países aliados no período após a Primeira Guerra Mundial. A declaração foi apresentada e adotada pela então Liga das Nações, em 1924, mas promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1959. Foi um dos primeiros instrumentos que considerou a criança, neste caso de 0 a 17 anos, sujeito de direitos.

E - autoECORreorganização: no início do século XX, a mortalidade infantil contabilizava índices de mais de 20% nos partos. Além disso, as crianças não eram consideradas pessoas detentoras de direitos. A partir do conceito legal de criança, múltiplas iniciativas sociais levaram a considerar o cuidado e o crescente respeito a dados, informações e estudos relativos a essa etapa da vida humana. As 8 bilhões de pessoas vivas em 2025 podem ser consideradas afetadas em diferentes níveis pela Declaração.

R - autoecorREorganização: ao recordar os 100 anos da publicação da declaração, um movimento chamado *2024 Geneva Declaration on the Rights of the Child* (2024 Geneva, 2024) propôs um novo documento, atualizado em 20 de novembro de 2024. O princípio 6º, que em 1924 citava "Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão" (UNICEF, 1959), foi retirado nessa proposta de nova versão.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: um documento sucinto, com 10 princípios que reconhecem as crianças como detentoras de direitos, mesmo antes de ser estabelecida a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Conclama-se o empenho das autoridades, das instituições de todos os níveis da sociedade e de cada homem e cada mulher na garantia de que cada criança tenha uma infância feliz.

Nível: 5º compartilhar(princípios)-projetar(consensos)-cooperar(ações)

metAMORfose: a partir da consideração de que o amor é o espaço-tempo em transformação nas relações e interações das múltiplas autoecorreorganizações, uma nova declaração pode reestabelecer em cada ser o autocuidado e a educação de sua própria criança ao longo de toda a vida, independentemente de sua idade biológica. Em uma inspiração, do 5º nível, para compartilhar-projetar-cooperar, passamos para o 4º nível ao diagnosticar-planejar-executar e expiramos até o 6º nível para conectar-pactuar-cocriar.

A ampliação para reconhecer a vida para além do humano também pode ser um elemento fundamental na universalidade de uma nova declaração. Ou seja, exercitarmos a vibração nos 1º e 7º níveis, ao percebermos a ação de energizar-sincronizar-emitir como microcosmos e macrocosmos que também somos. Isso é, percebermo-nos aqui-agora, como o todo e o nada em cada material. Essa provocação será experienciada mais adiante, com três destes materiais: a própria Declaração, a Caderneta da Criança e o Mundo Bitá.

4.3.2 Convenção sobre os Direitos da Criança

Origem: Genebra, Suíça, Organização das Nações Unidas (ONU, 1989)

Ano: 1989

A - AUTOecorreorganização: a Convenção sobre os Direitos da Criança foi aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 1989 e ratificada pelo Brasil em 1990. É o instrumento mais aceito na história dos direitos humanos, pois foi ratificado na esfera nacional por 196 dos 197 países reconhecidos pela ONU, com a única exceção dos Estados Unidos. Nela, as crianças foram consideradas todos os seres humanos com menos de 18 anos, então sujeitos de direitos, que devem ser respeitados e assegurados por todos. Toda ela é fundamentada em quatro princípios básicos: não discriminação (artigo 2); prioridade para o melhor interesse da criança (artigo 3); direito à vida, à sobrevivência e ao desenvolvimento (artigo 6); e o respeito pelas opiniões da criança (artigo 12).

E - autoECORreorganização: proposta no final dos anos de 1970, cada ano da década de 1980 serviu para que o maior número de países pudesse contribuir com os ajustes da redação. O Brasil teve papel relevante na apresentação das visões não hegemônicas contraponto ao determinado pelos países considerados desenvolvidos (UNICEF, 2019).

R - autoecorREorganização: protocolos adicionais foram propostos e compõem o documento a partir de demandas críticas para uma grande parcela dos países, como a situação das áreas de guerra, o comércio de crianças e as violências diversas a que elas são submetidas. Em 2024, foi publicada uma versão da revista em quadrinhos da Turma da Mônica alusiva e ilustrativa da Convenção, tendo uma página esquemática bem ilustrativa de todo o documento (UNICEF; SOUZA, 2024). Na ilustração abaixo, apresenta-se um resumo com ícones para cada artigo da Convenção, que permite refletir sobre cada item, sem a necessidade de fazer a leitura de cada artigo formal do texto:

Figura 14 - Resumo visual dos artigos da Convenção sobre os Direitos das Crianças



Fonte: UNICEF; SOUZA, 2024, p. 11.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: composta por 54 artigos, a Convenção possui três partes, além de um preâmbulo, que dentre as considerações iniciais pontua a

necessidade de reconhecimento de que: “(...) a criança, para o pleno e harmonioso desenvolvimento de sua personalidade, deve crescer no seio da família, em um ambiente de felicidade, amor e compreensão” (ONU, 1989).

Nível: 6º conectar(pessoas)-pactuar(consensos)-cocriar(realidades)

metAMORfose: em um recuo para o 5º nível de compartilhar-projetar-cooperar a Convenção com as crianças à luz da essencialidade do amor na vida das pessoas de todas as idades, pode possibilitar a composição de silêncios criadores, que transformam sem necessariamente apresentar a materialidade de sua forma, ou quem sabe possa se reconhecer *amorfa*. Ao experimentar um avanço ao 7º nível de energizar-sincronizar-emitir, a Convenção mais aceita pode esboçar consensos em níveis para além do humano, pensando o todo da cultura reconhecida pela humanidade (ciência, religião, arte, história, engenharias, etc.), da interdependência da física, da química, da biologia e do antropossocial.

4.3.3 Um mundo para as crianças

Origem: Nova Iorque, Nações Unidas (ONU, 2002)

Ano: 2002

A - AUTOcorreorganização: *Um mundo para as crianças: Relatório da Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a Criança* é um documento resultante de reuniões com representantes de diversas organizações e países que sentiam a necessidade de reforçar as ações para as crianças. “Um mundo para as crianças é construído nos princípios da democracia, da igualdade, da não-discriminação, da paz e da justiça social” (ONU, 2002). Nas palavras apresentadas na contracapa: “Um mundo para as crianças é aquele onde todas as crianças adquirem a melhor base possível para sua vida futura, têm acesso ao ensino básico de qualidade, incluída a educação primária obrigatória e gratuita para todos. É aquele onde todas as crianças e adolescentes desfrutam de várias oportunidades para desenvolver sua capacidade individual em um meio seguro e propício. Promoveremos, como parte das prioridades global e nacional, o desenvolvimento físico, psicológico, espiritual, social, emocional, cognitivo e cultural das crianças” (ONU, 2002).

E - autoECORreorganização: mesmo ao reconhecer que houve avanços no cuidado à vida das crianças após a Convenção, ainda assim muitos dos compromissos assumidos não estavam sendo cumpridos e outros até mesmo ignorados pela maior parte dos países. Uma boa parte dos objetivos de desenvolvimento do milênio não estavam sendo

alcançados. Diante disso, propôs-se o reforço do compromisso com as crianças e o estabelecimento da prioridade pelas autoridades representadas, especialmente das nações consideradas em desenvolvimento.

R - autoecorreorganização: houve um forte comprometimento dos redatores em fomentar e garantir, por parte dos países, a elaboração de Planos de Ação nacionais. Também sugeriram a apresentação dos avanços nas políticas públicas locais, quando da elaboração dos relatórios dos países signatários da Convenção.

O - autoecorreorganização: há proposição de 10 objetivos: 1. Colocar as crianças em primeiro lugar; 2. Erradicar a pobreza: investir na infância; 3. Não abandonar nenhuma criança; 4. Cuidar de cada criança; 5. Educar todas as crianças; 6. Proteger as crianças da violência e da exploração; 7. Proteger as crianças da guerra; 8. Combater o HIV/AIDS; 9. Ouvir as crianças e assegurar sua participação; e 10. Proteger a Terra para as crianças.

Nível: 4º diagnosticar(situação)-planejar(ações)-executar(projetos)

metAMORfose: percebe-se nos objetivos do documento uma visão direcionada aos problemas que a humanidade parece criar e ter dificuldades de resolver, como a pobreza, as violências, as guerras, as doenças e a degradação ambiental. Em um processo de inspiração e expiração, poderíamos conceber um mundo mais carinhoso, amoroso, lúdico e criativo como pilares desse mundo para as crianças e seus/nossos microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos.

4.3.4 Agenda 2030 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Origem: Organização das Nações Unidas (ONU, 2015)

Ano: 2015

A - AUTOecorreorganização: a Agenda 2030 foi lançada pela ONU em 2015, estabelecendo 17 (dezessete) Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a serem executados por todos os países até 2030. Apesar das crianças terem sido reconhecidas como sujeitos de direito e a maioria dos indicadores poderem ser considerados aderentes a eles, como o Objetivo 1; Redução da Pobreza, os indicadores não são direcionados, como é o caso do Objetivo 4: Educação de Qualidade, que detalha um de seus indicadores o acesso à educação desde o ensino infantil.

Figura 15 - Primeira Infância e os ODS



Fonte: UNICEF, RNPI, 2021.

E - autoECorreorganização: o movimento gerado pelos ODS influenciou a elaboração de planos públicos e privados que exercitaram o reconhecimento de que as ações no âmbito local também contribuem com melhorias pensadas e medidas para todo o mundo. O portal brasileiro que traz o status dos indicadores, em 2025, ainda apresenta que o país sequer tem dados estatísticos que possam responder ao “Indicador 4.2.1: Proporção de crianças com idade entre 24-59 meses que estão com desenvolvimento adequado da saúde, aprendizagem e bem-estar psicossocial, por sexo” (IBGE, 2025).

R - autoecorREorganização: relatórios e encontros em âmbitos global, nacional e regional provocam o replanejamento para períodos, seja de quatro anos ou anuais, para os governos e as organizações comprometidas com o alcance dos ODS. Apesar do esforço coletivo, ações que ainda vão contra continuam ocorrendo por grandes organizações e países mais influentes, como as guerras ou a poluição desenfreada justificadas pelo desejo de crescimento econômico.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram uma ampliação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que tinham metas estabelecidas para serem cumpridas até o ano de 2015 e mais focadas para serem executadas pelos países que eram considerados mais desenvolvidos. Apesar de não ter nenhum dos 17 objetivos nem das 169 metas específicos sobre a primeira infância,

uma boa parte dos compromissos são contribuintes de condições mais equânimes para cada criança recém-nascida em qualquer lugar-tempo do mundo.

Nível: 6º conectar(povos)-pactuar(objetivos)-cocriar(ações)

metAMORfose: os 17 Objetivos deverão ser repensados até 2030, até mesmo para podermos criar um mecanismo ainda mais potente para coesão global para lidar com os desafios pouco ou nada evoluídos ao longo dos últimos anos. O amor e as expressões mais sutis da humanidade parece ser um elemento faltante dentre os ODS, assim como na nova proposta de Declaração dos Diretos das Crianças (2024 Geneva, 2024). Talvez por insuficiência de amor, a humanidade aceita que nós, como indivíduos-sociedade-espécie, ainda possamos conviver com as guerras, as desigualdades, o desrespeito com o outro, com a natureza, com a vida, com o planeta e os cosmos.

4.3.5 Nurturing Care Framework for early childhood development

Origem: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Organização Mundial da Saúde (OMS) e Banco Mundial, Suíça (UNICEF *et al.*, 2018)

Ano: 2018

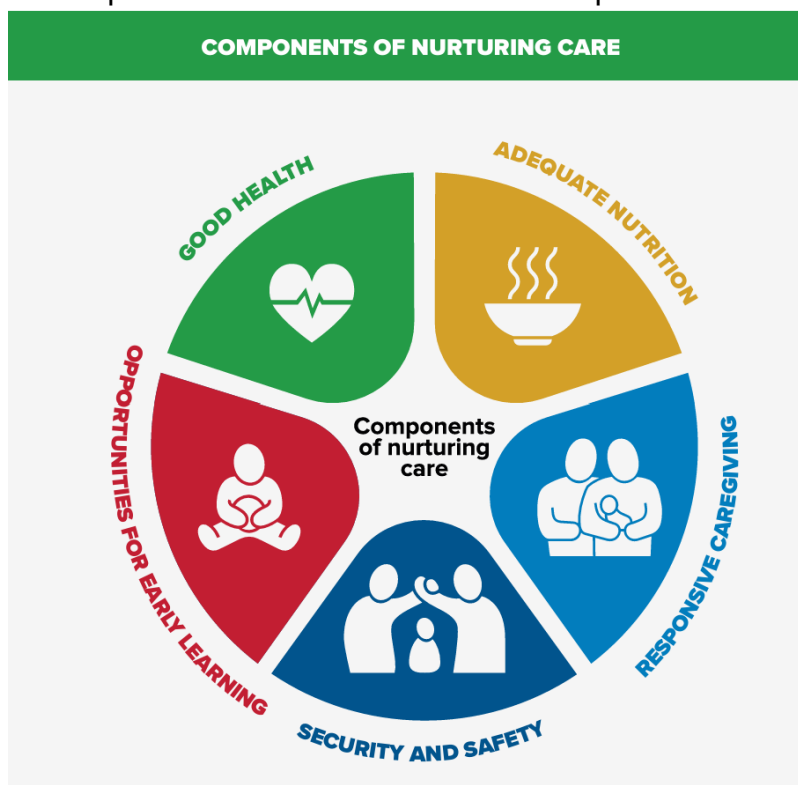
A - AUTOOcorreorganização: o *Nurturing Care Framework* foi desenvolvido com o objetivo de fornecer diretrizes para o cuidado integral e responsivo para a primeira infância, tanto para gestores públicos, quanto para cuidadores (pais e responsáveis). Nascido a partir da iniciativa dos ODS e ligado à *Estratégia global para saúde de mulheres, crianças e adolescentes*, o material foi proposto a partir do reconhecimento da ação coletiva na primeiríssima infância (da gravidez aos primeiros 3 anos), a partir de estudos baseado em evidências que comprovam os quão eficientes, eficazes e efetivos são os investimentos nesse tema.

E - autoECorreorganização: em um período em que o planeta apresenta-se em múltiplas crises, como a da mudança climática, e que ainda assim algumas desigualdades não parecem ser diminuídas, apesar dos esforços coletivos, a ação mais acertada de investir (em um mundo de grande força do capital) na primeiríssima infância foi reconhecida como de alto retorno: a cada 1 dólar investido, ao menos 13 dólares são retornados (UNICEF *et al.*, 2018). Os organismos multilaterais envolvidos têm grande influência na implementação de políticas, especialmente nos países com as maiores limitações estruturais, ambientais, sociais e econômicas para garantir a cada criança sobreviver e se desenvolver (*survive and thrive*). Ou seja, há o risco extremo já mapeado das crises atingirem 1 bilhão de crianças no mundo (UNICEF, 2022).

R - autoecorreORGANIZAÇÃO: o documento foi disponibilizado por uma licença de formato mais aberto, permitindo a cópia e a adaptação, mas para uso não comercial e que precisa citar a referência (CC BY-NC-SA 3.0 IGO). Ou seja, é um material que se apresenta aberto para mudanças e melhorias. O governo do Rio Grande do Sul utilizou os 5 componentes, listados abaixo, para desenhar seu painel de dados e indicadores para realizar o diagnóstico e conseguir mensurar a situação da política pela primeira infância no território.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: propõe 5 (cinco) ações estratégicas: 1. Priorizar e investir; 2. Focar na família e suas comunidades; 3. Fortalecer serviços; 4. Monitorar progressos; e 5. Usar dados e inovar. Além disso, foi proposto um modelo de ação (*framework*) baseado em 5 componentes: Boa Saúde, Nutrição Adequada, Cuidados Responsivos, Educação para primeira aprendizagem, e Segurança e Proteção.

Figura 16 - Componentes dos Cuidados Nutritivos para a Primeira Infância



Fonte: UNICEF; BM; OMS, 2018.

Nível: 5º compartilhar(desafios)-projetar(atitudes)-cooperar(cuidados)

metAMORfose: tal como a elaboração de planos governamentais/sociais, um recuo no nível para diagnosticar-planejar-executar pode trazer maior consistência para as ações

de ampliação dos cuidados nutritivos. Talvez até mesmo o 3º nível de sentir-pensar-fazer seja mais intenso neste caso, servindo de referência para os demais níveis até um novo conectar-pactuar-cocriar a educação da vida.

4.3.6 Constituição Federal do Brasil

Origem: Congresso Nacional, Brasil (BRASIL, 1988)

Ano: 1988

A - AUTOecorreorganização: a Constituição Federal do Brasil, de 1988, também chamada de Constituição Cidadã, é a base jurídica do país, consolidando direitos fundamentais, inclusive os direitos das crianças e adolescentes. Ela garante autonomia jurídica e proteção integral, fundamentando políticas sociais e programas de assistência à primeira infância.

E - autoECOrreorganização: concebida em um momento político em que a criança ainda não havia sido reconhecida como sujeito pleno de direitos (apesar das discussões no âmbito da ONU, a Convenção ainda não havia sido assinada), alguns elementos de criação e fortalecimento dos ambientes propícios para o desenvolvimento da criança e do adolescente foram propostos na Constituição brasileira e desdobrados em normativas e criações de instituições específicas. Em 2022, contabilizou-se mais de 18 milhões de crianças na idade de 0 a 6 anos no Brasil (IBGE, 2023), representando 8,9% da população do país.

R - autoecorREorganização: a Constituição brasileira, apesar de poder ter nova edição, como ocorreu ao longo da história do país, apresenta adaptações tanto pelas chamadas Emendas Constitucionais, que modificam o texto original, quanto pelas interpretações e decisões jurídicas que podem levar a um novo consenso, estabelecido pela jurisprudência que pode ser julgada em última instância no Supremo Tribunal Federal. As crianças, que na Declaração eram todas as pessoas de 0 a 17 anos, tiveram sua categoria distinta para crianças, adolescentes e jovens, como destacado pela Emenda Constitucional 65, de 2010, que incluiu os jovens e as ações para a juventude no contexto brasileiro. Para a eleição presidencial brasileira de 2024, foi construído um movimento que demandou a “prioridade absoluta da criança e adolescente” como agenda política aos concorrentes (AGENDA 227, 2024).

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: em 2025, a Constituição de 1988 conta com 250 artigos, distribuídos por 9 Títulos, tendo dezenas de emendas que modificaram o texto original. Segundo o artigo 227, “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar

à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 2016).

Nível: 6º conectar(povos)-pactuar(princípios)-cocriar(atitudes)

metAMORfose: desenvolvida para conectar toda uma população de um país, a Constituição busca a pactuação coletiva em prol de objetivos comuns por muitos anos. Em movimentos de inspiração e expiração, a Constituição brasileira apresenta aparentes desorganizações com uma grande quantidade de emendas, ao mesmo tempo que também experiencia um modelo de sociedade que pode ser sonhado e cocriado para toda a humanidade. Em uma inspiração com o vazio, os mitos dos povos originários podem ser considerados mais perenes que os textos constitucionais. E, além de serem de mais fácil memorização por suas histórias narradas, podem manter a principal essência a partir da vida. A proposta de uma Constituição da Terra ou da Natureza, aos moldes das Constituições da Bolívia e do Equador (2008 e revisada em 2021), poderia ser mais intensamente dialogada com as cosmovisões que reconhecem e respeitam as energias dos demais seres (animal, vegetal, mineral, químico ou até físico) em prol de um “bem viver”.

4.3.7 Estatuto da Criança e do Adolescente

Origem: Congresso Nacional, Brasília, DF, Brasil (BRASIL, 1990)

Ano: 1990

A - AUTOcorreorganização: o Estatuto é a Lei Federal nº 8.069, conhecida em meio às pessoas mais técnicas por sua sigla ECA, tendo sido uma norma alinhada com a Convenção (item 4.3.2) e detalhada em condições legais para o mais pleno exercício dos direitos das crianças brasileiras.

E - autoECORreorganização: em locais de maior vulnerabilidade, a figura do Conselho Tutelar tornou-se uma das mais expressivas da política pública brasileira, tendo em vista seu poder de conseguir intervir na situação familiar, ao ponto de retirar algumas crianças e adolescentes de seu ambiente de moradia em função de condições e/ou situações de ameaça ou violação de seus direitos.

R - autoecorREorganização: em 2025, o ECA completou 35 anos de implementação, tendo transformado na sociedade o papel e o respeito de cada criança e adolescente

como sujeito de direitos, tal como os adultos. Pelo Brasil, há mais de 6.000 Conselhos Tutelares, sendo os conselheiros escolhidos por votação aberta à população a cada 4 anos. O Marco Legal da Primeira Infância, de 2016, foi um subproduto do ECA para o caso das crianças de 0 a 6 anos.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: dos 267 artigos, os primeiros 85 são distribuídos na parte principal, que conta com 3 Títulos e um total de 7 Capítulos. A parte chamada Especial, vai do artigo 86 ao 267. Eles estão distribuídos por mais 7 Títulos e 21 Capítulos.

Nível: 6º conectar(pessoas)-pactuar(comportamentos)-cocriar(atitudes)

metAMORfose: o Brasil é reconhecido por ter uma das mais consistentes legislações que visam garantir o direito à vida e ao desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. No fluxo de inspiração, o Estatuto poderia reconectar-se com bebês, crianças e adolescentes e viabilizar maior autonomia e autoria sobre o tema que é de interesse dessa fase da vida. Dessa inspiração, são expressas suas necessidades, entendimentos e compromissos com e pela vida, fomentando a expiração e expansão para todos os demais adultos receberem o frescor da sabedoria infantil.

4.3.8 Marco Legal da Primeira Infância

Origem: Congresso Nacional, Brasília, DF, Brasil (BRASIL, 2016)

Ano: 2016

A - AUTOecorreorganização: o Marco Legal da Primeira Infância, Lei Federal nº 13.257 (BRASIL, 2016), estabeleceu “princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano” (BRASIL, 2016). É uma legislação que estabelece uma redação bem direta e que clama para a ação e o protagonismo das crianças.

E - autoECORreorganização: o Brasil de meados da década de 2010 estava vivendo momentos de amadurecimento de políticas públicas, ao mesmo tempo que se desconstituíam conquistas históricas. Devido ao movimento de organizações da sociedade civil, o tema da primeira infância ganhou força ao ponto de sair o Marco Legal específico para as crianças mais novas.

R - autoecorREorganização: para acompanhar a criação dos planos municipais e estaduais, bem como um diagnóstico mais assertivo e as evoluções dos indicadores referentes à primeira infância, foi criado e atualizado o *Observatório do Marco Legal da*

Primeira Infância (OBSERVA, 2025). Para além das responsabilidades de cada esfera de governo (municipal, estadual e federal), um movimento da sociedade civil permite uma leitura mais ampla com a possibilidade de gerar movimentos independente das correntes partidárias influentes na política pública.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: além de estabelecer novos padrões específicos para os primeiros seis anos completos (72 meses), a lei também atualizou informações a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente entre outras normativas, distribuídos em 43 artigos.

Nível: 4º diagnosticar(realidades)-planejar(políticas)-executar(ações)

metAMORfose: com uma redação que chama para a ação, o mergulho nos artigos sendo aplicados para bebês e crianças pode ser uma forma de que a “prioridade absoluta” expresse-se por todas as camadas da sociedade. Até mesmo o reconhecimento de cada um de nós adultos de nossos sonhos de ação na primeira infância pode despertar para uma ação mais aberta para a curiosidade, a descoberta e o encantamento que a autoecorreorganização apresenta-se em nós como microcosmo-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmo.

4.3.9 Plano Nacional pela Primeira Infância - PNPI

Origem: Rede Nacional Primeira Infância (RNPI, 2020a)

Ano: 2010 (atualizado em 2020)

A - AUTOecorreorganização: o Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI) foi elaborado em 2010 e atualizado em 2020, com vigência até 2030, com o objetivo de orientar políticas públicas voltadas à proteção e promoção dos direitos da primeira infância no Brasil. Como suas primeiras palavras, o documento traz: “Este Plano Nacional está tecido por uma defesa cabal dos direitos da primeira infância, por sólidas argumentações técnicas e por uma análise poliédrica elaborada por muitas organizações com ampla experiência na primeira infância. Mas, sobretudo, por um profundo amor pelas fontes e origens do ser humano e pela convicção de que cuidar da primeira infância é cuidar da sociedade no seu conjunto” (RNPI, 2020a).

E - autoECORreorganização: como uma rede, o coletivo que viabilizou o Plano conta com um número expressivo de instituições da sociedade civil brasileira, capaz de articular e pressionar o poder público na elaboração e responsabilização quanto aos compromissos assumidos nos âmbitos internacional, nacional e local.

R - autoecorREorganização: outros instrumentos são elaborados para apoiar na implementação das políticas para a primeira infância nas esferas estaduais e municipais. A criação do Guia para Elaboração dos Planos Municipais (RNPI, 2020b) e o Observatório (Observa, 2025) são exemplos da dinâmica envolvida para manter vivo e ampliar a influência do tema em toda a sociedade.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: aprovado pela primeira vez em 2010, o Plano foi revisado e atualizado em 2020, estabelecendo metas até 2030 para os territórios brasileiros. Com uma redação menos formal que as normativas até aqui apresentadas, o Plano mescla recomendações e referências científicas, acordos internacionais, normas nacionais, além de poesias e textos propositivos quanto ao compromisso de priorizarmos a primeira infância.

Nível: 5º compartilhar(conhecimento)-projetar(cenários)-cooperar(ações)

metAMORfose: apesar da importância dos planos para regerem os planejamentos e os orçamentos nas esferas (federal, estadual e municipal) do Estado brasileiro, se percebidos como estáticos, planos são meros textos com influência limitada de atuar nas realidades em que intentam-se intervir. A partir do 5º nível de compartilhar-projetar-cooperar, a retração para o 4º nível de diagnosticar-planejar-executar é o principal movimento fomentado a partir desse material coletivo. A expansão para o 6º nível de conectar-pactuar-cocriar tem sido um dos movimentos perceptíveis para estes últimos anos do Plano até 2030, em danças combinatórias de inspiração e expiração, buscando movimentos simples e potentes, como o lema “Criança é prioridade!” (RNPI, 2020b), bem como os materiais mais técnicos para elaboração dos planos estaduais e municipais.

4.3.10 Plano Estadual da Primeira Infância RS

Origem: Governo do Rio Grande do Sul (CEIPI, 2025)

Ano: 2025 - em Consulta Pública

A - AUTOecorreorganização: a elaboração do Plano Estadual da Primeira Infância tem sido conduzida pelo Governo do Rio Grande do Sul em parceria com o *Conselho Estadual Intersetorial pela Primeira Infância* (CEIPI, 2025). Apesar da previsão legal de elaboração de um Plano Estadual, os governos vão conduzindo as políticas por prioridades. Como houve alinhamento político, o tema ganhou relevância e condições para ser tocado no âmbito estadual.

E - autoECorreorganização: antes mesmo de reconhecer os efeitos das enchentes de 2024 na migração da população gaúcha, o RS já apresentava uma das menores taxas de natalidade do Brasil, que, somada à proporção de pessoas idosas, indicam a diminuição em sua população total a partir de 2027 (IBGE, 2023). Foram estimadas no documento 770.000 crianças de 0 a 6 anos, com um número de menos de 120 mil nascimentos ao ano, ou próximo de 10 mil ao mês (CEIPI, 2025).

R - autoecorREorganização: em um movimento que estava forte no início do segundo mandato do governo estadual, pela primeira vez reeleito no RS, a leitura de uma nova estratégia para buscar fortalecer nomes do governo para as próximas eleições, acabou por minimizar a intensidade da agenda da primeira infância no governo. Até o final do primeiro semestre, a versão do Plano ainda não fora publicada.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: o documento proposto apresenta-se com justificativa de sua estrutura metodológica e de seu alinhamento estratégico, além da participação social como elemento fundamental. O plano segue com o diagnóstico, baseado em determinados indicadores. Com eles, são propostos objetivos, metas e estratégias, que se desdobram no plano de ações, finalizando com a visão de como deverá ser o monitoramento e a governança do próprio plano.

Nível: 5º compartilhar(responsabilidades)-projetar(programas)-cooperar(ações)

metAMORfose: como o Plano não tomou sua forma oficial até o momento dessa análise (julho de 2025), pode ser considerado que está em um processo de acesso ao vazio. Sua vibração no 5º nível se estabelecerá com os alinhamentos necessários no desenho de uma nova política compatibilizada com as corridas eleitorais que se desenham já no meio dos mandatos.

4.3.11 Primeira Infância RS - Portal de Indicadores

Origem: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (RIO GRANDE DO SUL, 2024)

Ano: 2024

A - AUTOecorreorganização: o portal da *Primeira Infância RS* foi desenvolvido pelo Governo do Rio Grande do Sul com o objetivo de promover políticas públicas voltadas ao desenvolvimento integral das crianças a partir de um painel com indicadores. O documento reforça a autonomia regional na implementação de ações que garantam direitos e proteção social às crianças no estado. O painel teve inspiração no *Nurturing Care Framework* para elaborar as dimensões dos índices de análise.

E - autoECorreorganização: um processo que viabiliza o diálogo entre diversas áreas de políticas públicas no âmbito estadual a partir das diretrizes internacionais e nacionais, o material é fomentador da elaboração dos Planos Municipais pela Primeira Infância nos 497 municípios gaúchos.

R - autoecorREorganização: os dados disponibilizados para criação do painel exigiram levantamentos específicos, não acessíveis de maneira automática. Tal dificuldade é demonstrada pela baixa atualização dos dados. Em março de 2025, os índices continuavam apresentando como referência o ano de 2022. De 19 “índices de processo” no âmbito estadual, apenas um está em situação considerada baixa, como positiva: Gravidez na Adolescência (10 a 19 anos), sendo 9,58% dos nascidos vivos filhos de adolescentes. Porém, a projeção de que os indicadores estão muito abaixo do aceitável, induz conversas entre o governo estadual e os municípios para que eles também esforcem-se para modificar a situação apresentada pelo diagnóstico.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: estruturado nas dimensões de Saúde, Aprendizagem, Nutrição, Cuidados Responsivos e Segurança e Proteção, o painel foi composto com dados de diversas bases nacionais e estaduais e com uma intenção de comunicação simples e transparente com o uso de sinais gráficos, para facilitar a compreensão da sociedade e em especial dos gestores públicos nos municípios gaúchos.

Figura 17 - Painel de indicadores da Primeira Infância RS



Fonte: RIO GRANDE DO SUL, 2024.

Nível: 4º diagnosticar(realidades)-planejar(programas)-executar(planos)

metAMORfosa: talvez mais crítico que o status do Plano Estadual de Primeira Infância do RS, que estava em um período de pré-publicação, o painel da Primeira Infância, em junho de 2025, continuava com dados de 2022. O período de 3 anos (os 1.000 primeiros dias) é considerado o mais crítico para o desenvolvimento pleno da criança. A inação de atualização do painel de dados pode ser considerada como uma inspiração por si (retroação), mas significa também que uma “geração da primeiríssima infância” não teve seu acompanhamento apoiado por toda a sociedade de forma proativa.

4.3.12 Guia de elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância

Origem: UNICEF e RNPI, Brasil (UNICEF; RNPI, 2021)

Ano: 2021

A - AUTOcorreorganização: o Guia é um documento para trazer passo a passo as etapas para que as equipes políticas e técnicas, das prefeituras recém-eleitas no ano de 2021 de todo o Brasil, pudessem elaborar o seu plano municipal, alinhado ao Plano Nacional pela Primeira Infância.

E - autoECorreorganização: desde 2013, documentos já eram elaborados para apoiar as prefeituras a diagnosticarem a situação das crianças na primeira infância em seu território (IFAN, 2013). Em 2021, o Brasil atravessava crises políticas, com polaridades afetando os níveis macro e micro social, ou seja, das relações internacionais e nacionais às relações familiares fragilizadas pela posição política de cada um. Além disso, o começo do ano de 2021 parecia estar se aproximando do fim da pandemia do Covid-19, porém, após março, houve os maiores índices de mortes, chegando a 424 mil somente naquele ano em todo o país (BRASIL, 2025a).

R - autoecorREorganização: o Observatório do Marco Legal da Primeira Infância (OBSERVA, 2025) tem um espaço colaborativo para que as pessoas possam cadastrar os Planos Municipais elaborados e que por acaso ainda não estejam registrados na plataforma. O portal Primeira Infância Primeiro (PRIMEIRA INFÂNCIA PRIMEIRO, 2025) organizou os materiais para facilitar o acesso a conteúdos informacionais e técnicos para os novos gestores municipais, com reforço do compromisso de considerar a primeira infância como prioridade e seis principais recomendações.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: a recomendação mínima da estrutura para cada plano municipal é que ele tenha: a. Introdução; b. Diagnóstico; c. Eixos prioritários – situação, estratégia, ações e metas; e d. Monitoramento e Avaliação. Ou seja, devem ser

explicitados em números a situação atual, a situação desejada e as formas de medir os avanços ao longo da execução das ações no município.

Nível: 4º diagnosticar(situação)-planejar(ações)-executar(planos)

metAMORfose: um guia em si é um condutor de transformações a serem conduzidas pelas próprias autoecorreorganizações. Em uma retração para o 3º nível de sentir-pensar-fazer, o diálogo com as pessoas responsáveis pela elaboração dos planos municipais quanto ao seu agipensentir para ação ou inação, pode ser uma fonte de informações para cocriar um guia no 5º nível que viabilize simultâneos ciclos de compartilhar-projetar-cooperar.

4.3.14 Caderneta da Criança - Menina/Menino (Passaporte da Cidadania)

Origem: Ministério da Saúde - Brasil (BRASIL, 2024)

Ano: 2005

A - AUTOecorreorganização: a Caderneta da Criança foi criada a partir da Resolução 04/05 (BRASIL, 2005) entre os países membros do Mercosul, em 2005, estabelecendo a informação básica comum na documentação a respeito da saúde das crianças. No mesmo ano, o Ministério da Saúde criou a Caderneta de Saúde da Criança, que posteriormente foi chamada de Caderneta da Criança e que estabeleceu a distribuição gratuita a cada criança nascida no Brasil. Em 2024, foi publicada sua sétima edição, sendo que atualmente ela é diferenciada para a Menina e o Menino, além de receber o subtítulo de Passaporte da Cidadania. Com o objetivo inicial de registrar e acompanhar o desenvolvimento da saúde das crianças, o documento também busca promover o cuidado integral de cada criança nascida no território brasileiro, desde o nascimento até os 10 anos de idade. A caderneta consolida orientações sobre direitos e deveres para famílias e cuidadores a respeito do desenvolvimento, da alimentação, da saúde, da vacinação e demais cuidados fundamentais à vida da criança.

E - autoECorreorganização: a Caderneta foi uma evolução do Cartão da Criança (ObservaPed, 2010), que mantinha os principais registros das crianças brasileiras a partir de 1974. Ambos os documentos foram pensados para que os familiares e cuidadores entendessem e mantivessem o acompanhamento e soubessem quais evoluções eram esperadas no peso, altura e reações neuropsicomotoras das crianças com o passar dos primeiros meses e anos.

R - autoecorREorganização: de uma folha que continha o gráfico de crescimento e desenvolvimento e pequenos alertas em algumas caixas explicativas, em 2024 o

documento passou a um livreto de 112 páginas com textos e desenhos ilustrativos. A depender do governo ocupante do cargo na gestão pública, a impressão e distribuição é mais restrita, apesar da previsão de universalidade. Devido ao baixo preenchimento e uso da Caderneta (TEIXEIRA *et. al.*, 2023), experimentar uma versão digital que possa adaptar-se a cada fase do desenvolvimento da criança, dialogando com a família e cuidadores, pode ser uma nova fase para o material que se apresenta como muito relevante tanto para embasar o cuidado dentro de casa, quanto para o planejamento e execução das políticas públicas. Em 2025, foi disponibilizada uma versão em aplicativo junto ao eSUS (versão digital do cartão dos cidadãos no Sistema Único de Saúde).

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: a impressão é realizada pelo Ministério da Saúde e a distribuição é feita às prefeituras, que devem ter exemplares suficientes de acordo com a expectativa de nascimentos para o ano. Há disponibilidade da versão em meio digital, acessível na internet. O documento é dividido em duas partes: I – Para a família e cuidadores; e II – Registros do acompanhamento da criança.

Nível: 2º experienciar(crescimento)-refletir(evolução)-(re)agir(políticas)

metAMORfose: ampliar o nível de vibração do material, considerando para além dos registros legais e históricos a respeito da primeira infância, considerar mais efetivamente o papel de que a criança pode ser fonte de conhecimento e ampliação do que a nossa espécie pode aprender para se autoecorreorganizar aqui e agora. Silenciar com aquilo que não pode ser escrito nem registrado, aquilo que a humanidade ainda não consegue conhecer ou quem sabe nunca poderá conhecer a não ser que seja puramente eterno, infinito, indizível.

4.3.15 Primeira Infância Indígena - Documentário

Origem: Povos indígenas do Alto Rio Negro, da região amazônica, Brasil (CIRANDA DE FILMES, 2021)

Ano: 2021

A - AUTOecorreorganização: produção audiovisual que dialoga com as sabedorias e práticas ancestrais de povos indígenas na região amazônica que precisaram ser adaptadas em função das culturas ocidentais. O registro feito de forma ocidental (audiovisual) busca trazer o reconhecimento coletivo de outras cosmovisões, nesse caso específico, quanto às múltiplas primeiras infâncias existentes no Brasil.

E - autoECORreorganização: as condições de vida dos povos indígenas no Brasil são muito diversas desde a colonização europeia. Mesmo em 2025, a resistência para que

suas sabedorias possam ser compartilhadas e aplicadas faz parte de uma luta que muitas vezes custa a própria vida. Como afirma Ailton Krenak, para a cosmovisão indígena, “para além de onde cada um de nós nasce – um sítio, uma aldeia, uma comunidade, uma cidade -, estamos todos instalados num organismo maior que é a Terra” (KRENAK, 2022). De acordo com o Censo 2022, a população indígena no Brasil era de 1.693.535, o que representava apenas 0,83% da população brasileira, sendo que 51,2% estava localizada na Amazônia Legal (FUNAI, 2023).

R - autoecorreORGANIZAÇÃO: a partir de 2023, o Governo Federal constituiu um Ministério para conduzir com maior dedicação a agenda dos povos indígenas. Quanto ao tema da medicina ocidental compatibilizada com as sabedorias ancestrais, há uma Secretaria no Ministério da Saúde (SESAI, 2025) que trata da disponibilização em postos de saúde do poder de escolha dos indígenas por seguirem os procedimentos conduzidos por um xamã ou por um médico com formação tradicional. Mesmo com a dedicação, o cidadão na fase de infância nascido indígena ainda não pode ser considerado plenamente cuidado pela sociedade brasileira. Conforme indicado pela situação de apelo humanitário aos povos Yanomami nos últimos anos, ainda em 2024, 49,9% das crianças de 0 a 5 anos estavam com déficit de peso (BRASIL, 2025b).

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: o documentário foi organizado em 8 episódios. O primeiro trata dos cuidados durante a gravidez e o parto. O segundo da preparação do feto e da mãe para o parto, que estão alinhados com o terceiro episódio de nutrição e saúde, mas já alimentando também os bebês e as crianças. O quarto episódio traz a proteção, que vai desde os animais e demais perigos da natureza, passando pelas forças espíritas, até as ações humanas. O quinto episódio trata dos estímulos e o sexto do canto e da linguagem, ampliando as formas do novo ser se perceber no mundo e se fortalecer com o todo. O penúltimo episódio chamado de “Orientação”, resumido em uma frase diz que “a escola é a própria casa onde as crianças aprendem no fazer e no convívio comunitário” (CIRANDA DE FILMES, 2021). O oitavo episódio finaliza relatando a Saúde Pública Indígena, seus avanços e desafios.

Nível: 6º conectar(saberes)-pactuar(compromissos)-cocriar(cosmovisões)

metAMORfose: a percepção de que somos originários, reais filhos da Mãe-natureza, transforma nosso estar no mundo. Os desastres climáticos trazem o clamor para que nossa ação seja radicalmente diferente de como fazíamos e fazemos até agora. Um novo ser precisa nascer. E os guias para este renascimento são os povos originários,

capazes de respeitar e amar em níveis não percebidos pelas culturas ocidentais o todo e o nada.

4.3.16. O Começo da Vida - Documentário

Origem: São Paulo, Brasil (O COMEÇO DA VIDA, 2016)

Ano: 2016

A - AUTOecorreorganização: a elaboração do documentário foi um projeto de pelo menos 3 anos de execução, tendo passado por 9 países (Argentina, Brasil, Canadá, China, Estados Unidos, França, Índia, Itália e Quênia) de 4 continentes. De um total de 400 horas de gravação, a versão final de 96 minutos apresenta narrativas de especialistas, de pais e responsáveis por crianças com momentos de relações entre ambiente e humanos.

E - autoECOrreorganização: a relação e a significação do indivíduo com o ambiente (auto-eco) foi representada no filme pela fala de uma criança ao dialogar com uma flor. [ao conversar e “ouvir uma flor”, Catarina diz]: Como você chama? ãn? Ah, Catarina, também. Eu também sou Catarina, Flor. (...) Eu também sou Catarina e você é Catarina também. (...) Como é o seu nome? Flor? Não? Catarina? E eu sou *Fror!*” (O COMEÇO DA VIDA, 2016).

Figura 18 - Diálogo de reconhecimento Catarina-Flor



Fonte: O COMEÇO, 2016.

R - autoecorREorganização: além de sessões para debate a respeito do filme, há uma palestra do estilo TEDTalks com a diretora Estela Renner (RENNER, 2016). Em 2020, foi lançado o filme *O Começo da Vida 2: lá fora*, apresentando a relação para além do indivíduo com o seu ambiente, do auto para o eco de nossa autoecorreorganização. Além disso, a página oficial conta com um conjunto de outros materiais disponíveis, como material extra, uma série audiovisual, pílulas de conteúdos e ainda referenciais bibliográficos sobre a primeira e primeiríssima infância.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: filme em estilo documentário que apresenta vozes e falas de especialistas de diversas áreas sobre a primeira infância, combinadas com imagens e diálogos de pais, responsáveis e crianças da faixa de 0 a 6 anos. O roteiro traz uma narrativa de que a primeira infância é a fase primordial para o cuidado e o desenvolvimento da humanidade.

Nível: 2º experienciar(afeto)-refletir(verdades)-(re)agir(cuidados)

metAMORfose: a inspiração que um documentário traz para o 1º nível de energizar-sincronizar-emitir é o reconhecimento de que somos ainda o mesmo ser da primeira

infância carregados com outras memórias e histórias. A expiração para o 3º nível de sentir-pensar-fazer é o convite para cada espectador que pode reconhecer sua essência como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos.

4.3.16 Congresso Internacional da Consciência do Amor

Origem: UniPaz, Brasília-DF, Brasil (CÁTEDRA DO AMOR, 2024)

Ano: 2024

A - AUTOecorreorganização: criado no contexto de uma universidade que se propõe a trabalhar a integralidade do Ser, a UniPaz, um grupo de pessoas organizou-se para aprofundar as práticas por meio de uma cátedra, um espaço para repouso do saber, a Cátedra do Amor. Segundo a página oficial, o grupo “É um movimento que organiza e gera conhecimentos, aprendizados, experiências e práticas de amar, formando uma rede autossustentável de parceiros (pessoas, instituições, organizações) que comungam e difundem princípios comuns em torno do Amor e do Amar” (CÁTEDRA DO AMOR, 2024).

E - autoECORreorganização: com um ciclo de eventos transmitidos de forma virtual em 2024, o Congresso da Consciência do Amor teve participantes de norte a sul do Brasil e alguns participantes de outros países, especialmente Portugal e França. O campo de atuação busca trazer um pouco da sabedoria da paz através do diálogo científico e acadêmico.

R - autoecorREorganização: até o fim do primeiro semestre de 2025, não houve mobilização para realização de mais uma edição ou um curso de formação, inicialmente previsto pela Cátedra do Amor e anunciado como programação.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: a Cátedra do Amor concebeu-se a partir de quatro ações: o Congresso Internacional da Consciência do Amor; o Estudo Vivo do Amor (um grupo de encontro periódico para conversar a respeito de obras que tratem do amor; o Amor em Movimento; e os Programas de Educação). O Congresso ocorreu em 5 edições ao longo do ano de 2024, tendo falas rápidas e debates pelas seguintes temáticas: A Natureza do Amor; O Amor nas Relações; O Amor na Família; o Amor na Educação; e O Amor nas Organizações (CÁTEDRA DO AMOR, 2024).

Nível: 6º conectar(corações)-pactuar(intenções)-cocriar(práticas)

metAMORfose: o momento de pausa do Congresso em 2025, que se desenhou em 2024 com uma forma de congregar (caminhar junto) em pequenos momentos (5

encontros em um único ano), pode ser um intervalo para inspiração ou até mesmo para uma nova expiração. Expirar e conseguir vibrar no 7º nível é um grande desafio para que não seja considerado puro misticismo ou até charlatanismo, mas perceber-se e conseguir dialogar com outras linguagens. O *HeartMath Institute* e o *Science and Non-duality*⁵ são exemplos de movimentos que também buscam a abertura nesse diálogo.

4.3.17 Congresso Popular de Educação para a Cidadania

Origem: Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil (CPEC, 2022)

Ano: 2022 - 2025

A - AUTOOcorreorganização: nascido de um movimento que pensou em articular as comunidades e organizações da sociedade civil do município de Porto Alegre, o Congresso Popular de Educação para a Cidadania teve o objetivo de debater e empoderar as pessoas pela educação nas comunidades mais vulneráveis. Ao articular grupos com diversas formações e condições sociais em Porto Alegre, os encontros ocorriam em diferentes pontos da cidade para que as pessoas pudessem conhecer e reconhecer-se por todo o território e compartilhar suas histórias e lutas.

E - autoECORreorganização: a partir do conceito de furar bolhas e conectar as pontas da cidade, destacando as comunidades chamadas de “periféricas”, o Congresso possibilita aos participantes conhecerem os locais pouco ou nunca visitados por moradores da cidade que vivem em regiões distintas (norte, leste, centro, sul e ilhas de Porto Alegre). Em alguns espaços utilizados, o medo na comunidade em função da violência foi decisivo até mesmo para o adiamento de um dos locais.

R - autoecorREorganização: contando com recursos financeiros próprios dos organizadores e com a busca de patrocinadores ao longo dos meses, o Congresso passou a ter uma parcela de financiamento da Embaixada dos Estados Unidos. Ao conseguir articular com os governos municipal e estadual, o Congresso conseguiu a participação dos então prefeito e governador, além de secretários de áreas com interesse na participação cidadã. Um programa estadual anunciado a partir do compromisso governamental foi o RS Seguro COMunidade (RIO GRANDE DO SUL, 2023). Em 2025, o Congresso está previsto para acontecer em sua 4ª edição.

⁵ Mais informações, respectivamente nos endereços: <https://www.heartmath.com/science/> e <https://scienceandnonduality.com/>

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: os objetivos do Congresso em sua primeira edição eram (CPEC, 2022): 1 - Escutar as vozes das comunidades; 2 - Articular uma rede de cooperação entre toda a sociedade; 3 - Estimular a participação de representantes comunitários em espaços de decisão; e 4 - Iniciar uma (trans)formação cidadã. Desenhado para cocriar com a própria comunidade, as edições do Congresso são preparadas em encontros chamados pré-Congresso, além dos dois ou três dias do Congresso e em alguns momentos na sequência dos pós-Congresso.

Nível: 6º conectar(comunidades)-pactuar(transformações)-cocriar(culturas)

metAMORfose: o diferencial de um congresso popular é o de estar mergulhado nos territórios. A cultura, a arte e a religiosidade estão presentes, o que pode trazer muitas vezes a vibração no 7º nível (energizar-sincronizar-emitir). Ao mesmo tempo, a visceralidade do medo e da morte também é experienciada e compartilhada. Um olhar mais intencional para a primeira infância pode ser uma forma de o congresso dar uma nova volta regido de forma mais intensiva pelo amor.

4.3.18 Mundo Bitá - produções audiovisuais

Origem: Mr. Plot, Pernambuco, Brasil (MUNDO BITA, 2025)

Ano: de 2011 a 2025

A - AUTOecorreorganização: iniciado a partir de um desenho criado por um pai, Chaps Melo, para decorar o quarto da filha que ainda nasceria, a produtora Mr. Plot é a aposta de um pequeno grupo de pais que queriam ter conteúdo infantil de qualidade. Após o lançamento do primeiro DVD, em 2014, foram disponibilizados conteúdos em diversas plataformas digitais, trazendo canções e clipes com temas importantes, mas com mensagens leves e artisticamente belas a milhões de crianças e adultos.

Figura 19 - Imagem do clipe da música Meu Pequeno Coração



Fonte: MUNDO BITA, 2016.

E - autoECorreorganização: em junho de 2025, o canal na plataforma YouTube contava com pelo menos 14 milhões de inscritos em apenas uma das várias plataformas que disponibilizam as obras. Cabe destacar que o número estimado de pessoas brasileiras na faixa etária da primeira infância era estimado de 18 milhões, em 2022. Com a grande capilaridade da internet, o público também foi ampliado para a América Latina, com canções em versão castelhana, Portugal e África, por canções em versão no português europeu.

R - autoecorREorganização: além das adaptações linguísticas, o Mundo Bita se ampliou para outros produtos, como o espetáculo musical com bonecos e cantores em turnês pelo Brasil, aplicativos de interatividade e jogos digitais, além de dezenas de brinquedos e roupas. Em 2025, foi iniciada uma pequena série para o Mundo Bita, disponível no canal oficial no YouTube. Quanto às canções, algumas de autoria própria ou em parceria, são instrutivas para determinadas campanhas educativas. Outra iniciativa é a gravação de uma nova versão de músicas famosas no Brasil, algumas vezes cantadas com o próprio artista original, além de composições cocriadas com dezenas de artistas brasileiros.

O - autoecorreORGANIZAÇÃO: composto por uma variedade de produtos que o regeneram, sua expressão principal ainda parece ser a produção musical. Desconsiderando as canções em versões em outros idiomas, listamos mais de 130 canções (ANEXO X), que conforme a própria tentativa de organização, seria distribuída por cinco categorias de álbuns principais: Bitá e os animais; Bitá e as brincadeiras; Bitá e o nosso dia; Bitá e o corpo humano; e Bitá e a natureza. Na página oficial, eles consideram apenas três categorias de produções: Clipes musicais educativos; Curta metragem; e Aplicativos interativos (MUNDO BITA, 2025).

Nível: 3º sentir(alegria)-pensar(belezas)-fazer(ética)

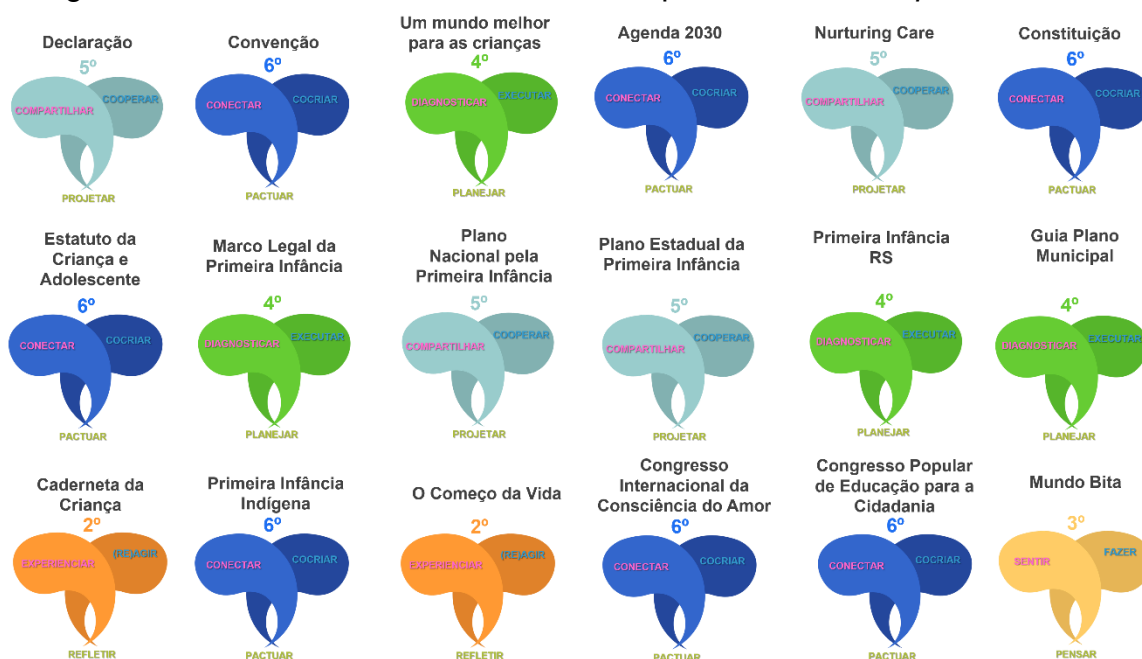
metAMORfose: característico de um projeto artístico, o Mundo Bitá tem se transformado intensamente. Além de um nível de explícito nível de sentir-pensar-fazer (agipensentir), a composição musical e visual é um meio que pode fazer vibrar por vários outros níveis de metAMORfose, como energizar(corpo e alma)-sincronizar(corações alegres)-emitir(alegria). A oportunidade de fomentar nas crianças experiências que adultos têm maiores restrições de agipensentir como energizar-sincronizar-emitir, a partir de suas/nossas características ou microcósmicas ou macrocósmicas, se apresenta como estratégia com potencial de transformação de nós microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos.

Para ver melhor amigo use o coração
Enxergar o que é belo sem usar a visão
Pare pra escutar que no silêncio há uma canção
Deixa bater no peito o tambor da vibração
MUNDO BITA, *A diferença é o que nos une*, 2016.

A composição dessas análises mesmo organizada ainda nos parecem estar em desordem. Mas pelo fluxo AERO, a interação que tive por mais de 6 meses reverberam em cada respiração, assim com elas ainda circularam de forma profunda em mim, às vezes com o vazio do presente, com a inação diante do tanto que não tem como ser dito ou escrito. Amei cada parte e me reconheci vivo ao ser recursivo, hologramático e dialógico com o *corpus*.

Abaixo, apresentamos um resumo dos níveis preponderantes percebidos em cada um dos materiais. A provocação feita em cada uma das propostas de metAMORfoses foi de que os materiais pudessem ser experienciados nos demais níveis próximos (ao inspirar ou expirar) ou até nos mais extremos, como o 1º e 7º, que não foram reconhecidos nesse momento de análise.

Figura 20 - Resumo dos níveis vibracionais percebidos do *corpus* de análise



Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante de tantos materiais que se compuseram em um belo *corpus* analisado pelos princípios da complexidade, entendemos que novos métodos na pesquisa acadêmica em design estratégico podem explorar a arte do próprio ser e seu corpo como uma obra de arte. Além disso, o infinito potencial de apreciarmos o vazio, a não-ação e nossa matéria e energia escuras em cada parte que interagimos. A seguir, propomos uma singela composição a partir de todo o percurso doutoral e da dança com o *corpus* criado.

4.4 Composição acadêmica-artística (criação metAMÓRfica)

As análises de cada um dos materiais trazidos nessa tese poderiam ser desdobradas, dissecadas e reformuladas em infinitas possibilidades de acordo com os padrões ainda categorizados pela nossa ciência tradicional. Até mesmo a mais abrangente e transdisciplinar ciência poderia viabilizar uma tese para cada um dos materiais e, mesmo assim, sabemos que seria insuficiente para descrever o todo de causas e efeitos de cada material.

Os materiais analisados são autoecorreorganizações ora silenciadas, ora sonoras, emissoras de frequências vibracionais agudas, médias e graves. A composição a partir de 3 (três) desses materiais (a Declaração dos Direitos da Criança,

Figura 21 - O silêncio das palavras ilegíveis de 3 excertos do corpus (Declaração, Caderneta e Letras de músicas do Mundo Bitá)

Fonte: Elaborada pelo autor.

De forma singela, elaboramos uma outra composição, a partir da combinação dos 10 princípios da Declaração. Os princípios foram sintetizados em 10 tópicos, que serão simbolizados para cada um dos dedos das mãos. Para cada um dos tópicos, trouxemos pequenos trechos de canções do Mundo Bitá, que são capazes de comunicar de forma indireta os fundamentos de um documento tão importante:

1. Polegar esquerdo: **Universalidade e Não Discriminação**

Música: A Diferença É o Que Nos Une

Trecho: ♪ "Para ver melhor amigo use o coração / Enxergar o que é belo sem usar a visão" "Um pouco de carinho e de bondade / Pra ver que a diferença é o que nos une de verdade" ♪

2. Indicador esquerdo: **Proteção e Desenvolvimento Integral**

Música: **A Gente Cresce**

Trecho: ♪ "Sem parar o tempo segue seu caminho / E a gente cresce pouquinho a pouquinho" "Depois você nasce, vira um neném / Que pra crescer e ficar forte / Se alimenta muito bem" ♪

3 Médio esquerdo: **Nome e Nacionalidade**

Música: **Parquinho**

Trecho: ♪ "Hei, olá / Prazer, em te conhecer" "Tanta amizade a repartir" ♪

4. Anelar esquerdo: **Seguridade Social, Saúde e Bem-Estar**

Música: Para papar

Trecho: ♪ "Tá na hora de papar / Gosto de macarrão / Fome de leão / Quando chega o jantar" ♪

5. Mínimo esquerdo: **Cuidados Especiais para Crianças com Deficiência**

Música: **A diferença é o que nos une**

Trecho: ♪ "Quem disse que não podemos / nunca duvide de nós / somos especiais / quase super-heróis" ♪

6. Mínimo direito: **Amor, Compreensão e Ambiente Familiar**

Música: **Cheirinho de Família**

Trecho: ♪ "O amor é feito um laço / Que amarra firme cada coração" "Família: É nosso lugar / Família: Pra se respeitar" ♪

7. Anelar direito: **Educação Gratuita e Lazer**

Música: **Assim é ser criança**

Trecho: ♪ "Tudo é brincadeira, travessura / Nas lentes coloridas da infância" ♪

8. Médio direito: **Prioridade no Socorro**

Música: **Eu quero ver você me pegar**

Trecho: ♪ "Pique-repique, não se trambique / Cuidado para não tropeçar" ♪

9. Indicador direito: **Proteção contra Negligência, Crueldade e Exploração**

Música: **É fogo**

Trecho: ♪"Onde há fumaça / Há fogo / E onde houver fogo / Deve haver atenção / O fogo é quente muito cuidado / Nunca se aproxime / Dele não!"♪

10. Polegar direito: **Formação para a Paz e Compreensão Universal**

Música: **Todos os povos**

Trecho: ♪"O povo do nosso mundo é tão diferente. Deixa eu contar, que é interessante / Tem gente de tudo que é jeito em qualquer nação"♪

Figura 22 - Os 10 princípios da Declaração dos Direitos das Crianças apontados pela representação dos dedos das mãos



Fonte: Elaborada pelo autor.

Na ilustração acima (Figura 22), propomos um desenho simples para representar os dedos das mãos a partir dos mesmos elementos de Yin-Yang. Conforme o nível de dedicação, poderia ser elaborado uma mão realista por desenho ou então a partir de uma fotografia ou uma escultura. A provocação, porém, que agipensinto é a de que a capacidade inata de cada ser conseguir gerar sua própria mão, com todos os seus detalhes (de ossos, de articulações, de veias, de tom da pele, de rugas, de dobras, de digitais, etc) e a capacidade de regenerar, crescer e substituir as células (entre tantas outras funções) são muitas vezes mais valiosas de serem percebidas. É a nossa capacidade de agipensintir arte, em nossos corpos-tela.

Como em qualquer brincadeira infantil guiada pela curiosidade, a criação pode não ser registrada em alguma forma física, mas ela reage de alguma forma para sempre no ser. Agora em meados de 2025, o governo do Brasil lançou a versão digital da Caderneta da Criança - Passaporte da Cidadania no aplicativo do Meu SUS. A possibilidade de incluir os vídeos do Mundo Bitá, bem como vídeos explicativos para cada um dos tópicos que são descritos no arquivo de texto, abrem espaço para que o

material seja lúdico para as crianças, ao mesmo tempo que todas as pessoas responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da criança também tenham informações fundamentais sobre os direitos, deveres e oportunidades da relação com a primeira infância e o (re)começo da vida.

A cocriação faz-se no diálogo do amor que a mente lógica pode não compreender, mas é sabedora e criadora de toda a complexidade autoecorreorganizadora artista de um corpo-espírito, corpo-tela em respiração. Seja humano ou animal, mas também na materialidade energética de um vegetal, de um fungo, de um mineral ou de uma partícula atômica, é uma manifestação plena de sua composição como microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos. É dialógico. O amor é a fonte criadora e cheia de criações, recursivas, constituidora do todo e representada em cada manifestação percebida e não percebida, hologramática.

Manifesto, por fim, uma composição, que merece ser musicada e/ou ilustrada, dedicada a essa minha nova respiração de primeira infância:

Do nada

1º nível - Energizar-Sincronizar-Emitir

Fez-se a luz

Ainda 95% escuro

Emano calor por fótons

De um breve neutrino,

senti ser um quark

Vibro intensamente e acabo interagindo

Primeiras relações me grudaram por glúons

De próton ou nêutron me classificaram

Elementos combinatórios surgiram e uma tabela criaram

Sou gás, metal, ametal

Sou minério, sou composto, sou fungo

Sou sol, estrela

Buracos negros-galáxias

Íons e ânions

Bomba de sódio e potássio, ATPs,

Vitaminas, DNAs, hormônios, RNAs

Glóbulos de sangue, neurônios, pele e saliva

2º Experienciar-Refletir-Agir

Energia pulsante que traduz trocas do interno com o externo

De fórmulas e reações: um óvulo e um espermatozoide

De reações a relações: amor

3º Sentir-Pensar-Fazer

Corpo se fez, corpo se faz

Respirar e pulsar até ter fome

Choro, raiva e paixão

De uma espécie natural, animal

Deu-se à luz

4º Diagnosticar-Planejar-Executar

Cultivar, semear, colher

Linguagens

Instrumentos

Colher, faca, lâmina, arma

Calendários, planos, táticas

Histórias e mitos

5º Compartilhar-Projetar-Cooperar

De um humano, sociedade

Culturas que chamei de amor

Da visão noturna, estrelas e galáxias

Fonte do fogo, da água, da terra, do alimento

Nutrição

Ar em tudo

Ar em mim

Ar em ti

Respiro

Re-espiritual

Somos tudo em cada parte

6º Conectar-Pactuar-Cocriar

Somos nada em cada parte

Manifestação de informação da holoformação

Com amor, arte

vidAMORte

Ser e não ser

Sem mais questão

7º Energizar-Sincronizar-Emitir

metAMORfose

Em tudo

Em nada

5 CONSIDERAÇÕES RESPIRATÓRIAS: a roda da vida, além da vida

A presente tese não visou inventar ou reinventar a roda, ao contrário, aproximou-se e jogou-se nela ao considerá-la como manifestação potente das realidades e da natureza da nossa própria natureza. E o doutorado em Design Estratégico demonstrou seu potencial de instrumentalizar proposições de ações transformadoras da vida nas rodas espiralares (turbilhões, furacões, crises, desafios ou simples respirações) em que vivemos.

A palavra *consideração* tem origem (etimológica) no latim e remete à junção do prefixo *com-*, que já tratamos antes como referente a *junto*, e o radical *sidus*, que refere-se a *estrelas*. Isso sugere uma história antiga de que *consideração* é a leitura do conjunto das estrelas nos céus para guiar decisões quanto aos caminhos em nossas vidas no espaço-tempo. Ora, sabemos hoje que as luzes que nossos telescópios veem são trilhões de estrelas que se formam e conformam em bilhões e bilhões de galáxias, como a nossa gigante via láctea. E elas apresentam-se em sua versão no passado, há alguns milhares, milhões ou bilhões de anos-luz, que é o tempo estimado para sua luz chegar até nossos instrumentos de percepção (telescópios ou olhos).

Apesar dos muitos avanços, ainda estamos na fase inicial do conhecimento dos cosmos pela ciência, seja no nível micro (como a mecânica e a física quânticas e as dinâmicas das partículas elementares) ou macro (como da astrofísica e da astrobiologia). Porém, a humanidade produz há milhares de anos outros estudos detalhados que merecem ser reconhecidos como complementares, mesmo que contraditórios, ao saber dos cosmos, compartilhados por atemporais cosmovisões e pluriversos, ciência dos povos originários e não-hegemônicos. Como ciência conjunta, composta junta, ela poderia se chamar *cociência* ou então *consciência*.

Para o desenvolvimento desse trabalho, houve um processo profundo de ressignificação e até destruição dos conceitos de uma estrutura tradicional de tese. A tentativa de cocriação da pesquisa precisou ser revista por uma ética amorosa, que buscou estabelecer uma nova relação com o espaço-tempo a ser fonte de análise e que resultou na composição do texto como uma autoecorreorganização em um nível bem mais profundo, apresentado aqui como uma tese viva.

Realizei interações com pessoas potenciais cocriadoras da tese, para avaliar as possibilidades de suas contribuições em pontos importantes, como o problema de

pesquisa, os objetivos geral e específicos, a metodologia e os temas motores da tese, à luz de suas próprias bases epistemológicas. Porém, reconheci que a tese não poderia ser escrita coletivamente, pois mesmo sendo dialógica, ela é autoral.

Por outro lado, acreditei que haveria um maior número de parceiros nas discussões sobre os objetivos dessa busca doutoral. Imaginei que abordar *amor e educação* seria motivo suficiente para engajar muitas pessoas. Verifiquei que a pesquisa acadêmica ainda depende de financiamento para que as parcerias possam dedicar seu tempo de vida em algo coletivo e ao mesmo tempo sobreviver.

Na seção intitulada de “A escola da vida”, no livro *A vida da Vida*, Morin (2011, p.81) inicia o trecho ao afirmar: “Um ser vivo extrai informações do seu ambiente a fim de adaptar as suas ações. O ambiente não traz as informações, mas as condições de extração das informações; por isso cria as condições do conhecimento vivo”. A pesquisa acaba por organizar a partir de cíclicas interações uma forma de extrair as informações do ambiente, como a proposta da metAMORfose.

Até meados de 2023, o Congresso Popular de Educação para a Cidadania apresentou-se como um dos principais espaços-tempos de realização dos trabalhos junto aos objetivos específicos da tese. Porém, os movimentos da vida aqui no Rio Grande do Sul, em 2024, geraram uma desordem no caminho. Tal desordem instrumentalizada pelo design estratégico fez emergir a proposta de análise do *corpus*, realizada no Capítulo 4.

Alimentei meu espírito de busca ao inspirar o **problema de pesquisa: como pode a sintonia da complexidade com o design estratégico instrumentalizar (processos projetuais de aprendizagem e desenvolvimento) pelo amor uma proposta de revolução na educação da vida?** Após tantas inspirações e expirações, avanços e retrocessos, reconheço que o fim da tese não é o fim do caminho.

Ao re-voltar à pergunta do problema da pesquisa, percebemos que o ciclo não se fechou, apesar da escrita da tese estar por encerrar. O problema de pesquisa poderia ser reescrito como: **a sintonia da complexidade com o design estratégico pode compor estratégias de revolução na educação da vida a partir do amor?** Com o trajeto até aqui trilhado, reconheço, ressignifico e agipensinto de forma revolucionária que viver é um constante aprendizado e desenvolvimento que pode ser guiado por competências capazes de gerar pequenas e grandes metAMORfoses. Reconheço-me

como uma autoecorreorganização mais capaz de vibrar para dentro e para fora, para o individual e para o coletivo, em pulsares cocriativos da vida.

Como pesquisador, uma das formas de agipensentir a complexidade é reconhecer que não temos respostas científicas definitivas para os cosmos, para a vida ou nossas complexidades sociais e culturais. Aceito que é assim que os cosmos manifestam-se, mas como humanidade buscamos aproximações, que com o tempo apresentam seus limites, mas que ao mesmo tempo abrem novas possibilidades e desafios para avançarmos em novas pesquisas.

A interligação da pesquisa por meio de conceitos, sentimentos, percepções, experiências, composições, técnicas e tecnologias, bem como por suas contrariedades e oposições complementares, permitiu avançarmos em aprendizados e desenvolvimentos possíveis de reconhecer não haver carência de amor na humanidade a partir da manifestação amplificada da vida.

Nessa composição pelo amor, vida e morte profundamente aproximaram-se. Elas extrapolaram o espaço-tempo e tornaram-se para mim vidAMORte. Agipensinto a eternidade agora.

Respiramos um pouco de alguns termos como energia, vibração e holoformação. O último, pareceu extrapolar espaço-tempo, energias, vazios, vida, pois o todo e o nada seriam a holoformação. O que não conhecemos e nem poderemos conhecer (como o que mal interpreto do conceito de *númeno* de Kant), além de tudo o que conhecemos é uma parte da holoformação. O conceito dialoga com amorfo, transformação, amor, meta-amor, metAMORfose e informação, mas viveu as restrições do agipensentir uma pesquisa doutoral. Após um diálogo com Kaká Werá, ele também afirmou que chamar amor de energia também pode ser uma limitação de algo tão misterioso.

Ter guiado uma abordagem sobre amor através do design estratégico apresentou riscos quanto à viabilidade da proposta de revolução. Mas o que tínhamos realmente a perder? Sofreríamos mais do que já sofremos com a abordagem e as práticas das estratégias de guerra, que são violentas? Buscamos encarar os riscos com leveza, com arte, com alegria, irreverência, criatividade e inventividade, pela *revolução amada*.

A vitalidade da primeira infância fez-nos reabrir o texto (após envio para revisão) para informar o estabelecimento de uma nova política pública brasileira, a Política Nacional Integrada da Primeira Infância (BRASIL, 2025c). Apesar da busca de

intersectorialidade, a coordenação definida para ser feita pelo Ministério da Educação já induz algumas lentes parciais sobre a visão sobre a vida dos pequenos humanos. Porém, a instituição da nova política é o reconhecimento da importância do tema pela sociedade brasileira, bem como confirma a relevância da escolha do *corpus* de análise para rodarmos e compormos a presente e futuras pesquisas para nossa *educação da vida*.

Da emissão mais fria do texto das políticas ao calor da arte e suas múltiplas expressões, comunicam-se e tocam-se almas, espíritos e corpos. Propusemos aqui a composição de um diálogo da ciência com as contradições e incertezas da vida (complexidade máxima que a ciência tenta descrever e prever). Brinquei, respirei, fui guiado e guiei ao me/nos agipensentir microcosmos-indivíduo-sociedade-espécie-vida-macrocosmos. Ao amar cada parte, a primeira infância apresenta-se como uma bela fonte de expressão do todo e do nada da roda da vida.

Do ar que sai em sons da voz, cantarolando, finalizo a partir de uma composição com liberdade poética de três canções: ♪Adoro um amor inventado♪, em que ♪eu fico com a pureza da resposta das crianças: é a vida, é bonita e é bonita♪ e, por isso, ♪eu quero viver nessa metAMORfose AMANTE♪⁶.

⁶ Estrofe das músicas *Exagerado*, de Cazuza, *O que é o que é?*, de Gonzaguinha e *Metamorfose*, de Raul Seixas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2024 GENEVA DECLARATION ON THE RIGHTS OF THE CHILD. **Declaração de Genebra sobre os Direitos das Crianças (2024)**. Genebra, 2024. Disponível em: https://declaration2024.org/wp-content/uploads/2024/11/Portuguese_Declaracao-de-Genebra-sobre-os-Direitos-das-Crianças.pdf. Acesso em 01/07/2025.

AGENDA 227. Agenda 227: Prioridade Absoluta para Crianças e Adolescentes. *In: Agenda 227*, 2024. Disponível em: <https://agenda227.org.br/>. Acesso em: 01/07/2025.

ALBARÁN GONZÁLEZ, Diana. Corazonar: Weaving values into the heart of design research. *In: DC 2022*. Vol. 2, August 19–September 01, 2022, Newcastle upon Tyne, Reino Unido, 2022.

BENTZ, Ione. Transição de Paradigmas no Design: Qual seu Potencial para a Ressignificação de Inovação e Sustentabilidade? *In: Ecovisões Projetuais: Pesquisas em Design e Sustentabilidade no Brasil – Volume 2* (pp.193-204), Cap. 14, 2021.

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. O metaprojeto nos níveis do design. *In: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2, p. 1416-1428. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-ped2016-0120.

BITTENCOURT, Gustavo B; FREIRE, Karine M. Spirituality based codesign. *In: DC 2022*. Vol. 2, August 19–September 01, 2022, Newcastle upon Tyne, Reino Unido, 2022.

BITTENCOURT, Paulo Henrique R. **Design e complexidade**: em busca de um novo ethos projetual. 2021. Tese (Doutoramento em Design Estratégico) - Programa de Pós-Graduação em Design. Porto Alegre: UNISINOS, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10093>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Painel de Monitoramento da Mortalidade. Brasília, DF: MS, 2025a. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10508673/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **SESAI**. Saúde Indígena. Brasília, DF: MS, 2025a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai>. Acesso em: 05/01/2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Informe 07. Missão Yanomami. Grupos de Trabalho, Brasília: MS, 2025b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/coes/coe-yanomami/informes/missao-yanomami-informe-07>. Acesso em: 01/07/2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderneta da Criança**: Passaporte da Cidadania. 7. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/caderneta>. Acesso em: 01/07/2025.

BRASIL, Ministério da Saúde. Sistema de Monitoramento de Nascidos Vivos. 2023. Disponível em: <http://plataforma.saude.gov.br/natalidade/nascidos-vivos/>. Acesso em: 25/11/2023.

BRASIL, República Federativa do Brasil. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília: Diário Oficial da União, 2016.

BRASIL, República Federativa do Brasil. **Portaria nº 964**. Aprova a Resolução MERCOSUL/GMC Nº 04/05 e seu anexo intitulado “Informação Básica Comum para a Caderneta de Saúde da Criança”. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt0964_23_06_2005.html. Acesso em: 01/07/2025.

BRASIL, República Federativa do Brasil. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996.

BRASIL, República Federativa do Brasil. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL, República Federativa do Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 01/03/2025.

BROTTO, F. et al. **Pedagogia da Cooperação**: Por um mundo onde todas as pessoas possam VerSer. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução de Álvaro Cabral, 28ª ed., São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

CÁTEDRA DO AMOR. Congresso Internacional da Consciência do Amor. Encontro 4: **O amor na educação**. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ub8SmqfX8k0?si=g6jDVZtIT1pVqEBk> Acesso em: 15/12/2024.

CEBRAL-LOUREDA, Emanuel; LEE, Mathew T.; HERNANDEZ-BAQUEIRO, Alberto; LOMAS, Tim; TAMÉS-MUÑOZ, Enrique. Love as a concept in academic research: A bibliometric review. **Methods in Psychology**. Volume 11, 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2590260124000195>. Acesso em: 01/12/2024.

CONGRESSO POPULAR DE EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA (CPEC). 1º Congresso Popular de Educação para a Cidadania. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.catarse.me/congressopopulareducacao>. Acesso em: 01/07/2025.

Conselho Estadual Intersetorial pela Primeira Infância (CEIPI). **Plano Estadual pela Primeira Infância do Estado do Rio Grande do Sul (2025-2035) - Versão Consulta Pública** 29/01. Porto Alegre: CEIPI, 2025.

<https://admin.ceipi.rs.gov.br/upload/arquivos/202501/31155522-pepi-v-2-29-01-cp-1.pdf>. Acesso em: 01/07/2025.

FONTOURA, Antônio Martiniano (2002). *EdaDe: a educação de crianças e jovens através do design*. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82554>.

FREIRE, Karine; Org. **Design estratégico para inovação cultural e social**. Porto Alegre: UNISINOS, 2021. Disponível em: http://unisinos.br/seedinglab/wp-content/uploads/2021/08/Ebook-DEICS_20210827.pdf.

FREIRE, K. M. DEL GAUDIO, C. Práticas de Ensino para Designers Sentipensantes. In: Leitão, R. M., Men, I., Noel, L., Lima, J., and Meninato, T. (eds.) **Proceedings of Pivot 2021: Dismantling / Reassembling**, 22-23 July, Toronto, Canada, Design Research Society, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0052>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 52ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Dados do Censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas. In.: **FUNAI**. Brasília: FUNAI, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas#:~:text=O%20levantamento%20aponta%20que%20a,83%25%20do%20total%20de%20habitantes>. Acesso em: 01/07/2025.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Hoje, 1 bilhão das crianças mais vulneráveis do mundo estão em risco extremo. Se o mundo não agir, amanhã serão todas as crianças. Já passou da hora de colocar as crianças no centro da ação climática. In: Unicef Brasil: Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/hoje-1-bilhao-das-criancas-mais-vulneraveis-do-mundo-estao-em-risco-extremo>. Acesso em: 01/07/2025.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). **30 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança**. Brasília: UNICEF, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/6276/file/30-anos-da-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca.pdf>. Acesso em: 01/07/2025.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); Organização Mundial da Saúde (OMS); Banco Mundial. **Nurturing Care Framework for early childhood development**: a framework for helping children survive and thrive to transform health and human potential. Genebra: UNICEF, 2018 <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/272603/9789241514064-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01/07/2025.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Genebra: UNICEF, 1959. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/22026/file/declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf>. Acesso em: 01/07/2025.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); REDE NACIONAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA (RNPI); ANDI. **CARTILHA - Plano Municipal para a Primeira Infância**: um passo a passo para a elaboração. Brasília: UNICEF, 2021. Disponível em: https://www.selounicef.org.br/sites/default/files/2022-02/Guia_Plano%20Municipal%20Para%20a%20Primeira%20Inf%C3%A2ncia.pdf. Acesso em: 01/07/2025.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE). **Plataforma ODS**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em: 01/05/2025.

Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE). **Censo 2022**. Panorama Cidades@, 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama>. Acesso em: 01/07/2025.

Instituto da Infância (IFAN). **Instrumentos de diagnóstico situacional da primeira infância e marco lógico para a elaboração dos planos municipais pela primeira infância**. Fortaleza: IFAN, 2013. Disponível em: <https://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/02/INSTRUM-DE-DIAGNOSTICO-E-MARCO-LOGICO.pdf>. Acesso em: 01/07/2025.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Atlas da Violência 2025**. Brasília: ipea, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: 01/07/2025.

KAPLAN, Lúcia. AMOR, DECOLONIALIDADE E AUTONOMIA: Contribuições metodológicas ao Design Estratégico na cocriação de cenários futuros para uma educação inclusiva e plural. Dissertação (Mestrado em Design Estratégico) - Programa de Pós-Graduação em Design. Porto Alegre: UNISINOS, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/11832/L%C3%BAcia%20Kaplan.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**. 6 (1) Jun, 2001.

KASTRUP, Virgínia; HERLANIN, Caio. A atenção conjunta e o bebê cartógrafo: a cognição no plano dos afetos. **Ayvu**, Rev. Psicol., v. 05, n. 01, p. 117-139, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27403/16003>.

KOTHARI, Ashish (et al.) Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MANDELLI, Roberta R. **Brincadeiras cosmopoiéticas**: uma proposta de design transdisciplinar e abduutivo. 2023. Tese (Doutoramento em Design Estratégico) - Programa de Pós-Graduação em Design. Porto Alegre: UNISINOS, 2023.

MANZINI, E. **Design**: Quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social. Tradução Luzia Araújo, São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2017.

MARTINI, Daniela; MUSSINI, Ilari; GILIOLI, Cristina; e RUSTICHELLI, Francesca. Orgs. **Educar é a busca de sentido: aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos**. Tradução de Marco Romiti. São Paulo: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**, poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.

MATURANA, H.; VARELA, F. **Autopoietic systems**. Santiago: Facultad de Ciencias, Universidad de Santiago, 1972.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **The origin of humanness in the biology of love**. Charlottesville: Imprint Academic, Philosophy Documentation Center, 2008.

MATURANA ROMESÍN, H.; YÁÑEZ, X. D. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. Tradução de Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. COVID-19 no Brasil. In.: **Covid-19 – Casos e Óbitos**. Brasília, 2025. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 01/07/2025.

MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. **O Método 2**: a vida da vida. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

MORIN, E. **O Método 4**: as ideias: habitat, vida, costumes, organização. Tradução de Juremir Machado da Silva. 6.ed., Porto Alegre: Sulina, 2011b.

MORIN, E. **O Método 3**: conhecimento do conhecimento. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4 ed., Porto Alegre: Sulina, 2012a.

MORIN, E. **O Método 5**: a humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5 ed., Porto Alegre: Sulina, 2012b.

MORIN, E. **O Método 1**: a natureza da natureza. Tradução Ilana Heineberg. 3 ed., Porto Alegre: Sulina, 2013.

MORIN, E. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução de: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, E. **O Método 6: ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5 ed., Porto Alegre: Sulina, 2017.

MUNDO BITA. **Clipes musicais educativos**. Audiovisual, 2024. Disponível em: <https://www.mundobita.com.br/>. Acesso em 15/12/2024.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

O COMEÇO da vida. Direção: Estela Renner. Produção: Estela Renner, Marcos Nisti, Luana Lobo. **Documentário**. 90 minutos. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2016.

OBSEVATÓRIO DA SAÚDE DA CRIANÇA E ADOLESCENTE (ObservaPed). Descobrimos o Cartão da Criança: Uma breve história - do lançamento do Cartão da Criança à criação da Caderneta de Saúde da Criança. In.: ObservaPed, 2010. Disponível em: https://ftp.medicina.ufmg.br/observaped/caderneta/Do_CC_a_CSC_13-09-10.pdf. Acesso em: 01/07/2025.

OBSERVATÓRIO DO MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA (OBSERVA). Observatório do marco legal da primeira infância. In.: **Observa**, 2025. Disponível em: <https://rnpiobserva.org.br/>. Acesso em: 01/07/2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Um mundo para as crianças**. Relatório da Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a Criança. Nova Iorque: ONU, 2002. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org/brazil/files/2019-09/um_mundo_para_as_crianças.pdf. Acesso em: 01/07/2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Agenda 2030 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. In. ONU Brasil. Brasília, ONU Brasil, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 01/07/2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989. Genebra, 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 01/05/2025.

PELOTAS, Prefeitura Municipal de Pelotas. **Prefeitura lança programa Pelotas Cidade das Crianças**, 2023. Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-lanca-programa-pelotas-cidade-das-criancas>. Acesso em: 25/11/2023.

PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Movimento Porto Alegre Cidade Educadora promove debate sobre o Plano Municipal da Primeira Infância**, 2022. Disponível em: [https://prefeitura.poa.br/smtc/noticias/movimento-porto-alegre-cidade-educadora-promove-debate-sobre-o-plano-municipal-da#:~:text=Plano%20Municipal%20da%20Primeira%20Inf%C3%A2ncia%20%2D%20%C3%89%20um%20plano%20de%20Estado,\(Lei%2013.257%2F2016\)](https://prefeitura.poa.br/smtc/noticias/movimento-porto-alegre-cidade-educadora-promove-debate-sobre-o-plano-municipal-da#:~:text=Plano%20Municipal%20da%20Primeira%20Inf%C3%A2ncia%20%2D%20%C3%89%20um%20plano%20de%20Estado,(Lei%2013.257%2F2016)). Acesso em: 25/11/2023.

PRIMEIRA INFÂNCIA INDÍGENA. **Documentário**, CIRANDA DE FILMES, 2021. Disponível em: <https://cirandadefilmes.com.br/colecoes/colecao-2021/primeira-infancia-indigena/>. Acesso em: 01/05/2025.

PRIMEIRA INFÂNCIA PRIMEIRO. Eleições 2024: 6 recomendações essenciais para a primeira infância. *In.*: **Primeira Infância Primeiro**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://primeirainfanciaprimeiro.fmcsv.org.br/recomendacoes-eleicoes/todas/>. Acesso em: 01/07/2025.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA (RNPI). **Plano Nacional pela Primeira Infância: 2010 - 2022 | 2020 - 2030**. RNPI: Brasília, 2020a. Disponível em: <https://omlpi-strapi.appcivico.com/uploads/PNPI.pdf>. Acesso em: 25/11/2023.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA (RNPI). Guia para elaboração do Plano Municipal Pela Primeira Infância / Rede Nacional Primeira Infância (RNPI); ANDI Comunicação e Direitos. - 4ª ed. - Brasília, DF: RNPI/ANDI, 2020b. Disponível em: https://omlpi-strapi.appcivico.com/uploads/Guia_PMPI_2020_digital-1.pdf Acesso em: 01/07/2025.

RENNER, Estela. O Começo da Vida. **Video**. São Paulo: TEDxSãoPaulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tpAAu52hxy0> . Acesso em: 01/07/2025.

RIO GRANDE DO SUL. **Primeira Infância Melhor**. Dados PIM. Porto Alegre, 2023a. Disponível em: <https://www.pim.saude.rs.gov.br/site/o-pim/dados/>. Acesso em: 25/11/2023.

RIO GRANDE DO SUL. Estado disponibiliza cartilha sobre escuta às crianças para auxiliar elaboração de políticas públicas para infância. **Notícias**. Porto Alegre, 2023b. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/estado-disponibiliza-cartilha-sobre-escuta-as-criancas-para-auxiliar-elaboracao-de-politicas-publicas-para-infancia>. Acesso em: 25/11/2023.

RIO GRANDE DO SUL. Plano Estadual pela Primeira Infância avança com oficinas temáticas. **Notícias**. Porto Alegre, 2024a. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/plano-estadual-pela-primeira-infancia-avanca-com-oficinas-tematicas>. Acesso em: 15/12/2024.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto amplia número de municípios em estado de calamidade **Notícias**. Porto Alegre, 2024b. Disponível em: <https://casacivil.rs.gov.br/decreto-amplia-numero-de-municipios-em-estado-de-calamidade> Acesso em: 15/12/2024.

RIO GRANDE DO SUL. Lançamento do RS Seguro COMunidades. **Video**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/9BNHpiyawvs>. Acesso em: 01/07/2025.

RODRIGUES, Marilda Merência. **Educação ao longo da vida**: a eterna obsolescência humana. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em

Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92064/261607.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01/07/2025.

SOUZA, Mauricio de. Turma da Mônica: **Convenção sobre os Direitos da Criança em quadrinhos**. UNICEF; Mauricio de Sousa Produções, 2024. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 01/07/2025.

TASSINARI, Antonella (2007). Concepções indígenas de infância no Brasil. **Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/138/144>. Acesso em: 01/08/2024.

TEIXEIRA, J.A.; OLIVEIRA, C.F.; BORTOLI, M.C.; VENÂNCIO, S.I. Estudos sobre a Caderneta da Criança no Brasil: uma revisão de escopo. **Rev Saude Publica**. 2023. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004733>. Disponível em: https://rsp.fsp.usp.br/wp-content/uploads/articles_xml/1518-8787-rsp-57-48/1518-8787-rsp-57-48-pt.x63465.pdf. Acesso em: 01/07/2025.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **Cheias no Rio Grande do Sul**: Base de dados e informações geográficas na Região Hidrográfica do Lago Guaíba e na Lagoa dos Patos em 2024. Página web. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/a81d69f4bccf42989609e3fe64d8ef48>. Acesso em: 15/12/2024.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**. [Parte III]. O Arquipélago. Companhia das Letras, 2004.

WERÁ, Kaká. **Tekoá**: uma arte milenar indígena para o bem-viver. 1ª edição. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

WERÁ JECUPÉ, Kaká. **Tupã Tenondé**: a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.